

# Sob o céu de Bagdá

romance mediúnico

Zélia Carneiro Baruffi  
pelo espírito de Celmo Robel

**EVE**  
EDITORA



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

## Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [www.ebookespírita.org](http://www.ebookespírita.org).



[www.ebookespírita.org](http://www.ebookespírita.org)

# Sob O Céu De Bagdad

Zélia Carneiro Baruffi

Pelo Espírito Celmo Robel

"Esta obra é uma verdadeira dádiva de Deus, como tantas outras que proporcionam aos leitores, uma vez mais, terem noção da vida em outros mundos.

Para alguns, entretanto, ela representa o maior tesouro, pois mostra as condições em que viveram seus espíritos em encarnações passadas, seus erros e acertos, ensinando-lhes as maneiras pelas quais poderão, agora na presente encarnação recuperar-se e meritoriamente evoluir."

O romance é um relato emocionante de amor, sofrimento, renúncias e ódio, vividos intensamente pelos personagens em épocas distantes, na cidade de Bagdá, onde se desenrola essa apaixonante história.

A vingança imposta pelo Sultão Emir Ornar a Farid Camur, rico mercador de escravos, transforma a vida dos personagens desta história mudando radicalmente o rumo de suas vidas.

"Sob o céu de Bagdá", inicialmente com o título de "Almas Sofredoras" foi recebido pela médium em 1960, na pacata cidade da Lapa-PR, onde seu esposo Dr. Walter Baruffi exercia a função de médico. É um romance vivido na Terra por volta do século XVII e que se estende após o desencarne dos personagens, relatando-nos então um novo plano de reencarnação e progresso.

Professora e Médium

Nascida em berço espírita, na cidade de Castro-PR, Zélia Carneiro Baruffi é filha de Victor Ribas Carneiro, escritor espírita e diretor do jornal "Mundo Espírita", e Maria Antonia Marins Carneiro, tendo desde muito cedo contato com o mundo espiritual.

A professora Zélia teve importante papel na criação do serviço de evangelização carcerária na Penitenciária Central do Paraná, fundando ali a Escola Espírita Allan Kardec, em 1978.

Foi secretária do jornal "Mundo Espírita", tesoureira do Albergue Noturno da Federação Espírita do Paraná, por quatro anos, juntamente com seu esposo, que na ocasião dirigia aquela instituição. Trabalhou ainda como Coordenadora do Jardim de Infância da Creche Adolfo Bezerra de Menezes, departamento da FEP. E D I T O R A.

## DEDICATÓRIA:

Dedico este livro aos meus queridos pais, onde quer que se encontrem na Espiritualidade, e aos abnegados instrutores do plano espiritual que me auxiliaram para a concretização deste modesto trabalho.

À minha família, pelo incentivo da realização desta obra - o meu agradecimento profundo. Sem ela, tudo se perderia no tempo e no espaço.

Zélia Carneiro Baruffi.

Curitiba, 26 de fevereiro de 2000.

## INTRODUÇÃO

Com este trabalho e na qualidade de quem ainda muito tem a aprender, queremos divulgar o que para muitos ainda é um enigma - o outro lado da vida, mas que para nós já se tornou uma realidade. Nada do que narraremos através destas páginas é novidade pois antes, outros já o fizeram.

Objetivamos apenas com este relato, confirmar uma vez mais, tudo o que já foi dito por inúmeros irmãos que, como nós, passaram para a espiritualidade. Há vida além do sepulcro. O trabalho aqui existe da mesma forma que na Terra, somente com mais intensidade e mais responsabilidade.

Este é o futuro que aguarda a humanidade do lado de cá.

Nada se acaba com a morte do corpo material. Tudo se transforma e aquilo que fizemos de bem ou de mal, enquanto encarnados, resultará em prol da nossa felicidade futura.

Esta é uma história de amor, ódios, encontros e desencontros, tão comuns ainda nos dias atuais, muito embora nossos personagens terem-na vivenciado em meados do século XVII, em uma pequena parte do oriente médio, em meio a tantas lutas e desacertos tão próprios de uma humanidade ainda em evolução.

Na primeira parte deste trabalho, o leitor encontrará acontecimentos envolvendo personagens desprovidos de quaisquer esclarecimentos quanto ao verdadeiro amor e que farão com que o ódio exploda em seus corações, acarretando sérias conseqüências no aprimoramento espiritual de todos os envolvidos nessa trama complicada de

emoções.

A cidade de Bagdá é o palco onde se desenrola nossa história. Na segunda etapa do livro, relatamos a vida em uma Colônia Espiritual, onde nossos personagens são levados após o desencarne. Lá, existem inúmeros Departamentos e Ministérios, Institutos Educacionais e Câmaras de Enfermos, onde abnegados colaboradores nos dão provas, através do exemplo do amor fraterno, da dedicação constante em prol de seus semelhantes, de que a vida continua após a morte do corpo físico e que somente através do constante estudo e de nosso desenvolvimento moral, alcançaremos um dia a nossa tão sonhada evolução para nossas almas sofridas. Muitos lerão estas páginas com um quê de incredulidade e perguntarão a si mesmos: existirá tal vida? Mas, no' escrínio de suas almas ficará gravado alguma coisa de tudo aquilo que leram e, quem sabe no futuro, lembrarão das palavras que hoje lhes dirijo. Muito se tem falado da vida espiritual através de livros, mensagens e comentários de espíritas e espíritos, mas nunca é demasiado retornarmos ao assunto.

Que Jesus nosso divino Mestre e Amigo nos ilumine a senda e que seus exemplos de humildade, perdão, renúncia e amor, calem fundo em nossos corações ainda sedentos de luz.

Celmo Robel Fevereiro de 2000

## Parte I

### Capítulo I

“Resigna-se com as penas que forcaram impostas ou sofreras mais ainda.”

Não muito longe de Bagdá, em lugar calmo, perdido entre montanhas e arvoredos, às margens do rio Eufrates, erguia-se majestosa vivenda de linhas sóbrias e distintas, com suas torres apontadas para o alto, numa eterna súplica a Alá, o Deus do Oriente.

Trepadeiras graciosas derramavam seus ramos espessos por sobre o telhado formando agradável sombra convidativa ao descanso.

Roseiras caprichosamente dispostas sobre o verde tapete que a natureza ali colocou, espalhavam suave perfume pelo ar.

Completando a poesia do lugar, um escravo aguardava à entrada, na

beira do rio, enquanto tirava, com enlevo, melodias de sua flauta.

A escadaria de mármore conduzia a um rico salão ornamentado de tapeçarias, onde dois homens conversavam.

Abraão Salus trazia na fisionomia visíveis sinais de abatimento. Seus olhos fixavam com atenção o visitante que, gesticulando, falava de assunto que lhe desagradava.

Durante longos dezessete anos, tivera em sua companhia a filha de Farid Camur, a quem muito se afeiçoara e agora ele ali estava para levá-la, arrebatá-la do seu convívio.

Abraão Salus sabia que não poderia exigir que aquele homem desistisse de seu intento.

Seu pensamento conturbado voltou ao longínquo passado... Assinara um documento, há anos, no qual se comprometia naquela data entregar Sarah Camur ao verdadeiro pai, perdendo então toda e qualquer autoridade sobre a menina que crescera ao seu lado.

Qual flor, pequenina e terna, crescera, desabrochando radiante e bela, pagando-lhe com amor e carinho todos os anos de dedicação.

Havia se transformado na filha que não tivera. Tornarase a alegria de sua vida substituindo o filho Marcus em seu coração, pois este morrera logo após o nascimento.

Somente o coração de Fázia não fora tocado pela juvenzinha, que tudo tentara na ânsia de ganhar seus carinhos.

Não queria, não podia compreender que Abraão pudesse repartir com outra, a afeição que lhe pertencia, mesmo que essa outra fosse uma pobre criança indefesa.

Abraão Salus vendo que não poderia modificar a situação criada pela esposa, procurou nos olhos negros e inocentes da criança o lenitivo para sua mágoa.

Assim, crescera entre a maldade de Fázia e a ternura de Abraão que lhe satisfazia os mínimos desejos.

Todos os dias ele a levava para passear em seu barco. Saíam logo ao amanhecer, com a cesta de guloseimas que Sarah nunca esquecia.

Ele adorava vê-la trincar os dentinhos nas frutas na hora em que após longo passeio pelo rio, desciam em terra para o repasto.

Sarah sentava-se então na relva e deliciava-se com os frutos e doces de mel, arrumando de quando em vez os negros cabelos encaracolados que a brisa teimava espalhar.

Abraão então sorria e naquele sorriso estava toda a sua vida.

Quantas vezes pensara, com amargura, no dia em que aquela criança teria que abandoná-lo e refletia com tristeza no sofrimento que

causara a Lamura, a mãe da menina...

Abraão Salus não ouvia seu interlocutor.

Um ruído a seu lado fê-lo voltar.

Ergueu-se e aconchegou ao peito aquela figura querida que acabara de ajoelhar-se a seus pés com os olhos marejados de lágrimas.

Chegara, enfim, a separação.

Nada disseram. Apenas abraçaram-se silenciosos, reprimindo o pranto que lhes embargava a voz.

- Que Alá te abençoe - conseguiu dizer Abraão Salus com indizível amargura.

Farid Camur, adiantando-se, despediu-se pondo termo àquela cena.

Lá embaixo alheio a todo aquele drama, o escravo os aguardava com os animais.

Farid Camur acomodou Sarah, acenando uma vez mais para Abraão, que permanecera junto ao caramanchão, com o rosto inundado pelas lágrimas.

Sarah tentou voltar-se uma vez mais e despedir-se, mas preferiu guardar em seu coração, silenciosamente, aquela lembrança querida. Não quis recordá-lo no último adeus. Aquele que lhe fora pai estava agora perdido em suas reminiscências mais caras.

Farid se adianta e ela pode então, observá-lo mais detalhadamente.

É seu pai. Deverá obedecê-lo e respeitá-lo, mas sente que nunca poderá amá-lo. Ele tornara-se para ela um desconhecido.

Acabrunhada se deixa conduzir. Pensamentos confusos lhe torturam a alma. Nem mesmo a beleza daquela paisagem tranqüila, magnífica, onde tantas vezes sonhou seus sonhos de menina, agora faziam com que seu espírito agitado se aquietasse. Era como se de repente estivesse sendo lançada para fora de seus domínios rumo ao ignoto, por mãos impiedosas.

Nada lhe fora dito a respeito de toda aquela situação. Nenhuma explicação lhe fora dada. Sabia apenas que deveria obedecer aquele homem que ali estava agora, à sua frente, altivo, de olhar forte e enigmático que lhe causava uma estranha sensação de curiosidade e de medo.

Sentia-se cada vez mais presa a um destino incerto. Tinha a estranha sensação de que fortes algemas lhe prendiam àquele homem.

Deixou que as lágrimas rolassem livremente no seu rosto enquanto o pavor tomava conta de todo o seu ser. Queria correr, correr para longe daquele desconhecido que se dizia seu pai e atirar-se nos braços meigos de Abraão Salus, mas sabia que sua partida era inevitável.

E assim, nesse estado de extrema angústia e sofrimento, abandonou a casa amada em companhia de Farid Camur.

O céu começava a escurecer quando os três viajantes alcançavam Bagdá.

A vista da cidade com seus mercadores, dançarinas, encantadores de serpentes, apregoando seus produtos ruidosamente, feira de animais, barracas de tecidos, adivinhadores, Sarah, que permanecera calada até então, inquiriu:

- Aonde vamos?

Sem se voltar, o austero mercador de escravos respondeu: - Ao palácio do Emir.

Um punhal a teria ferido menos. Era o sultão, o homem que a havia separado dos seus?

la finalmente encontrá-lo?

Trêmula, cerrou os olhos procurando controlar-se. Jamais soubera o motivo por que fora enviada à casa de Abraão Salus.

Muitas foram as vezes em que pedira a ele para que lhe contasse a sua verdadeira história; no entanto, obtinha como resposta, que o passado não tinha importância e que o perdão aos inimigos deveria ser uma constante em sua vida.

Por que o perdão?

Ela não odiava, apenas sentia no coração uma grande mágoa por se ver abandonada, distante da sua verdadeira família, a qual apenas conhecia através dos relatos que Abraão lhe fazia de quando em vez.

Era nessas ocasiões que ele lhe concitava a não abrigar em seu coração sentimentos de revolta e vingança contra os seus, pois chegaria o dia em que retornaria ao lar.

Falava-lhe do pai, com grande entusiasmo e admiração, talvez preparando-a para o regresso.

Encontravam-se, agora, defronte ao palácio do sultão com seus enormes portões de ferro, que se abriram de par em par dando-lhes passagem.

No pátio onde alguns soldados da guarda se exercitavam Sarah desmontou e seguiu o pai por uma alameda estreita que terminava em um salão ricamente ornamentado de tapeçarias orientais e jarras indianas onde o aroma de essências perfumadas produzia no ambiente um toque de mistério.

Duas jovens ali se encontravam. À vista dos recém chegados acorreram solícitas.

Farid pediu-lhes que preparassem Sarah para apresentá-la ao sultão mais tarde.

Assim ela ficou entregue aos cuidados de estranhos, naquele ambiente misterioso, cheirando a óleos e essência.

Pela primeira vez após deixar Abraão Salus ela sorriu ao ver sua imagem refletida no espelho momentos mais tarde. Estava deslumbrante para o encontro com Emir Ornar - o sultão.

A existência de pessoas que poderiam ter adquirido juntas conhecimentos que lhes permitiriam galgar mais facilmente os degraus da evolução espiritual, mas que por deslizos foram atirados uns contra os outros. E na ânsia de alcançarem a felicidade terrena mais e mais se comprometeram perante o Pai Celestial.

A menina que fora arrebatada do convívio dos seus pelas mãos impiedosas do sultão Emir quando mal abrira os olhos para a vida, fora por ele condenada ao exílio e sofrimento em companhia de Fázia cuja hostilidade a levaria a odiar e por quê? Não tivesse Farid Camur penetrado o harém sagrado do sultão Emir, Sarah não estaria separada dos seus.

Foi a sentença do sultão:

"Pouparei tua vida, para que morras aos poucos na lembrança da filha que te será arrebatada, no ódio que te devotará Lamura tua mulher, no desprezo que te dará Sarah Camur, a filha da qual nunca conhecerás o carinho porque eu a levarei para longe e a ensinarei a te odiar... Só assim estarei vingado".

E Sarah cumpriu seu destino. Durante dezessete anos viveu ali isolada às margens do rio Eufrates, tendo, como único afeto, o carinho de Abraão Salus.

Reconduzida agora ao lar verdadeiro poderia ela amar a um pai cujo coração jamais conheceu?

E o austero mercador?

Depois de deixar a vivenda de Abraão Salus só um pensamento o preocupava:

"Atingir o palácio do sultão Emir e lá aguardar o final da sentença que o torturava há anos."

Nem um olhar, nem uma palavra de afeto para com a filha que seguia ao seu lado. Encontrava-se desajeitado, um estranho, cuja presença, imposta à jovem, sabia não ser agradável.

Seus olhos quase não haviam se cruzado e as poucas palavras trocadas foram cerimoniais e frias. Que teria aquela menina, arrebatada do seu convívio há tantos anos, para lhe oferecer? Amor,

ódio, desprezo?

O pensamento girava sem parar fazendo conjecturas. E por mais que tentasse, seu coração não conseguia aceitar a filha que fora motivo de tanta amargura em seu lar. Tentara por muitos anos apagar aquela figura pequenina, frágil e indefesa de seus pensamentos, esquecer entre o trabalho e as viagens a figura sofrida de Lamura a lhe cobrar silenciosa toda

a dor e sofrimento que o afastamento da filha lhe causara. Seu lar havia se desfeito, suas noites, seus dias de intermináveis remorsos, contidos no peito, se misturavam entre o orgulho ferido e uma dor, que só ele poderia sentir. No entanto, um misto de amor e ódio se instalara em seu coração. A existência da filha lhe cobrava a todo momento as ações impensadas. Sentia uma vontade quase incontrolável de estreitá-la nos braços, acariciar seus cabelos, recobrar todo o tempo que haviam perdido, levá-la até Lamura e pedir perdão entre lágrimas sinceras, mas sua altivez, seu orgulho, eram maiores. Haveria de continuar seu calvário de sofrimentos calado. Manter-se-ia firme a qualquer custo.

Farid Camur não se curvaria nunca!

Estava agora levando-a para o sultão, cumprindo apenas mais uma ordem. O futuro somente o tempo poderia revelar.

Silencioso, confabulava consigo, esquecido de que talvez daquele reencontro pudesse haver grande mudança em sua vida.

Sua atitude, no entanto, a fazia estremecer, e o nome de Emir Ornar pronunciado tão rudemente fez com que em seu coração se aninhasse a semente do ódio e o desejo da vingança.

## Capítulo II

"Aclara tua mente nas Luzes, tens deveres para com os outros o perdão é um dos ensinamentos do mestre."

Sentada na borda do leito nossa personagem medita. Revê o brilho de satisfação que viu nos olhos do pai quando a fitou.

Ouve, ainda, as exclamações de admiração das servas ao pé de Emir Ornar quando lhe foi apresentada. Ele a fizera permanecer ao seu lado durante a festa onde imperava toda a beleza oriental.

As bailarinas ricamente vestidas apresentavam-se graciosas ao som inebriante das flautas que enchiam todo o ambiente de harmoniosa melodia.

Emir Ornar assistia enlevado àquele espetáculo regado a muita bebida e comida. Travessas de assados e frutas, ricamente adornadas, eram oferecidas aos convivas por belas odaliscas que iam e vinham a todo instante, num ritual interessante e preciso. Estes, juntamente com Farid Camur, discutiam calorosos o comércio de especiarias e escravos, do qual também seu pai fazia parte como um servidor do Emir.

Sarah não conseguia entender como seu pai trazia para o sultão escravos aprisionados em terras tão distantes para servilo. Recordava, agora, ali em seus aposentos, a figura de alguns deles fazendo a guarda e também daquelas mulheres sentadas aos pés do sultão. Seriam suas esposas?

A fisionomia de Emir Omar lhe veio à mente. Era um homem de aparência bonita. Seu rosto era emoldurado por sobranceiras negras e cerradas. Seus grandes olhos amendoados a fitaram por longo tempo, durante a festa, perturbando-a.

Vestia-se com uma espécie de manto azul prateado, cravejado de pedrarias. No turbante branco de seda, brilhava uma ametista. Trazia nos dedos um grande anel de rubi e brilhantes. Os dentes muito alvos, a boca e os lábios sensuais, deixavam antever um sorriso largo.

Quando Sarah pediu licença para se recolher, ordenou apenas com um olhar que as servas lhe preparassem o leito.

Agora em seus aposentos, maravilhosamente decorado com os mais ricos adornos, pensa, reflete, recostada em enormes almofadas coloridas.

Somente ele poderá falar-lhe daquilo que ignora. Não pode, não deve permanecer calada. Pedirá, suplicará aos seus pés, até que aborrecido ele dirá ou mandará enforcá-la.

Adormece em seguida devido às emoções e ao cansaço da viagem. Na manhã seguinte vamos encontrá-la palestrando com Emir Ornar em uma das alas próximas a um grande parque ajardinado, de onde se podia avistar parte dos mercados nas ruas, através do portão entreaberto do palácio.

- Espero que a noite tenha cooperado para teu descanso, Sarah - falou Emir Ornar, ao vê-la recostada no coxim.

- Não pude adormecer tranqüila, pois penso qual será o meu destino. Por um momento Emir Ornar se detém para examiná-la. O silêncio que se faz entre ambos é estarrecedor.

Sarah fita nervosa as roseiras que se agitam tocadas pela brisa matinal, depois seus olhos vagueiam pela relva, pelos

muros, até o céu claro de um azul sereno. Seu pensamento atravessa as ruas, os montes, e se detém muito além dali. Vê então a figura de Abraão caminhando ao seu encontro e juntos atravessam os bosques como antigamente. Mas a voz imperiosa do sultão a traz de volta à realidade.

- Farid possui aprazível vivenda na costa do Mediterrâneo. É para lá que irás dentro de alguns dias - responde entre uma pausa e outra. Ainda esta resposta não satisfaz Sarah.

- Pouco sei de meu pai - aventurou. Não obstante o desejo de conhecê-lo melhor, ignoro tudo sobre minha família. Sou uma estranha para eles. Por caridade orienta-me!

Desconheço a origem deste castigo do qual sou a vítima principal. Por Alá, suplico: conta-me o motivo pelo qual fui separada de meus pais...

Aclara minha cabeça que não entende. Serei sua mais leal servidora, ajuda-me...

Por Alá! diz-me que fez meu pai, que fizeram os meus para tamanho castigo?

O pranto começava a lhe umedecer os olhos, e a voz, embargada pela torrente de emoções incontidas que lhe agitavam o íntimo, se ouvia com dificuldade.

Como se voltasse a um passado longínquo, Emir cerra os olhos. Sarah, Sarah Camur... São recordações que lhe torturam a mente. É preciso que ela continue sofrendo sua sentença. Uma palavra sua e aquela quase menina prostrada a seus pés deixará de ignorar o porquê daquela vingança... Mas ele não falará. Que ela sofra também. Que sofra todas as amarguras que puder. Que ambos, ela e Farid, recebam uma vez mais seu ódio.

Não, não pudera perdoar. Se não matara Farid, fora porque a morte seria pouco para ele. Com toda a fortuna que possuía, haveria de se sentir o mais pobre dos mortais, o mais desgraçado, porque ele assim o queria. Só desta maneira estaria vingado. Aqueles dezessete anos ainda não haviam sido suficientes para aplacar o seu ódio por aquele que violara suas leis e penetrara no Harém Sagrado traindo-lhe a confiança.

Emir relembra uma vez mais a figura esguia de Zaira, uma de suas eleitas. Sente ainda o perfume de seus cabelos a esvoaçar ao vento e a doçura de sua voz melodiosa. Ele a amou desde o primeiro instante. Fora trazida pelas mãos de Farid Camur, o mercador de escravos para o seu harém.

E justamente ele, Farid Camur, o havia traído mantendo com Zaira por longo tempo um romance em segredo dentro de seu palácio, até que uma de suas guardas os surpreendeu.

Zaira temerosa de seu destino em suas mãos, suicidou-se cortando os pulsos e levando com ela os sonhos de Emir Ornar.

Farid Camur, acreditando que sua identidade não seria descoberta pelo amigo, permaneceu ainda nas dependências do palácio, onde costumava ficar por vários dias, como era seu costume, até encetar nova viagem.

Entretanto, almejando alcançar as graças do sultão e novo posto, a guarda denunciou Farid, sendo este então aprisionado, açoitado e jogado nos porões do palácio à espera da sentença.

Por que motivo Emir Ornar não mandara executar Farid, nem mesmo ele sabia...

Por alguma razão desconhecida admirava-o. Nutria por ele uma amizade de irmão...

Apreciava sua coragem, seu orgulho. Não se curvava ante as emoções. Possuía um estranho poder de dominar as pessoas apenas com seu olhar negro e penetrante. Todos se curvavam às suas ordens. Emir Ornar muito embora desejasse extingui-lo da face da terra, naquele momento em que intenso ódio dominava seu coração, não conseguira fazê-lo.

Que estranho poder exercia Farid Camur sobre sua pessoa ele não saberia dizer. Sentia apenas que a presença de Farid Camur a seu lado lhe dava poder, restaurava-lhe as energias, tornava-o ainda mais poderoso. Não, não poderia aplicar a esse homem suas leis comuns. Queria puni-lo de forma mais cruel, queria fazer com que Farid Camur permanecesse a seu lado, servindo-o e sofrendo a mesma dor intensa que agora dilacerava seu coração.

Resolvera então poupá-lo da morte, mas lhe tiraria o tesouro maior de sua vida: sua filha recém-nascida.

Agora ela ali estava, banhada em pranto, suplicando que ele lhe revelasse seu passado.

Não, sua vingança ainda não estava completa. Ele nada diria e nem mesmo procuraria ajudá-la. Para quê? Se como ao pai a odiava também...

Reabriu os olhos como se tivesse acordado de um longo pesadelo e, dominando as emoções, falou deliberadamente:

- Alá reservou a melhor das surpresas para aquela que por minha vontade foi exilada - a volta ao lar.

O passado não deverá ser lembrado. Só a felicidade deves conhecer.

Mas no íntimo do ser, Emir repetia: Só a tristeza deves conhecer, filha de Farid Camur, maldito para sempre através dos séculos.

Sarah recebeu aquelas vibrações de ódio, como um punhal em seu coração.

- Sim, compreendo - murmurou para o sultão, enquanto o pensamento repetia: Como pode este homem odiar tanto e durante tantos anos? Que lhe fez meu pai, pois sinto que ele ainda o odeia. Como posso lhe dedicar amor filial se foi ele o causador de minha dor e tristeza, quem matou em meu coração toda a bondade existente, quem me fez crescer desconfiando das criaturas?

Sim, ela sabia compreender o ódio de Emir Ornar porque igualmente começava odiar e não perdoaria nunca.

Pelas horas sofridas na companhia de Fázia, pelos castigos imerecidos, pelas horas de solidão e amargura, não, não esqueceria.

### Capítulo III

“No palácio do Emir os dias passavam Lentos...”

Sarah fora recolhida ao palácio de Emir, longe dos olhos curiosos do povo entre as suas escravas prediletas. Permaneceu nesse meio durante muito tempo enquanto a ordem para partir não chegava. Uma nova Sarah surgiu. Seus olhos outrora expressivos e carinhosos refletiam agora apenas frieza e ódio.

Não conseguia gostar de nenhuma das mulheres do harém, porém havia uma que lhe chamava particular atenção. Era extremamente bela e estava sempre lhe vigiando os movimentos.

Encontravam-se, naquela tarde, completamente, a sós, à beira do lago.

Talvez o destino quisesse armar uma das suas, colocandoas tão próximas.

Sarah retirara o véu que lhe cobria, deixando que a brisa acariciasse seu rosto pálido. Seus negros cabelos esvoaçavam ao vento e suas madeixas caíam por sobre os ombros bem feitos.

Contemplava serena a paisagem que se descortinava ao longe, alheia à presença de Tulí.

Algo se agitava no íntimo daquela mulher toda vez que se aproximava de Sarah.

Corpo esguio, os cabelos lisos e dourados como o sol que brilhava no firmamento.

Ali tão próximas, era interessante observá-las.

Pareciam duas feras acuadas, medindo-se a distância.

Num ímpeto Tulí se dirige para Sarah e diz:

- Nasceste para reinar no palácio de Emir, entretanto permaneces alheia a tudo como se nada a interessasse. Por que como as outras não foste à festa? - perguntou observando-lhe a face que permanecia imóvel.

- Esqueces que não sou escrava? A mim nada obrigam, não vou às festas do sultão porque as detesto e não quero ser alvo de olhares curiosos... - respondeu a jovem com altivez e desdém.

As faces de Tulí se tornaram rubras ante a resposta ofensiva de Sarah.

Sim, era uma escrava, mas seu orgulho de mulher não fora escravizado e toda a revolta contida em seu ser desabrochou naquele instante.

- Juro, pagarás caro esta ofensa - afirmou. Es por demais orgulhosa para que te mistures com as outras mulheres do harém, mulheres escravizadas por teu pai para o deleite do sultão. Mas, ouve bem o que te digo. Pagarás caro esta ofensa. Foi Farid Camur quem escravizou-me, sabias? Hei de arruinar tua vida e desgraçá-la como desgraçou teu pai a minha vida. Juro por Alá, hei de fazer-te também minha escrava...

Sarah se levanta e enfrenta Tulí com o mesmo ódio nos olhos que a outra demonstrava. Queria feri-la e agora estava satisfeita. Tulí sempre a seguia pelo palácio espreitando-a aqui e acolá, mas por que motivo julgava ela poder escravizá-la, se era livre e Tulí não?

Partiria dentro de alguns dias rumo ao desconhecido e não precisaria mais se incomodar com aquela que agora a ameaçava tão veementemente. E sem responder aos seus insultos, se dirigiu aos seus aposentos, deixando-a para trás envolta em sua revolta, recordando a maneira pela qual fora escravizada por Farid Camur. Seus pensamentos voltam no tempo distante, à sua terra natal.

Pertencia a uma humilde

família de nômades. Seu pai, um ferreiro habilidoso, servia quase todas as caravanas que passavam pelas redondezas do lugarejo, ajudado por seus dois irmãos. Ela, a mãe e as irmãs fabricavam vasos de argila os quais pintavam artisticamente e que depois eram então trocados por mercadorias, peles de animais, tecidos ou vendidos aos

caravaneiros que por ali aportavam em busca dos serviços de seu pai e irmãos. Não possuía maiores ambições. Vivia do trabalho na aldeia e seu futuro já estava definido. Estava prometida a um jovem pastor da aldeia vizinha e se sentia muito feliz.

Mas, naquela tarde inesquecível, quando, vencida pelo cansaço e o calor ardente do sol, resolveu banhar-se no lago, seu destino mudaria para sempre.

Repentinamente, quando já se aproximava da água, foi surpreendida por homens encapuzados que, saltando de trás de um aglomerado de palmeiras, lançaram sobre ela uma malha rendada na qual ficou irremediavelmente presa. Debatendo-se até quase a exaustão, clamando por socorro. Porém, foi em vão. Em alguns instantes já se encontrava jogada sobre um corcel que galopava rapidamente, desaparecendo na imensidão do deserto.

Lembra-se agora que por muitos dias viajaram até atingir uma pequena aldeia onde fora posta juntamente com outras jovens a espera do embarque para terras distantes dali.

Só então percebeu que fora cruelmente escravizada.

Foi ali que ouviu pela primeira vez o nome de Farid Camur, o rico mercador de escravos.

Farid Camur - lembrava ela agora - o rosto sempre coberto por um capuz que saía de suas vestes deixando à mostra apenas dois olhos muito negros e penetrantes.

No tombadilho de seu navio mercante, Farid Camur comandava seus homens sempre com poucas palavras, indo e vindo naquela embarcação, agora repleta de homens e mulheres arrebatados de suas famílias com extrema selvageria.

Nos porões do navio podia-se ouvir sua voz firme e autoritária, traçando rumo às suas vidas que haviam sido jogadas, empilhadas e misturadas à sujeira daquele porão escuro e úmido.

O soluçar angustiante de vozes clamando por piedade, os gritos de desespero de mães e filhas arrancadas de suas famílias, nada, nada fazia com que aquele homem sequer ouvisse seu clamor.

O cheiro forte do mar aliado à total sujeira em que foram colocados lhe provocava náuseas. Eram homens e mulheres, dezenas, centenas.

Não sabia ao certo, pois, se acotovelavam em busca de uma réstia de sol e um pouco de ar puro.

Foram dias e noites terríveis, onde o único recurso era rogar a Alá a salvação das mãos daquele que mudara destinos em troca de um punhado de moedas de ouro.

Era um grito só, na noite, fundindo-se amarguradamente aos gemidos de tantos outros escravizados como ela.

Qual seria a sua sorte?

Pensava nos pais e nos irmãos que ficaram distantes.

Grossas lágrimas que se misturavam ao suor de seu rosto corriam de seus olhos sem cessar. A certeza de não mais tornar a ver os seus dilacerava-lhe o coração como afiado punhal cravado pelas mãos de Farid Camur, o senhor poderoso mercador de escravos.

Farid Camur, alheio ao sofrimento causado por suas mãos impiedosas, aportava aqui e ali comercializando especiarias vindas da Índia e da China. Trazia pedras preciosas, sedas, porcelanas e adornos, os quais mais tarde iria vender aos ricos senhores que eram seus habituais fregueses.

Sua fama havia se espalhado por muitos países. Todos sabiam que não havia melhor comerciante do que ele. Sabia explorar como ninguém o comércio de homens e mulheres.

Conhecido como um tipo calado e frio, tinha um espírito aventureiro, irrequieto, sempre à procura de emoções.

Admirado por mulheres de todos os cantos, se mantinha altivo, orgulhoso e profundo conhecedor do mercado oriental.

Aprendera o ofício de navegador com seu pai e, tão logo sentiu-se capacitado, construiu sua própria frota e partiu singrando os mares à procura de fortuna.

A bravura era uma constante em sua vida. Não havia lei que contrariasse seu proceder. Era sem dúvida o melhor mercador da porção centro-meridional do Oriente, onde se abria vasta planície entre os rios Eufrates e Tigre. Ali viviam ricos senhores em aprazíveis vivendas aristocráticas.

Nessa ocasião, a região ainda era o grande centro comercial e ali reuniam-se caravanas que iam da Índia ao Mediterrâneo.

Era agora, nessa cidade de muito tumulto onde as ciências e as artes estavam ensaiando seus passos, que Farid Camur quedava-se em terra, numa parte da casa do sultão, até novamente encetar viagem.

Tulí relembra cada detalhe da vida de Farid Camur com imenso desprezo por aquele homem.

Ela já se encontrava há muito tempo no palácio do sultão Emir Ornar. Seus lamentos de nada adiantaram, nada podia fazer a não ser sobreviver ano após ano remoendo sua desdita e alimentando cada vez mais o fel da vingança, mas, agora a filha de Farid Camur estava ali. Queria escravizá-la também. Queria vê-la sofrer tanto quanto ele a

fez sofrer, mas como?

A tripulação do navio mercante de Farid Camur se prepara para a viagem. Eram longos os dias que teriam que enfrentar em alto-mar até que atingissem seu destino. Transportavam, além de muita comida, alguns barris de água para os tripulantes e passageiros, que, além de Sarah, eram em número pequeno.

Os dias que antecederam ao embarque passaram-se tranquilos e agora já se encontravam em alto-mar.

Estavam finalmente a caminho da Ilha de Centromel, uma pequena porção de terra em plena costa do Mediterrâneo e longe dos domínios do Emir. A população da ilha era tranqüila e hospitaleira, que sobrevivia do comércio de especiarias e da pesca.

Farid Camur vivera como que adormecido ante os acontecimentos. Evitara pensar. Procurara entre uma e outra atividade não se confrontar com a realidade.

Desde seu encontro com Abraão Salus e o regresso de Sarah para seu convívio houvera radical mudança na sua maneira de ser.

Trazia no coração indizível amargura que não deixava transparecer.

Queria amar a filha, mas como conseguiria apagar de sua mente aqueles anos de sofrimento pelos quais passara?

Não deixava à mostra seus sentimentos, temeroso de que Sarah não o perdoasse. Não poderia permitir que a jovem soubesse o verdadeiro motivo pelo qual fora arrebatada do convívio materno. Não queria sofrer vergonha e humilhação, por isso evitava a presença da filha, deixando transparecer uma frieza que estava longe de sentir. Muitas vezes, sem que ela soubesse, observava-a a distância, apreciando-lhe os gestos e o porte distinto, que em tudo parecia-se com os de Lamura.

Ah! Pobre Lamura! Como pudera ser tão cruel, golpeando daquela maneira, tirando-lhe a filha ainda pequenina para livrar-se da morte? Tinha vontade de atirar-se aos pés da esposa, cobri-la de beijos suplicando por seu perdão, mas o orgulho o impedira de assim proceder muitas e muitas vezes.

Recordava, agora com lágrimas copiosas, que, por fim, haviam-se limitado a apenas trocar algumas palavras quando regressava à Centromel.

Seu orgulho havia criado entre eles uma barreira que não conseguia mais ultrapassar. Havia sofrido a perda da filha, solitariamente. Ele entregue ao trabalho e as viagens, e Lamura, reclusa no lar à espera de que o coração do esposo, que tanto amava, um dia se abrisse para

ela.

Somente Selma, sua filha mais jovem, lhe dedicava afeto, fazendo-lhe companhia sempre que voltava de suas viagens. Costumavam dar longos passeios pelos arredores de Centromel, enquanto Farid Camur narrava à filha suas viagens pelo Mediterrâneo. Falava das grandes tempestades que enfrentava, das novidades de outros cantos, procurava na filha

o afeto que não ousava buscar em Lamura.

Agora mais uma vez a caminho de casa, Farid Camur não sabia o que fazer.

Qual será a reação de Lamura?

E Cara, sua grande amiga, como o receberá no momento final?

Será que poderá agora, finalmente, tentar se reconciliar com Lamura?

Afinal, agora a sentença de Emir Ornar está cumprida.

Seus pensamentos voam soltos emaranhando-se em mil conjecturas. Farid Camur, o poderoso mercador de escravos, tem medo. Medo de amar.

## Capítulo IV

“Em Centromel...”

Centromel é como um paraíso perdido à beira do Mediterrâneo, onde as vagas crespas e ondulantes beijam a areia quente das praias. Suas ruas estreitas abrigam casas brancas e baixas que se cobrem de acácias em flor. As mulheres não ocultam o rosto com véus, apenas usam um manto em torno do corpo que envolve também a cabeça. Os homens vestem sobre a camisa branca um grande manto - o albornoz. E para esse lugar, cercado de imensos coqueiros e tamareiras, que Sarah se dirige levada pelo balanço das ondas do mar. Traz entretanto uma tristeza profunda em seu olhar, arraigado, em seu coração, profundo sentimento de desamor.

Tivera oportunidade de aprender em poucos dias o que é realmente se sentir só. Estar completamente só.

Conhecera parte da vida daquele homem que lhe dera o ser. Não sabia no entanto se deveria amá-lo ou odiá-lo... Em vão procurava compreender os sentimentos daqueles familiares que a aguardavam em Centromel. Como seria a mãe?... Como poderia amá-la depois de tantos anos?

Dominada por cruel tortura em sua alma, sai para o tombadilho do

navio.

A noite está calma. Sarah retira o véu que lhe cobre parte do rosto. A silhueta banhada pela luz do luar... os cabelos esvoaçando fazendo parecer uma figura saída de algum recanto encantado.

Recostada na murada, pensa, recompõe toda a sua vida ao lado de Abraão Salus, a infância despreocupada a correr pelos prados verdejantes e a sua tentativa de se fazer amada por Fázia...

Aos poucos o palácio de Abraão Salus começa a se delinear em sua mente, e doces lembranças lhe acariciam o coração. Revê as trepadeiras floridas, sente o perfume delicado da brisa aconchegante a embalar seus sonhos de menina, as tamareiras... Seus olhos se enchem de lágrimas, sabe que não tornará a rever aquele rosto meigo que tanto amou. Sua vida agora seria ao lado daquelas criaturas que sabia não poderia estimar, daqueles a quem seu coração não aprendera a querer e recusava-se no seu íntimo a aceitar esse cruel destino longe de Abraão Salus.

Grossas lágrimas rolam sobre seu rosto cansado, face às recordações que tomam vulto em sua mente. Já não chora, soluça. Soluça tal qual uma criança.

- Nunca mais voltarei a ver Abraão Salus! - exclama. Nunca mais verei aqueles olhos azuis fitando os meus com doçura e bondade! Só terei olhos frios, corações vazios e braços maus a minha espera! Quem poderá gostar de mim depois de tantos anos de ausência, quem, quem?

Quem saberá compartilhar comigo os sentimentos de meu coração se aquele que se diz meu pai até agora não fez outra coisa senão torturar-me com perguntas inúteis? Que fez o sultão? Que lhe disse ele? Oh! Alá, será que esse homem esqueceu que possuo um coração? Por que não disse o que eu esperava ouvir? Aquelas palavras que Abraão as pronunciava tão bem, mesmo eu não possuindo seu sangue... e como será agora minha vida, qual será o meu destino? - invocava em prantos.

- Alá reserva um destino bom, a tão bonita donzela - fez-se ouvir uma voz ao seu lado.

Sarah volta-se alarmada com aquela aparição repentina.

Quis retirar-se, mas o ancião que estava à sua frente tinha a fisionomia tão doce e tão serena que se deteve.

-Não te assustes, não quero fazer-te mal. Viajo também neste navio e vou rumo a Centromel, minha ilha distante. Não concordo que tão bela jovem esteja tão desesperada. A vida é bela e digna de ser vivida. Por

que razão este pranto doloroso?

Sarah limpa os olhos com as costas da mão, ajeita o manto cuidadosamente e retruca medrosa:

- Oh! não vale a pena aborrecer-te com meu pesar. Não entenderias... Tenho a mente confusa, o coração amargurado, vejo em tudo e em todos apenas hostilidade...

- Para onde vais, acaso não a querem? - interveio o ancião.

- Não sei senhor... não conheço ainda minha família, não sei se me querem...

- Ah! Então posso adivinhar quem seja.

- E fazendo um gesto respeitoso disse: - filha de Farid Camur.

Sarah tenta afastar-se, mas o desconhecido a detém continuando a falar:

- Compreendo toda a dor que vai em tua alma. Conheço vagamente tua história. Não, não quero que lamentes, não devemos nunca lembrar o que nos faz sofrer. Entreguemos a Alá nossos destinos. Repare as ondas no oceano, são calmas. O sussurrar do vento é quase uma melodia! E lá... lá ao longe, além, daqueles pequeninos montes, está Centromel, o teu destino, Sarah Camur. Centromel, a ilha que acolhe a todos. Lá há muito sol e paz. Gostarás, e haverá luz em teu olhar quando contemplá-la.

- Oh! senhor, como tuas palavras são benfazejas...

- Gosto de andar pelo convés do navio à noite quando viajo.

Contemplar o céu, o mar imenso, esta é a minha alegria, mas hoje fico agradecido a Alá por te-la encontrado.

E após uma pausa, prosseguiu:

- Então, estás mais calma? Não, não se preocupe, tudo irá bem desde que aprendas a perdoar.

- O senhor fala como Abraão Salus, mas é tão difícil esquecer...

Sarah ia continuar mas o vulto de um homem emerge das sombras.

Escondido pelas trevas da noite alguém os observava de há muito.

Foi Meliano quem quebrou o silêncio:

- Veja, é meu sobrinho quem veio buscar-me. Teme sempre por mim. Não aprecia que eu me ausente.

O sobrinho de Meliano se aproximou.

- É minha amiga, Celmo - apresenta o bondoso ancião árabe. Conheci-a há poucos instantes e já falamos bastante - e virando-se para Sarah, continuou.

- Vai, minha filha, e que Alá abençoe teu destino.

Ela se afasta impressionada pelas palavras daquele homem, porém a

lembrança dos olhos grandes e expressivos do sobrinho de Meliano a perturbam durante o resto da noite.

Já não consegue pensar em Farid Camur ou em sua família.

As palavras de Meliano conseguiram adormecer suas lembranças, mas aqueles olhos... aqueles olhos negros não pôde esquecer. É como se já os tivesse visto, mas onde, quando?

Celmo Robel... ela jamais o vira antes, mas o conhece. Sua alma sente que já o conhece, mas, quando, se nunca deixara a companhia de Abraão Salus?

Com o sobrinho de Meliano fato idêntico se passara.

Após se recolher no camarote, deu largo curso às suas recordações procurando no recôndito da alma onde encontrara aquele rosto.

Procurava em suas lembranças e ainda continuava a indagar: -

Onde?... Quando?... Ela estava ali, a mulher que sabia já existira em sua vida! Sabia ser sua voz doce e macia como os favos de mel. Seu riso cristalino como as cascatas... mas então por que não se recordava de onde a teria encontrado antes?

E ali sentado, a cabeça entre as mãos, perquiria o porquê dessas lembranças.

Para o nosso personagem, era um mistério, uma alucinação. Ter encontrado Sarah Camur pela vez primeira e ter a certeza de com ela ter vivido, saber o que almejava aquela alma, rebelde e voluntariosa. Como poderia ser?

Era o passado, novamente presente nos caminhos tortuosos da Terra.

Para ele um mistério; para nós, a certeza maravilhosa da reencarnação, proporcionando novamente a oportunidade de reparo e conciliação.

Sem saber os porquês do destino, novamente aquelas almas se sentiam atraídas.

Iniciara-se naquela noite, com a permissão do Pai Maior, uma nova oportunidade de reajuste para aqueles dois corações.

## Capítulo V

“O recomeçar de Sai-ah...”

Três mulheres discutiam os últimos detalhes dos preparativos para a chegada de Sarah.

Lamura, Selma e Cara - esta última herdeira de antigos nobres

orientais e que vivia em Centromel, fiel à família Camur.

Enquanto alvas cobertas enfeitadas de rendas vão sendo colocadas no leito pela serva, Lamura com alegria intraduzível, diz para a amiga o quanto modificará sua vida a volta de Sarah ao lar. Quer cercá-la de carinhos e atenções, quer amá-la, ainda mais para compensar os anos de ausência que passara em profundo sofrimento imaginando como crescera a filha longe de seu aconchego. E se alguma vez Abraão Salus lembrara de pronunciar seu nome com carinho ou se o silêncio total a seu respeito também fazia parte da vingança tão bem arquitetada pelo sultão Emir Ornar.

Mergulhada em amarga espera vivera todos aqueles anos, angustiada por nunca ter recebido sequer uma notícia da filha tão distante de tudo e dos seus verdadeiros sentimentos para com ela. Sua vida, se é que poderia assim chamar toda a sua existência até aquele dia, fora uma longa e penosa espera. Uma espera que fizera com que o brilho intenso que seu olhar possuía aos poucos fosse gradativamente se apagando, bem como toda sua esperança de felicidade nessa vida. Seu casamento se desfizera. A princípio, tentara buscar o consolo no coração endurecido do esposo que muito dissera lhe amar, mas não encontrara naquele homem o afeto que seu coração necessitava para continuar nutrindo a esperança de um dia reencontrar a filha.

Farid Camur, ao contrário do que era de se esperar, tornara-se distante dela. Talvez ciente de todo o mal que causara a Lamura, não conseguia chegar-se, receoso de que lhe fosse cobrada a atitude impensada que destruíra seu lar e sua família. Tinha medo, medo de perder o pouco que lhe restara ao lado de Lamura e permanecera então distante de tudo e de todos, entregando-se ao trabalho e as viagens que se tornaram cada vez mais freqüentes. Fugira, fugira do amor que nutria pela esposa entregando-a à sua solitária espera. Lamura relembrava, quantas e quantas vezes, olhava com indescritível inveja, as crianças que iam e vinham ao lado de suas mães pelas ruas de Centromel, procurando, no sorriso de cada uma delas, o rostinho de sua Sarah.

Lágrimas rolavam no seu rosto sofrido. Tudo parecia irreal, absurdo.

Seu coração já não poderia dizer o quanto havia se amargurado.

Quantas foram as noites em que após todos se recolherem, ela havia saído sorrateiramente, de seus aposentos e descido até o jardim para chorar sua perda. Voltava os olhos úmidos para o céu enluarado e pedia a Alá piedade para seu coração. Sim, havia Selma, sua filha mais jovem e nos olhinhos da filha encontrava uma réstia de

esperança, pois, a ela poderia dedicar seu afeto, seu amor de mãe, mas a figura pequenina de sua primogênita, não lhe saía do pensamento um instante sequer.

Fora brutal e descomunal a sentença do sultão. Somente o imenso amor que nutria por seu esposo fizera com que abdicasse da filha em favor de sua vida. Onde estivera guardado o amor que Farid Camur dizia sentir por ela durante todos esses anos?

Onde estivera trancado o afeto que ela tanto havia buscado? Farid Camur fora por demais ausente de tudo. Bastaria um olhar, uma palavra de carinho, um gesto de afeto e seus dias de angústia teriam se tornado mais amenos, no entanto, deixara que seu orgulho ferido o impedisse de se mostrar realmente como era para Lamura. Sofrera da mesma forma a perda da filha, mas preferira obstruir a verdade com falsas atitudes que aos poucos também afastaram sua esposa.

"Pobre Farid Camur! Quantos males poderia ter evitado se tivesse deixado seu coração sentir todas as emoções que necessitava para crescer espiritualmente. A rudeza de suas atitudes não condiziam com seus sentimentos mais caros.

Aquele homem de poucas palavras, de olhar duro e penetrante, de atitudes ríspidas e frias, na verdade possuía um coração que desejava amar e ser amado. Houvesse ele dado ouvidos aos seus sentimentos, buscado no coração delicado da esposa o perdão para seu ato e tudo teria sido muito diferente.

O arrependimento, o perdoar e o pedir perdão são salutares remédios para as almas enfermas.

Nosso Pobre Camur estava enfermo. Deixara o orgulho se instalar sorrateiro dentro de seu coração impedindo-o de ser feliz ao lado de Lamura e da filha, mesmo que distante. O sofrimento só tem real valor para nosso crescimento espiritual quando ele é aceito dentro de nosso peito com resignação isento de revolta e quando dele nos utilizamos para fazer o bem e não provocar mais males ainda.

Deu-nos Deus, nosso Pai, um poder imenso, de, através do amor e do perdão das ofensas, construirmos nosso destino, modificá-lo se necessário, buscando na compreensão dos problemas que enfrentamos um resquício de luz para transformar a negritude do sofrimento, em luz que aquece e ilumina nossos dias no calvário terrestre.

Farid Camur sofria e fazia sofrer aqueles que somente de seu amor e perdão necessitavam".

Agora, tantos anos depois, Sarah estava a caminho de casa, e Lamura, eufórica, preparando-se para recebê-la. Mandara vir da Pérsia sedas e enfeites com os quais presentearia a filha. Colocara nas prateleiras os mais finos perfumes orientais. Encomendara coxins das mais variadas cores para adornar os aposentos de Sarah. A alegria reinava no coração daquela mãe que tanto sofrera a perda da filha. Para aquelas três mulheres não havia acontecimento mais importante do que aquele que assinalava a chegada de Sarah Camur ao verdadeiro lar. Na manhã seguinte, o navio aportou na Ilha de Centromel. Seus poucos passageiros desceram rápidos. Entre eles, Celmo Robel. Levava na alma estranho pressentimento. Fora feliz até então, mas desde o momento em que seus olhos fitaram o belo rosto de Sarah, algo em seu ser acordara e se agitara dentro de si como coruja agourenta. O sol brilhava no alto quando Sarah Camur amparada pelo braço do pai, deixava a embarcação para o aconchego do lar. Transcrever aqui o que foi aquele encontro seria realizar o milagre de transportar para o papel, os sentimentos que dominam as criaturas humanas nessas horas tão decisivas da vida. Dizer do brilho intenso que havia no olhar de Lamura ao contemplar pela primeira vez o rosto suave da filha que lhe fora arrebatada recém-nascida e agora transformada em linda jovem. Falar da emoção de Sarah ao contato das mãos da mãe... da sinceridade de Selma, que não escondia a alegria... e de Cara, que esperava impaciente poder abraçá-la, também é impossível... Somente Farid Camur permaneceu calado. Seu coração agitado batia descompassadamente. Pela primeira vez em muitos anos, ele abraçou Lamura com ternura. Suas mãos estavam trêmulas e frias. Sentia no peito um desejo imenso de abraçá-la, estreitá-la nos braços e dizer o quanto ainda a amava, mas limitou-se a apenas olhá-la e cumprimentar respeitoso Cara que o observava atentamente. Logo em seguida afastou-se com Selma a fim de que seus sentimentos não o traíssem. Precisava ser forte, não podia fraquejar agora. Em poucos segundos, longe dali, voltava a ser o mesmo Farid Camur, altivo, insensível e orgulhoso.

Mais tarde, Sarah, nos aposentos que lhe foram destinados, deixou que as lágrimas reprimidas, tão corajosamente, caíssem livremente. Cercada assim, de súbito, por tantas manifestações de carinho, sentia-se confusa, amargurada, estranha...

Chegou até junto de uma ampla janela que dava para um parque ajardinado, de onde se podia ouvir o marulhar de uma fonte perdida no meio do bosque e expirou fundo, contemplando a paisagem que se descortinava ante seus olhos. Sentia-se temerosa, como se algo estivesse para acontecer...

- Estou nervosa - pensou, enquanto se dirigia para o leito. Ali estavam todos os presentes que a família lhe ofertara.

Segurou o alvo manto entre as mãos, enquanto cerrava os olhos em preces a Alá. Em seguida se deixou levar pelo cansaço e adormeceu.

Quando reabriu os olhos, momentos mais tarde, divisou o vulto da mãe. Estivera ali, quase todo o tempo, velando-lhe o sono, acariciando-lhe os cabelos, recordando, talvez, um passado distante, cheio de esperanças e que agora sabia não poder vive-lo jamais. Sua união com Farid se perdera no tempo. O sabor do amor vivido nos primeiros anos de comunhão conjugal dera lugar a uma indiferença, mesclada muitas vezes de ódio e do amor que ela ocultava bem no fundo de sua alma.

Apenas deixara-se viver embalada pela ansiedade, na espera do regresso de Sarah. Imaginava que agora fosse possível uma reconciliação com o esposo. Sentia ternura em seus olhos negros quando a olhava disfarçadamente e sentira que o amor ainda estava presente em seu coração quando, há poucos instantes, a abraçara demoradamente.

Percebera que ainda a amava como nos primeiros tempos. Sarah estava de volta, ali entre eles, então por que a frieza que notara momentos após, novamente em seu olhar? Apesar do regresso da filha sentira que o passado ainda continuaria entre eles?

E Farid Camur - pensava ela - terá ele forças para esquecer tudo e buscarmos finalmente a paz e a felicidade que deixamos escapar lentamente de nossas mãos?

Amava o esposo. Sim, ainda o amava mais que tudo. Buscaria aos poucos chegar até o coração daquele que teimava em manter fechadas todas as portas que os conduziriam à felicidade.

Afugentou as lembranças repentinamente, ao perceber que Sarah acordara. Não queria que ela percebesse em momento algum a sua fragilidade de mulher que ainda sente grande paixão no coração.

Com firmeza perguntou à filha que a observava há algum tempo:  
- Então, estás mais descansada? Vou mandar prepararte o banho. Verás como tudo passará e ficarás mais disposta. Descanse bastante e não te preocupes. Tudo estará bem agora que estás em definitivo ao nosso lado.

Sobre a mesinha há uma vasilha com frutas. Lamura se inclina oferecendo-as à filha.

Ela se serve das frutas automaticamente, perdida em seus pensamentos.

- Em que pensas, filha? - pergunta Lamura carinhosamente.

- Em Abraão Salus - responde de pronto. - Lembrome de sua dedicação para comigo. É bom estar aqui, ao teu lado agora, mamãe. Sinto que a quero bem.

E pela primeira vez pronunciou o nome da mãe.

Era o amor filial a desabrochar naquele coração fatigado, que finalmente surgia.

Vencida por esse sentimento que a tornava meiga, Sarah procurou abrigo nos braços da mãe, repousando a cabeça em seus joelhos.

Subitamente, pensou no homem que encontrou na viagem. Quão curiosa é a vida! Estará ele também entre seus familiares?

Aquele quadro silencioso de duas almas sofredoras que haviam finalmente se reencontrado após tantos anos, enfeitava ainda mais a tarde ensolarada de Centromel. Farid Camur, após alguns dias em terra, partiu novamente, deixando a filha entregue aos cuidados maternos. Com isso acreditava ter terminado os dias de calvário da esposa. Quanto a Sarah, a pobre menina tentou várias vezes tocar-lhe o coração, mas encontrava sempre forte barreira no olhar do pai. Não havia entre eles qualquer afeto. De pronto a moça entendeu que deveria dedicar ao pai apenas respeito. Sentia que a mãe se entristecia com a atitude do pai em relação a ela mas não valia a pena machucar mais uma vez seu coração na tentativa de ser amada por aquele homem que nada fazia para merecer o seu amor.

Muitos meses se passaram.

O vento frio e cortante do início do inverno batia incessante nas alamedas estreitas das ruas de Centromel.

Àquela hora, ao anoitecer, quase ninguém havia nas imediações.

Apenas um vulto deslizava ligeiro, desviando aqui e ali dos pedregulhos do caminho.

Envolto em espesso manto branco, aquela figura continuava descendo

a rua que desembocava na praia.

Ali, em uma pequena casa, cercada de palmeiras que se vergavam ao vento, ele se deteve.

Depois de examinar com olhos muito atentos a paisagem marítima agitada pelo vento que se fazia agora mais forte, ele empurrou o pequeno portão e entrou.

Da casa vinha um delicioso cheiro de algo cozinhando.

O recém-chegado retira o espesso manto que lhe cobria parte do rosto e se encaminha para o interior do aposento.

Um rapagão alto e forte veio ao seu encontro com um largo sorriso nos lábios.

- Então, como foi hoje? O mercado surtiu bom resultado?

- Aqui está o produto da venda, respondeu o recém-chegado, retirando do interior do albornoz uma sacolinha contendo moedas que esparramou prazeroso na mesa. - Já podemos com mais esta quantia adquirir o nosso tão sonhado navio.

- Sim, sim - afirmou Lucas, de olhos brilhantes e igualmente negros. - Estas moedas nos trarão a sorte.

E rindo prazerosamente, levantou com as mãos todas as moedas, deixando que caíssem uma a uma, novamente na mesa, enquanto exclamava frenético:

-Alá te abençoe, Celmo, meu caro irmão! Alá te abençoe! Tiveste uma brilhante idéia! Compraremos o navio e singraremos os mares.

Ficaremos ricos!

- Mas, vamos ao que realmente interessa neste momento: comida! Estou exausto, e o frio lá fora tirou-me as energias. Preciso tomar algo quente - pediu.

- Sim, sim, vou servir-te um vinho. Isso ajudará a esquentar. Vinho e pão de mel para celebrar!

Assim falando, Lucas abriu um pequeno armário de onde retirou o pão e a jarra de vinho.

Enquanto sorviam a bebida, Meliano veio juntar-se aos sobrinhos e ali mesmo traçaram planos para a grande compra que tinham em mente. Celmo, Lucas e Meliano Robel seriam proprietários de um pequeno navio. Tornar-se-iam mercadores. Contavam fazer fortuna em pouco tempo.

Lucas, dos três, era o que mais falava do assunto. Profundo conhecedor do mercado, esperava que em poucos anos pudessem contar com uma frota de navios mercantes.

A discussão tornara-se calorosa entre Meliano e Lucas Robel. Os

planos eram traçados na mente de Lucas e iam sendo esboçados no papel...

Em meio àquela entusiasmada conversação, os dois homens não notaram o afastamento de Celmo.

Lá estava ele junto à janela, observando distante de tudo, as palmeiras esvoaçantes, agitando suas cabeleiras dentro da noite, produzindo formas estranhas na areia.

As imagens fizeram com que Celmo, uma vez mais, recordasse aquela noite distante, em alto-mar, quando seus olhos fitaram pela primeira vez o olhar inesquecível de Sarah.

As lembranças dançavam uma a uma em sua mente, desordenadas. Lembranças que ainda continuavam a atormentá-lo. Onde? Quando? Por quê?

As vozes de Meliano e Lucas já não chegavam aos seus ouvidos; eram outras as vozes que ouvia e não podia precisar exatamente de onde eram...

A lembrança daqueles olhos fitando os seus o torturava a ponto de levá-lo àquela loucura. Estaria ele tendo alucinações, ouvindo vozes? Passou as mãos pela frente procurando com este gesto afugentar aquele pesadelo.

- Alá, Oh! Alá! Desde aquela noite que meus olhos fitaram aquela figura divina, não tive mais sossego, falta-me a tranqüilidade. Que estará, se passando comigo?

Seu pensamento vagava. Por vezes tinha ímpetos de procurá-la, falar-lhe, mas não. Sabia que seria impossível. Sua condição de plebeu não permitia que ele sequer a fitasse. Como poderia alimentar estas idéias?- Oh! Alá, afasta de mim este tormento e deixe que eu siga o caminho que escolhi. Não posso infelicitar Sarah Camur com este amor que me consome a alma. Sinto-a em meus sonhos, sinto a súplica daqueles olhos. Oh! Alá, pressinto que também ela me quer. Sei que devo esquecê-la; ajuda-me então. Uma união entre nós jamais seria permitida. Que eu esqueça. Permite, Alá.

E ali entre as sombras da noite fria, Celmo deixou-se ficar longo tempo em êxtase, esquecido do mundo que o rodeava, recordando um passado que não sabia explicar.

## Capítulo VI

“Em..., dá...”

Voltemos a Bagdá e regressemos ao palácio de Emir Ornar - o sultão. Naquela manhã ele mandou chamar à sua presença Nassif, seu homem de confiança e ordenou que expedisse um aviso ao povo de Bagdá.

Oferecia grande recompensa em ouro àquele que indicasse o paradeiro de Tulí, sua escrava favorita, bem como daquele que a ajudara na fuga do harém.

Nas ruas ensolaradas de Bagdá o povo estava agitado, tentando cada qual descobrir, no companheiro, aquele que traía Emir Ornar.

Os mais ousados buscavam nas montanhas e no deserto o paradeiro de ambos, ansiosos por obter a recompensa.

Tudo inútil.

Tulí desaparecera. Não deixara vestígios. Era como se um furacão a tivesse arrebatado da face da Terra.

Embora todos a buscassem, não a encontravam.

E o povo, então, começou a sentir a fúria do sultão.

Homens e mulheres eram injustamente castigados ao menor deslize.

Emir Ornar, cujo passado nunca inspirara a simpatia de seu povo por sua maldade, se tornara um verdadeiro carrasco para aquela gente que sofria, na carne, a vingança desse homem ferido no mais profundo de seu orgulho.

Cada vez mais os calabouços e as prisões se apinhavam de pessoas inocentes, que nada tinham a ver com a fuga de Tulí.

Acobertada por Ornara, Tulí ganhara o Mediterrâneo e aportara na pequena Ilha de Centromel, escondida no navio de Farid Camur, na mesma viagem que levava Sarah de volta ao lar.

Ali poderia viver tranqüilamente longe dos olhos do sultão e onde suas leis não poderiam afetá-la mais.

Também Ornara se sentia livre do domínio de Emir Ornar, seu tio.

Haviam carregado em suas bolsas uma pequena fortuna que iria lhes permitir viver naquela ilha com algum conforto.

Os meses se passaram céleres e o destino novamente se encarregou de reunir no palco da existência terrena, aquelas almas desajustadas e compromissadas para mais uma vez lhes oferecer a oportunidade do perdão e da compreensão.

Ornara ganhara a confiança dos nobres senhores da Ilha e com eles comercializava, o que permitia a Tulí viver luxuosamente.

Em pouco tempo haviam feito sólida fortuna.

Viviam tranqüilamente despercebidos entre o povo de Centromel.

Era seu costume, todas as tardes, descer a encosta da montanha,

onde possuíam rica vivenda, e se misturar aos amigos para conversar e saber as novidades da Ilha que os acolhera.

Foi em uma dessas tardes que ficou sabendo do trágico acontecimento que se abateu sobre a família Camur. Farid Camur fora assassinado.

Haviam-no encontrado morto em uma das ruelas de Centromel com um punhal cravado nas costas.

O assassinato estava envolto em mistério. Sua embarcação continuava aportada na costa e seus homens estavam agora sob o comando de Jamil, um rico comerciante e navegador, amigo da família Camur. Os comentários eram diversos e desconhecidos. Nada se sabia ao certo do ocorrido.

A família tomara as primeiras providências, mas o crime continuava sem solução. As autoridades da Ilha pouco tinham conseguido. Farid Camur era um homem de poucos amigos e, muito embora alguns o temessem, era respeitado e não se tinha notícias de que tivesse inimigos.

Muitos comentavam que esta era a primeira vez que regressava a Centromel após ter entregue a filha para a mãe e que desta feita estava decidido a não mais permanecer tanto tempo em alto-mar. Estaria ele disposto a permanecer mais tempo ao lado da esposa, pois estava cansado das viagens contínuas e queria agora dedicar-se mais à família. Cogitavase de que ele teria pleiteado um posto junto às autoridades locais e que não mais se afastaria de Centromel em viagens.

Farid Camur era um homem muito respeitado e por longo tempo foi pranteado.

Tulí soubera, por Ornara, que Sarah, a jovem que fizera despertar em seu coração um terrível sentimento de vingança ainda no harém, prometera a sua mãe, Lamura, desvendar os motivos para tão misterioso crime.

Sua mente perversa arquitetou então imediatamente um terrível plano: - Eis a minha oportunidade - comentou para si a bela Tulí com os olhos flamejantes. Essa nobrezinha vai pagar-me agora pelos insultos recebidos. Eu jurei faze-la minha escrava... ela riu... zombou de mim... Ah! Essa pretensiosa! Hoje somos iguais... livres nessa Ilha... mas eu vou escravizá-la como prometi...

Pelo cérebro de Tulí mil pensamentos e planos de vingança se agitavam e tomavam vulto, formando quadros de deleite em seu espírito envolto na mais triste das ilusões.

- Vou matar todos os teus sentimentos... A morte de Farid vai me proporcionar os meios de que necessito para realizar a minha esperada vingança... Tu, miserável, terás finalmente sido útil em minha vida, vais me ajudar a destruir tua própria filha. Tua morte veio a calhar... Será tão monstruoso o que vou arquitetar que ela fugirá horrorizada, enlouquecida de dor. Só assim estarão vingados os olhares de desprezo que me dirigia no harém. Serás minha escrava finalmente, juro! Será só uma questão de tempo. Irei procurá-la ainda hoje e verás, maldita, quem vencerá desta vez... Com efeito, ainda naquela tarde, Tulí mandou um mensageiro à casa dos Camur com um recado para Sarah. Na mensagem que mandara, pediu que ela viesse à sua casa, na encosta da montanha; tinha algo a revelar-lhe com relação à morte de seu pai. Mostrava-se pesarosa com o ocorrido e afirmava que enviaria uma condução para apanhá-la à hora combinada. Que o segredo do encontro fosse mantido a qualquer custo! Sarah não teve dificuldades em lembrar da fisionomia de Tulí e agora ali, com o bilhete entre as mãos, a revê tal qual a deixara há quase dois anos em Bagdá. Nesse momento um sentimento estranho tomou conta de seu ser. Rápida, decide-se. Sim, irá vê-la, mas, já não é por seu pai, mas, sim, imbuída pelo desejo de que ela seja descoberta e novamente enviada de volta a Emir Ornar. Deseja feri-la... humilhá-la... Cresce em seu ser, agora agitado, esse desejo estranho também de vingança. - Ah! Se eu pudesse bani-la de minha presença... - exclama - mas antes preciso certificar-me da razão deste bilhete. Mas que ousadia! Diz saber algo relacionado com a morte de meu pai... que terá Tulí para dizer que eu já não saiba? Que segredo será esse que envolve a morte de meu pai e o nome dos Camur? Sem perda de tempo, desce as escadas que conduzem ao pátio externo. Lá em baixo, a condução a espera. Uma sensação estranha lhe invade o ser. Sente o coração bater desordenado dentro do peito como que querendo avisá-la de um perigo iminente. Tenho um pressentimento... Algo que não sei definir!... É como se fosse perder minha liberdade... sinto-me amarrada... é como se minha alma estivesse aprisionada... - murmura. Passa as mãos frias pela fronte, ajeita nervosamente o manto que lhe cobre os ombros e automaticamente volta os olhos pela estreita janela da carruagem que desliza veloz pelas ruas. Lá fora o burburinho dos

pescadores vai ficando para trás e a jovem pressente que está chegando ao seu destino.

Aos poucos a condução vai diminuindo sua velocidade.

- Já estamos chegando, preciso ter calma - pensa ela enquanto respira fundo tentando acalmar seu Espírito conturbado. - Que Alá me ajude!

Antes porém, corre os olhos à sua volta, certificando-se de que ninguém a seguiu. Depois observa lá em baixo a Ilha, com seus barcos ancorados na praia, e uma sensação de paz invade o seu coração momentaneamente.

A residência que Tulí escolhera ficava no alto, cercada de altas palmeiras que se agitavam com a força do vento formando agradável espetáculo a quem quer que por ali passasse.

Sarah quedou-se por alguns instantes observando tudo atentamente, haurindo estranha energia.

Dir-se-ia que estava sendo preparada para aquele encontro. Não precisou aguardar por Tulí. Uma serva a estava esperando à entrada principal.

Sarah andava com altivez. O luxo que ali imperava~fazia lembrar alguns dos salões do palácio de Emir Omar.

Das janelas pendiam reposteiros em tecido adamascado que se misturavam a coloridas almofadas em seda dispostas no chão de mármore muito alvo. Vasos chineses adornavam todo o ambiente que, com toda a certeza, demonstravam o status que a proprietária alcançara.

Tulí se encontra recostada em um coxim rubro, saboreando calmamente um copo de vinho.

Repentinamente Sarah sente uma aversão estranha e agressiva por Tulí.

À chegada de Sarah Camur, apenas levanta os olhos e lhe indica um lugar próximo ao seu.

Ela sabe o que vai fazer e antevê o sabor da vitória deliciando-se com aquela presença.

- Quem poderia prever que um dia nos encontraríamos longe do palácio de Emir Ornar e em situação bem diversa! - exclama repentinamente. Sim, porque agora somos iguais, minha bela Sarah. Como vê, já não possuo as algemas da escravidão...

- Vamos diretamente ao que me traz a tua presença. Vim até aqui para saber algo relacionado com a morte de meu pai. Diga pois do que se trata - pediu com energia - visivelmente contrariada.

Tull depositou o copo sobre a bandeja que a serva lhe estendera e a um sinal seu esta se retirou, fechando a pesada porta atrás de si. Em seguida, volta-se para Sarah. Havia ódio em seu olhar.

- Pois bem, vamos ao assunto. Mas antes, falarei de teu pai, das coisas que ele fez a nós, pobres vítimas escravizadas pelas suas mãos.

- Isso não me interessa - atalhou Sarah. Não vim aqui para desvendar o passado de Farid Camur. Se ele assim procedeu, era seu trabalho. Quantos homens do mar não são mercadores de mulheres? - retruca com desdém.

- Você poderia ser uma escrava... - insinua Tulí, olhando-a de alto a baixo. - Com essa beleza...

- Basta, Tulí! - intervém Sarah, irritada. Bem vejo que nada tinhas a dizer-me!

E levantando-se, se dispõe a deixar a residência da exescrava, mas ela com esperteza intervém:

- Por Alá! Tenho realmente necessidade em te falar... eu não queria magoar-te, - continua com fingida emoção - com esta revelação... mas sinto que já não posso guardar este segredo! - E continuando a simular um sentimento que não possuía, prossegue. - Sarah, naquela noite, a do crime de teu pai, eu voltava de uma festa em companhia de Ornara... Oh! é horrível... tivemos medo e nos calamos... mas hoje... Sarah, preciso falar, nós presenciamos o crime, creio que somos as únicas testemunhas daquela noite fatídica.

- Que estás me dizendo? Por que motivo não falaste antes?

Tulí rejubila-se com a expressão de espanto que surge no rosto da outra.

- Apenas por um motivo - afirma Tulí com os olhos fixos nos de Sarah. Tive pena da situação em que ficarias se eu...

Sarah se levanta e segurando Tulí pelos ombros, ordena imperiosa:

- Explique-se de uma vez. Não gosto de brincadeiras...

Tulí faz um gesto amplo com as mãos e, soltando-se de Sarah, prossegue:

- Bem, se eu falasse, o nome dos Camur seria enxovalhado e tu sofrerias muito e eu não quero que isso venha a acontecer... eu estava disposta a calar para todo o sempre, mas Ornara... bem, ele pensou tirar proveito da situação... de tua mãe...

Um calafrio percorre o corpo de Sarah.

Tulí quer saborear cada segundo daquela vingança e continua então, pausadamente, atenta a cada detalhe nos olhos da jovem.

- Achei que deveria adiantar-me em avisar-te. Quem sabe não chegaremos a um acordo? - fala Tull com cinismo.

-Não entendo, não entendo... tu queres me enlouquecer? - exclama, deixando cair os braços ao longo do corpo.

Após alguns segundos premeditados, Tull finalmente fala:

- Ornara viu quando Lamura enterrou o punhal nas costas de teu pai e quer delatá-la, a menos que seja pago por seu silêncio! - grita Tull, com histerismo. - Entendes, Sarah, entendes?

A jovem, de um salto, agarra Tulí pelos ombros sacudindo-a freneticamente enquanto repete:

- Mentirosa, mentirosa, tu estás mentindo, víbora e infeliz... Minha mãe? Minha mãe, não, não... é mentira! Eu não posso crer - exclama desordenada. - Proves que é verdade ou eu te estrangulo agora mesmo, juro, juro por Alá que te mato!

Por um instante Tulí teve medo daquela criatura que esbravejava à sua frente agarrada ao seu corpo sacudindo-a violentamente, e pensou em recuar.

- Solte-me, Sarah, gritou com energia. - Não sejas tola, não percebes que assim não chegaremos a nada? Não posso provar coisa alguma, já disse. Somos as únicas testemunhas daquela noite horrível! - e fazendo uma pausa continua após certificar-se de que Sarah se dava por vencida.

Ornara pensou em falar a Lamura e em cobrar um preço alto pelo seu silêncio... mas... por que não deixarmos Lamura sossegada? E, com maldade premeditada, prosseguiu - tu poderás livrar tua mãe da terrível situação em que se encontra - murmura como se dividisse com Sarah sua dor - dizer a ela o que sabemos seria matá-la. Como poderia ela continuar vivendo, sabendo que a qualquer momento poderiam denunciá-la? Oh! atormentar-se-ia para o resto de seus dias... - exclama Tulí, levando as mãos ao peito, forjando uma forte emoção.

- Não, não... - prorrompe em prantos a jovem - não posso crer... digas que é mentira, que tudo não passou de um mal-entendido. Por Alá, digas que é mentira...

- Não posso... - repete Tulí, enquanto observa satisfeita o quadro que se apresenta à sua frente - O que te disse é a verdade, e Lamura pagará pelo silêncio de Ornara...

Ah! os desígnios de Deus. Justos e sábios. Sarah adentrara a casa de Tulí com o firme propósito de ferir e humilhá-la; agora, no entanto, sentia-se infeliz e arrependia-se amargamente por ter procurado

aquela mulher que, sem piedade, acusava sua mãe.

Não sabia se tudo aquilo era verdade, mas pressentia que Tulí seria capaz de praticar...

Seria Lamura uma assassina? Oh! não podia admitir esta monstruosidade, mas pagaria o preço que Tulí exigisse. Lamura não sofreria, ela não permitiria que isso acontecesse.

Sentia-se capaz de qualquer sacrifício pela mulher que lhe dera a vida e que muito já sofrera...

Sarah continuava ali, soluçando sem forças para reprimir o pranto que lhe inundava a alma.

- Tu tens o que sempre desejaste... a liberdade. Por piedade deixe-nos em paz... Tu não sabes os motivos que levaram minha mãe a ... oh! É desesperador pensar que... esqueça o que viste... - implorou Sarah. - Alá te recompensará... minha mãe é uma alma boa... ela não faria, não minha mãe...

Tulí se deliciava. E no peito o coração batia descompassadamente. Mal podia conter o riso de satisfação que aflorava em seus lábios maquiavélicos.

- Se não desejas que ela sofra... compra pois o meu silêncio. -

Conseguira, finalmente conseguira, pensa ela.

Sarah não responde. Maquiinalmente apanha o manto e ganha a saída.

Assim que se vê só, Tulí deixa cair a máscara que ostentava na presença da jovem e rodopiando pela imensa sala recoberta pelo frio mármore, brada:

- Agora estou vingada, Sarah Camur! Tu serás minha escrava! Escrava dos meus desejos. Estás a meus pés e serás minha escrava enquanto durar tua existência. Uma gargalhada nervosa, misto de vitória e loucura ecoa por todo o aposento.

Sim, Tulí mentira. Mentira para que sua vingança fosse completa, para que Sarah Camur ficasse à mercê de suas mãos, para que sua dor fosse infinita. Ela estava vingada. Mas, por quanto tempo mais seu espírito se complicaria?

## Capítulo VII

“Na calma..., ...dor e o medo...”

Sarah dispensou a condução nas proximidades da praia. Queria estar só, pensar em tudo o que lhe fora dito e em todos os acontecimentos

na casa de Tulí.

Não podia acreditar em nada do que ela lhe dissera. Era monstruoso demais o que ouvira, no entanto Tulí afirmava com tanta convicção!

Ela não podia admitir... Lamura uma assassina?

Não era possível! Sentia que a mãe amava seu pai... por que então Lamura haveria de matá-lo? Não, não tinha sentido as palavras de Tulí, mas e se realmente fosse verdade... se realmente Lamura tivesse assassinado seu pai?

- Não, eu não posso permitir que a vida de Lamura seja novamente destruída por mãos impiedosas... - pensa enquanto se dirige para uma embarcação de pescadores que se encontrava perto de uns arbustos. Olha ao redor, certificando-se de que não há mais ninguém na praia exceto as gaivotas que sobrevoam o mar em delicados movimentos por sobre as ondas, que a todo momento banham seus pés, agora descalços.

Aqui estarei melhor - pensa ela enquanto se aproxima do barco. Alá me ajudará a tomar uma decisão, com certeza.

Em seus pensamentos revê a figura da mãe e recorda o sofrimento pelo qual ela havia passado durante tantos anos de sua ausência...

Recorda Abraão Salus e seus pensamentos voam no tempo feliz que viveu a seu lado. Eu sentia que seria assim. Desde o instante em que deixei meu bom amigo, há um estranho pressentimento comigo.

Abraão sempre me falava em perdão... em não guardar rancor... mas como não hei de odiar aqueles que infelicitam minha vida? Como não hei de odiar Farid Camur se foi ele o causador de toda esta desdita? Só ele fez Lamura sofrer. Foi por causa dele que fui arrebatada de seu convívio... Por que então não odiá-lo, por que então não desejar que sua alma pene nos abismos mais profundos?...

Ah! se Farid Camur não tivesse errado!... Hoje Tulí não estaria em nossos caminhos... Sei que é tudo mentira... mas e se for verdade o que afirmou com tanta certeza? Ah! nem assim eu poderia odiar Lamura, nem assim...

Sim, eu pagarei o que ela quiser contanto que evite este dissabor à minha mãe. E calúnia, eu sinto. É uma vingança de Tulí, contra Farid Camur, eu sei que é assim, mas por que terei eu que pagar por seus erros? Tulí me odeia, senti isso no primeiro momento em que a vi. Estava sempre a me vigiar.... olhando-me com aqueles olhos raivosos, invejando a minha liberdade. Por quê? Por que sou a filha de seu algoz?

Ah! por que não ficou lá em Bagdá no teu lugar? Tulí maldita! Que

vieste buscar nesta Ilha onde pensei encontrar a tranqüilidade ao lado dos meus?

Sim, quem poderia supor Tulí, a escrava de Emir Ornar, livre, livre nas ruas de Centromel! Talvez tenha vindo em busca de Farid Camur... Talvez sua vingança fosse para ele... mas ele já não existe... está morto. Eu pagarei pelo crime de te-la escravizado, mas minha mãe, não. Juro que ela nunca saberá quem é Tulí e o que faz nesta ilha. Que ironia! Sinto que serei escrava em suas mãos, Tulí\_ Uma palavra tua, um gesto teu e Sarah Camur cairá a seus pés, implorando-lhe misericórdia para que aquela que lhe deu a vida não sucumba de vergonha ante uma calúnia tão infame! E até quando durará sua vingança? Seu preço não será apenas um, eu sei, serão muitos os favores que pedirá... eu os pagarei, eu os pagarei até minhas forças permitirem, depois... depois...

Cerra os olhos, vencida pela dor que lhe causam aquelas reflexões que sabe serem verdadeiras.

Repentinamente um bálsamo suavizante de energias magnéticas desce lentamente até ela.

Um aroma de flores lhe penetra as narinas adormecendo seu coração doído enquanto seus braços caíam livremente vencidos por aquele torpor agradável que invadia seu corpo.

O marulhar das ondas chegava agora aos seus ouvidos e de muito longe trazia com ele, talvez saída das profundezas do oceano, uma voz, calma e doce, que pouco a pouco penetrava em seus pensamentos fazendo-se ouvir claramente:

"- Sejas forte na adversidade, filha querida, ninguém está só no mundo... Prepara-te para demonstrar Alá o teu reconhecimento por aquela que te deu a vida e com a qual poderás resgatar teus débitos dolorosos.

Não vaciles agora, demonstre tua sabedoria procurando dentro de ti o que de mais sábio Abraão Salus soube te ensinar. A força moral para venceres os teus inimigos. Perdoas sempre em quaisquer circunstâncias. Não deixes o espinho da dúvida penetrar em teu coração. Alá te chama ao dever.

Vai a ele, sim, mas com a alma sublimada e o coração livre da peçonha do mal. Acima de tudo esqueças as coisas que te fizeram. Volta, Sarah, volta aos teus com o coração limpo daquele ódio que agora tua alma grita. Volta, Sarah, e perdoa, perdoa sempre..."

- Não - debatia-se Sarah naquele torpor - não posso perdoar. É impossível. Farid estrangulou os sonhos mais lindos da minha

existência. Quando teve ele a oportunidade de resgatar meu amor, o que fez? Nem sequer me dirigiu uma palavra de afeto... e eu esperava tanto daquele desconhecido... eu trazia então o perdão nos lábios, mas... a frieza com que me tratou, reabriu a ferida em meu coração... Não, eu não posso perdoar. Meu coração teria aceito o carinho de meu pai se ele tivesse também amor para me ofertar... Perdoar... esquecer... Não, não posso. Ele é ainda a causa dos meus dissabores. É ele ainda que continua a perseguir-nos mesmo de lá de onde se encontra... Oh! não sei o que digo, ouço ainda o grito de Tulí a dizer que Lamura é uma assassina... Como, como posso perdoar? Lentamente aquela sensação estranha e ao mesmo tempo tão reparadora que envolvia todo o seu ser vai se dissipando e Sarah abre os olhos de mansinho, guardando ainda em seu Espírito aquelas palavras que ouvira e que sua alma relutava em compreender. Pôde ver as águas que se agitavam à sua frente e se perdiam na distância...

- Ah! Alá, desejaria ser corno antes! - murmura entre lágrimas - paz, Alá, eu quero a paz que já não tenho... eu quero a felicidade que julgava não conhecer. Oh! Alá, no meu exílio, quantas vezes blasfemei contra o meu destino... quantas vezes orei para que tu me restituíesses a família que me fora roubada... Ajuda-me... eu era feliz, mesmo em meio a hostilidade de Fázia, eu era feliz!

Sinto que preciso ajudar Lamura... talvez para mim ainda haja em alguma parte do mundo um pouco de felicidade, mas para ela... Esteve à minha espera por 17 anos, sofreu resignada porque sabia que um dia eu voltaria e compensaria seus tormentos. Sim, Alá, eu compensarei minha pobre mãe ainda que tenha que mentir... ainda que tenha que destruir minha vida... eu a livrarei das garras de Tulí... Perdida em meio a seus pensamentos, fita novamente o lugar onde se encontra, como se estivesse vendo pela primeira vez. Olha o mar... as montanhas muito além... a embarcação que lhe servira de abrigo... e uma nova sensação de conforto lhe invade o ser. Sarah sente em seu coração, repentinamente, a paz que tanto pedira. Levanta-se e caminha na areia molhada sentindo o fervor da noite acolhedora: Observa então tiiñà inscrição fio barco à sua frente. Aquela embarcação pertencia aos Robel, e um pensamento lhe atravessou célere a cabeça:

- Se eu voltasse a encontrar aqueles olhos negros, seria mais feliz... - confortada por tal pensamento, dá a volta na embarcação observando-a atentamente.

Absorta, não percebe a presença de um vulto envolto na escuridão da noite.

Era Celmo Robel que inspecionava a embarcação, como era de seu costume todas as noites.

Quando percebe a presença do jovem, quer fugir, esconder-se. Sente-se encabulada, porém ele já percebera sua presença e vem ao seu encontro como se já a esperasse há muito...

Nada lhe diz. Olha-a profundamente nos olhos, e as palavras se tornam desnecessárias naquele instante.

Toma-lhe as mãos ternamente e a conduz pela praia, silencioso, tentando reprimir no peito toda a emoção que o reencontro lhe causava.

Sarah deixou-se levar calada, sentindo a brisa da noite embalar seus cabelos negros e experimentando uma profunda alegria tomar conta de seu coração que tanto sofria.

## Capítulo VIII

“Os desígnios de bens...”

"Deus colocou o homem na Terra para, através do trabalho, do estudo e da renúncia, ascender a mundos elevados. A cada nova existência o Espírito avança no caminho do progresso. A vida lhe foi dada como prova ou expiação, mas dele depende amenizar seus males e ser tão feliz quanto pode ser sobre a Terra".

Allan Kardec

Quantas vezes as criaturas terrenas de hoje têm buscado na prece o recurso para prosseguir na luta? Pois assim foi e será sempre...

A prece conforta a alma, eleva o homem até os seres superiores e, se não tem o poder de suprir de imediato as aflições, sublima o Espírito preparando-o para a luta.

Sarah pedira com o coração depositado aos pés de Alá e obtivera a coragem que necessitava para seguir avante, no que julgava ser seu dever.

Agora, de olhos límpidos suavizados pela esperança que o encontro com Celmo despertara, sente-se com forças para enfrentar a inimiga do passado.

Para nós do mundo invisível, que conhecíamos o pretérito daquelas duas almas, era mais uma oportunidade concedida a fim de que

através daquela aproximação redimissem suas almas...

O atrito começara na Bagdá distante, quando pela primeira vez ambas se defrontaram.

Cabia a elas agora o dever de se estimarem.

A fuga de Tulí provocara a ira de Emir Ornar e havia posto toda uma vida a perder.

Soubesse Tulí sofrer a marca da escravidão... soubesse Ornara conquistar o coração do tio... tivesse o amor abrigo em seus corações e não a ambição, a vaidade, o orgulho e o amor excessivo às coisas efêmeras da vida... tudo seria diferente.

A todos careceu orientação, fé e esperança no futuro.

Seus Espíritos foram culpados por aquilo que fizeram e por aquilo que poderiam ter feito.

Unidos nas lutas terrenas novamente, muito poderiam terse perdoado e muito amado. Vejamos:

Farid Camur, mercador de mulheres para o harém do sultão, Espírito inquieto, cuja beleza fascinava as mulheres e ao meh mo tempo destruía vidas... Tulí, a favorita do sultão, cujos lábios destilava veneno... Fázia, a princesa que não soubera amar a pequenina Sarah, cuja personalidade não se definia e que tanto necessitava das mãos caridosas de uma mãe abnegada para ajudá-la...

Tulí e Sarah... ambas envoltas em amarga trama causada pelas suas paixões. A primeira, movida pela vingança; a segunda, pelo ódio, lançam pois suas almas ao mais profundo dos abismos.

Um emaranhado de incompreensões envolve as duas mulheres.

Entidades perversas, por elas atraídas naquela rede de pensamentos contraditórios, rejubilam-se. Fisionomias monstruosas e mentes doentias deixam à mostra substâncias negras e fétidas a circular ao redor de ambas.

Como abutres sobrevoando os despojos, entidades maléficas vibravam em perfeita sintonia mental com aquelas duas almas que, embora distantes, se entrelaçavam.

A ambas foi dado o saber. Em seus espíritos estava agora adormecido, pelas suas próprias ações, o conhecimento necessário de que necessitavam para a evolução que as levaria à verdadeira felicidade.

Foi por isso que o Mestre nos recomendou orarmos e vigiarmos, pois que o pensamento é porta aberta para as influências más quando nos desviamos do caminho do bem.

Para Tulí e Sarah, agora enredadas nas teias das vibrações

inferiores, o ódio fortificou-se encontrando pousada em seus corações.

Tulí agora sorria com ironia. Os olhos brilhantes, enquanto observava a figura de Sarah a sua frente, naquele instante. Sarah abrira o lenço que trouxera sob o manto e depositara seu conteúdo em cima de pequena mesa.

Os olhos de Tulí percorreram afoitos os objetos que cintilavam.

- É tudo que possuo - diz, fitando a ex-escrava.

Tulí examina com atenção os objetos. O bracelete persa, os anéis orientais, as pedras preciosas vindas da Índia, o jarro de puro ouro...

O coração salta-lhe de contentamento. Vencera afinal! E como prometera, a filha de Farid Camur era agora sua escrava. Retira um dos anéis. Experimenta. E outro, outro mais...

colares, braceletes, tiaras...

Sarah observa, olhos embaciados pelas lágrimas, que repele corajosamente.

- Isto é tudo? - pergunta Tulí, desfazendo-se das jóias com desdém.

- Não possuo nada mais - comenta a jovem, com voz embargada pelo rancor que lhe corroía todo o ser.

- Saberei esperar... - responde.

- Não possuo mais nada, Tulí. Não compreendes?

O que trouxe hoje comigo representa tudo o que tenho.

São todas as minhas jóias, valem uma fortuna, são objetos valiosos em ouro puro, que quer mais?

Tulí recolhe as jóias uma a uma enquanto diz:

- Pois bem, serei condescendente. Por hora isso me bastará. Agora podes retirar-te - diz apontando para a porta. Lá fora a noite descera seu manto negro sobre Centromel.

Por toda a parte há um perfume de flores. As estrelas pequeninas salpicam o céu. Sarah caminha agora silenciosa e seu coração sangra pela humilhação e tristeza.

Sabia que nunca mais teria paz, pois a qualquer momento ela reapareceria exigindo mais e mais.

Para ela já não existia mais a possibilidade de felicidade. Tulí jamais a deixaria livre.

Vencera, pois.

## Capítulo IX

“Momentos de felicidade...”

Seguida de perto pela serva que julgava ser de sua inteira confiança, Sarah Camur caminha todas as tardes em direção da praia.

Habituará-se àqueles encontros com o jovem Celmo, seu amado, tendo como única testemunha Saula, a serva.

Sarah aguarda uma oportunidade para então contar à mãe que havia encontrado seu verdadeiro amor.

Espera apenas que ela se restabeleça do abalo sofrido com a perda de Farid, tão tragicamente.

Sabe no entanto que aquele amor não será aceito por sua família, pois Lamura já havia lhe destinado um esposo como era costume entre as famílias nobres. O escolhido fora o sobrinho de Farid Camur, Nail, por quem ela apenas nutria uma profunda amizade.

Mas, em seu íntimo, não pensa sequer um instante em renunciar àquele sonho maravilhoso, ao lado de Celmo, o homem a quem ama.

Sente que somente ao lado dele encontrará a paz que tanto almeja.

No entanto ele não possuía fortuna que o fizesse merecedor do consentimento de Lamura Camur.

Pedira a Celmo que esperasse. Ela mesma queria contar à mãe.

Queria achar um meio de convence-la de que ele era merecedor de seu amor e do respeito de sua família.

- Oh! Celmo, tudo que almejo é viver ao teu lado. Só tu poderás satisfazer todas as minhas ambições. Sinto que é a teu lado que devo viver. Em tua companhia está a minha tranquilidade, a paz que tanto busco. Serei feliz, sim! - pensa enquanto caminha ao seu encontro - E quando todas as manhãs, o sol vier beijar nossa janela e a brisa matinal acariciar docemente meus cabelos... Ah! Celmo, erguerei uma prece a Alá por toda a felicidade que então sentirei... Esperarei apenas mais alguns dias, então...

Os dias se passaram e em uma tarde ela foi ter com a mãe o tão esperado entendimento.

Assim que esta se acomoda inquieta e apreensiva para ouvir o que a filha tinha de tão importante para lhe dizer, Sarah relata-lhe o romance com Celmo Robel. De súbito, suas palavras são cortadas com autoridade por Lamura.

- Sei do que se trata. A imprudência e a confiança excessiva que tu depositastes em nossa serva foi tua ruína, Sarah. Agradeço a Alá a

tua ingenuidade confiando segredos a quem nos serve, pois só assim tomei conhecimento deste teu vergonhoso procedimento...

Sarah mal acreditava nas palavras da mãe. Que estava se passando?

- Eu nada fiz de mal - exclama - não mereço ser censurada assim!

- Nada fizeste de mal? O que entende por dignidade? Tu respeitaste o nome que levas avistando-te com aquele homem? Oh! Sarah, custame crer! Se não fora tu iniciar este assunto, creio não teria coragem para tal. De há muito que sei, mas acreditava ser uma infâmia contra ti. Oh! Sarah, Sarah. - Lamura cobre o rosto com as mãos enquanto jorra uma torrente de frases que humilham e ferem a jovem cujo único pecado fora ter-lhe ocultado aquele segredo.

Seus pensamentos estavam confusos. Não havia sido ela que evitara que o nome dos Camur fosse arrastado para a lama? Não salvara Lamura das garras de Tulí, pagando com lágrimas o seu silêncio? Sim, Lamura não sabia de nada, mas sentia que, para a mãe, sua felicidade não importava, apenas o nome dos Camur era o mais importante...

E Lamura continuava. Nunca permitiria tal união. Se fosse necessário, enviaria Sarah de volta a Bagdá, mas consentir, nunca!

A jovem porém, estava disposta a não ceder. Já sofrera muito. Em toda a sua vida nunca sentira o calor do afeto sincero. Vivera exilada de todos. Não, não cederia. Ninguém arrancaria esse sonho de seu peito.

- É desesperador o teu caso - continuava Lamura, visivelmente contrariada - Tu que fostes criada por Abraão Salus, sob o regime de Emir Ornar... A vergonha entrou em nossa família, trazida pelo teu despudor. Devias ter ficado com Abraão Salus para sempre, assim nos pouparia esta humilhação - exclamou descontrolada.

A jovem soluçava amargurada, sem coragem de responder.

Compreendeu então que Lamura jamais cederia. Onde a compreensão que julgava existir naquela que lhe dera o ser? Não esperava que a mãe lhe desse o consentimento imediato, mas aguardava um pouco de entendimento. Esperava palavras amenas que lhe dessem conforto e, quem sabe, com o tempo, ela mesma acabaria por entender a grande barreira que a separava de Celmo Robel?

Alma rebelde que sempre fora em meio a tanta incompreensão, acusada, ferida no mais fundo do ser, ela jura não ceder aos caprichos de Lamura.

Retira-se soluçando para seus aposentos enquanto Lamura

permanece por longo tempo a pensar em toda aquela cena que a abalara profundamente. Não poderia permitir que a filha se entregasse a um destino que a levaria com toda certeza a maiores sofrimentos. Mediante a afirmação veemente de Sarah de que nada a afastaria de Celmo, Lamura se dispõe a afastar definitivamente o jovem do caminho de sua filha.

Informada pela serva de como vivia Celmo Robel, pôs em prática, imediatamente, o que julgou ser o melhor para ambos. Naquela mesma noite escreveu uma carta ao jovem em nome de Sarah. Na carta explicava os motivos pelos quais deixaria de vê-lo. Dizia que não tivera coragem de contar à mãe aquele romance que na verdade não passara de apenas mais um capricho seu. Pedia também que ele não a procurasse mais.

Certa de que o rapaz jamais desconfiaria, ordenou à serva que entregasse a carta imediatamente.

Como havia previsto, o jovem caiu na armadilha. Saula, a serva, havia sido companheira de ambos nos passeios que faziam todas as tardes e portanto Celmo não teve dúvidas quanto à veracidade da carta de Sarah Camur.

O jovem não conseguia acreditar no que lera. Parecia-lhe impossível o que estava acontecendo. Como pudera acreditar nas palavras ditas tão docemente por Sarah, quando afirmava que só a seu lado se sentia feliz? Como conseguira fingir durante tanto tempo?

Automaticamente levou as mãos ao peito e arrancou o medalhão que ela lhe pusera no pescoço na última tarde em que estiveram juntos.

Parecia ouvir ainda sua voz a dizer-lhe:

- É teu até o dia em que deixares de me amar. Sou eu que estarei em ti. Não é apenas um presente... É minha alma que te entrego.

E como aquelas palavras haviam lhe calado fundo na alma, agora seu peito ardia pela traição. Queria arrancar de dentro dele todo o sentimento que nutria por ela...

Estendeu a mão para a serva e entregou o medalhão.

Estranho sentimento despertou em seu ser no instante em que a serva tomou o objeto entre as mãos. Sentia como se estivesse despido. Seu coração estava vazio de sentimentos. Depois sem nada dizer afastou-se em direção à praia.

Saula ficou a olhar a figura do jovem desaparecer ao longe. Sentiu-se culpada por tudo, mas precisava ter contado para a senhora Camur.

Agora minha senhora não precisa mais se preocupar - pensava ela.

"Pobre orgulho tolo, que aleija a alma das criaturas, conduzindoas às profundezas de um abismo negro.

Não fosse o zelo excessivo de Lamura pelo nome dos Camur, Sarah não teria caído em trevas que lhe valeram anos de sofrimento e angústia.

Tivesse Lamura tratado com doçura aquela alma rebelde, ofertando-lhe carinho e compreensão, talvez os acontecimentos tivessem tomado outros rumos.

Oh! orgulho... Na balança divina todos somos iguais, só a pureza dos sentimentos, a humildade é que realçam aos olhos do Senhor.

Lamura desprezara Celmo por sua origem, quando estava escrito nas entrelinhas do destino que deveria querê-lo e, juntos, através do amor equilibrarem a alma rebelde de Sarah!"

A serva voltou com a notícia. O plano dera certo, ali estava a prova. O medalhão com a insígnia dos Camur estampado em ouro.

- Isto me dá então outra idéia - exclama Lamura após alguns instantes de reflexão com a jóia entre as mãos. Convencerei Sarah de que ele não a quer mais, o que realmente é mais importante agora.

Após dispensar a serva, deixa-se cair no leito.

Seu coração estava despedaçado.

Tudo o que fiz, foi pensando em nosso bem. Não poderia permitir que essa insensata nos arrastasse na lama... e depois... tenho planos quanto ao seu futuro... planos que não deixarei de cumprir... agora, preciso pensar em como redigir uma carta. Uma carta que porá fim a todas as ilusões de Sarah com relação a esse homem...

## Capítulo X

"Passados alguns meses..."

A luz prateada do luar os Camur conversavam com animação no grande terraço, ornamentado por trepadeiras das mais variadas qualidades. O perfume inebriante das flores do imenso parque ajardinado chegava até ali trazido pela brisa noturna.

Entre a família reunida encontrava-se um visitante. Jamil, um rico comerciante do Mediterrâneo que cativara de há muito a estima e amizade dos Camur e que, além de amigo fiel de Farid Camur, era hoje o homem que dirigia o comércio da família, oferecendo a Lamura seu apoio e admiração. De tempos em tempos voltava a Centromel trazendo-lhe subsídios. A frota de navios dos Camur continuava

singrando os mares, mas o comércio limitava-se agora apenas às especiarias e tecidos. Nail comandava também pequena frota na costa do Mediterrâneo, de propriedade de sua família, e Lamura desejava sua união com Sarah.

Nail era um homem de estatura mediana, porte ereto e de uma beleza surpreendente. A tez morena emoldurada por vasta cabeleira negra e ondulada que trazia sempre presa na nuca, realçando ainda mais seu rosto e seus olhos grandes e meigos.

O sobrinho de Lamura juntara-se a eles e a conversa seguia um curso animado.

Haviam-se passado alguns meses desde aquele acontecimento, mas Sarah ainda não se recuperara do golpe sofrido. Definhava dia após dia, isolada em seus aposentos. Não permitia a presença de ninguém. Haviam sido inúteis os insistentes pedidos de Selma, sua irmã, para que saísse um pouco em busca de sol nos jardins.

Recusava até mesmo a presença da irmã. Queria estar só, reviver tudo aquilo que havia lhe acontecido. Sentia como se tudo não passasse de um pesadelo. Por vezes tinha a impressão de estar ainda vivendo em companhia de Abraão Salus.

Ah! como a vida lhe tinha sido ingrata! - pensava insistentemente.

Em meio a um sono agitado, acordava no meio da noite, inquirendo o porquê de tudo aquilo.

Como fora tola acreditando em Celmo, em seu amor que parecia então ser eterno... mas, estava ali a prova do seu desamor - o medalhão.

Permanecia constantemente com a carta entre as mãos, relendo a cada instante aquelas palavras que haviam destruído seu amor próprio e suas ilusões mais caras.

Na carta, elaborada por Lamura em nome de Celmo, ele lhe dizia que fora tudo apenas uma grande aposta entre amigos, pois que duvidavam que ele, Celmo, um simples homem do mar, pudesse atrair a atenção de uma aristocrata e faze-la se apaixonar perdidamente. Estava pois lhe devolvendo o medalhão, a prova que havia exibido aos amigos do quanto fora capaz.

Ah! Sarah, não queria acreditar. Sua primeira reação fora negar, mas a carta ali estava, e as palavras de Celmo feriram-na.

Fora ele que lhe dera a alegria de viver, logo após a desgraça que a atingira na casa de Tulí. Fora a seu lado que novamente havia encontrado a serenidade que tanto necessitava.

Sarah contudo não conseguia odiá-lo. Sentia-se apenas triste e

desencantada. Tudo agora se tornara um grande vazio em sua vida. Já não devotava ternura e carinho à mãe como antigamente. Algo estranho acontecera e agora Lamura a tratava com rispidez. Onde estava a bondade de outrora?

Sarah estava sofrendo injustamente. Não pecara e não maculara o nome dos Camur, apenas amara.

Agora mesmo todos conversavam alheios à sua dor.

Sozinha, recostada em uma poltrona na pequena saleta contígua aos seus aposentos, ela vai revivendo todas as cenas vividas ao lado do homem amado, sem se importar com as lágrimas que rolam de seus olhos.

Súbito, um ruído a fez voltar-se. É Nail.

O jovem sente-se desolado ao vê-la tão abatida.

- Não se preocupe comigo - lhe diz.- Estou bem.

Nail senta-se a seu lado e começa a falar frases soltas que a distraem um pouco. Nail narra-lhe sua última viagem e percebe que aos poucos o semblante da jovem começa a se modificar e que seus olhos demonstram interesse pela conversa descontraída.

Em dado instante, em meio à conversação ele se dirige à prima, com acentuada meiguice na voz.

- Sarah, sei que é desejo de nossas famílias que nos unamos pelo casamento...

- Não falemos nisso agora, Nail - pede-lhe com brandura.

- Precisamos falar sim, pois, do contrário, nunca iremos nos entender.

Conversando e abrindo nossos corações poderemos encontrar a decisão favorável para ambos.

- Já não está acertado tudo isso?

- Entre nossas famílias sim - responde Nail com um pouco de amargura na voz. - Mas entre nós, não. Não devemos permitir que somente o interesse seja o móvel desta união. Há o coração, Sarah!

- Sim, há o coração - responde a jovem com uma nuvem de tristeza no olhar. - Mas este não conta para minha mãe. Apenas os títulos de nobreza a interessam... Mas eu não posso unir-me a ti, não posso! - exclama num ímpeto de desespero.

Nail toma as mãos da jovem entre as suas.

- Sossegue, minha querida criança! Não vou magoar-te... quero-te um bem imenso! O tempo será nosso melhor aliado e se encarregará de aproximar-te de mim. Saberei esperar. Até lá, sejamos bons amigos.

- Obrigada, Nail, por sua compreensão! Seremos amigos sim, e que Alá abençoe nossa amizade.

Ao se retirar dos aposentos de Sarah, Nail desce as escadas apressadamente e vai ao encontro da tia que o espera no terraço.

Jamil havia se retirado e Lamura cismava, olhos semicerrados desfrutando daquela paz, que o chegar da noite trazia.

Nail senta-se ao seu lado e passa os dedos por entre seus cabelos.

- És ainda muito bela minha tia e me admiro que ainda não tenhas arranjado um noivo - gracejou o rapaz.

- Ora, ora, que pensas meu rapaz, tenho idade bastante para ser avó e vou agora me preocupar com um noivo? Tu sim é que devia casar.

Sabes o quanto eu e teu finado tio, almejávamos esta união com Sarah. Que te falta? Não a amas o suficiente para torná-la tua esposa? Sabes que só assim eu poderei morrer tranqüila.

- Falas em morte como se pressentisses uma tragédia, minha tia. Sabes o quanto te quero e o quanto estimo Sarah.

- Então, o que te faz retardar o compromisso? Venha sempre nos visitar e aos poucos ela aprenderá a amá-lo. O resto é fácil. Tens beleza e mocidade. És um perfeito Hércules. Agradarias a muitas mulheres da nossa raça. Teu velho pai também desejava esta união com nossa primogênita, que desta maneira estreitaria os laços de amizade entre nossas famílias.

O rapaz ouve a tia, taciturno. O pensamento estava distante. Por que lhe vem à mente cenas passadas há tanto tempo?

Estranho é o destino das criaturas. Por que motivo fora ele recordar agora de algo tão fora de cogitações?

Seu pensamento vagueia pelo passado e recorda do dia em que pela primeira vez entrara no palácio de Emir Ornar, acompanhado de Farid Camur, para assistir a uma festa oferecida pelo sultão a alguns convidados importantes.

Lembra, então, das palavras do tio ao se dirigirem ao palácio:

- Vais ver hoje a mais bela jóia oriental dançar para o sultão. Mas não ouses levantar os olhos para ela, meu rapaz; isto poderia lhe custar a vida! E o tio lhe batera nas costas, dando gostosa gargalhada.

Lembrava agora de sua entrada no palácio, olhando tudo com admiração. Aquelas colunas sólidas no meio do imenso salão lhe davam a impressão de estar vivendo o conto das mil e uma noites.

Era o palácio do sultão. Almofadas coloridas distribuíam-se por todo o salão. Logo à entrada uma imensa mesa quase rente ao chão, recoberta de iguarias, frutas, vinhos e maravilhosos arranjos de flores.... música suave inundava todo o ambiente.

Lamura cessara de falar. Observa o moço que se mantém distante,

fisionomia carregada, como se sombrios pensamentos o arrebatassem para bem distante dali.

Ela suspira fundo e cerra os olhos. Deixa que tristes recordações lhe tomem a mente.

Revê Sarah pequenina, quando lhe foi arrancada dos braços pelo cruel sultão, que não lhe deixara escolha: "Ou a menina ou a cabeça de Farid, seu esposo". Aquilo fora monstruoso demais, mas foi preciso fazer essa escolha. Sarah voltaria ao seu convívio 17 anos depois. Caso isso não acontecesse, Farid seria morto e sua cabeça exposta em praça pública para servir de exemplo, caso ela não entregasse a filha recém-nascida.

A escolha fora feita.

Havia dado o perdão ao esposo, mas quantas lágrimas lhe custara tão grande sacrifício? Nem mesmo ela saberia dizer. A dor que sentira em seu peito ao ver a filha partir, os pesadelos que tivera por toda a vida, isso tudo estava ali, guardado em seu coração, marcando seus dias com indescritível amargura.

Logo depois, nascera Selma, suavizando um pouco sua dor. Agora, ali, olhos fechados, pensava ainda o quanto o destino lhe fora ingrato. Roubara-lhe a filha e, quando devolveram-na, era uma estranha a quem ela fizera tudo para amar...

Quisera agora que Sarah jamais tivesse voltado, pois sentia-se humilhada com o que considerava uma desonra - o amor a um plebeu, quando seus planos para ela eram os melhores possíveis.

Suspirou profundamente reabrindo os olhos como que voltando de um sono profundo e fitou o sobrinho que permanecia calado, olhar distante perdido em suas recordações mais íntimas.

- Por que esta obstinação de Sarah! - exclama para si.

Caminha vagorosamente até o balaústre e olha o jardim que se estende até perder de vista. Aspira o perfume das flores e volta-se para o jovem que continuava com o pensamento distante.

Em que pensa? Talvez em Sarah, com quem conversou esta noite... se assim é, não o perturbarei - afasta-se então silenciosa.

Nail deu livre curso aos seus pensamentos.

Revê ante seus olhos Emir Ornar, sentado no alto de seu trono, com as pernas cruzadas à maneira oriental. O traje ricamente bordado a ouro e prata. O turbante cintilante preso por uma enorme pedra água marinha. Seus dedos, enfeitados com ricos anéis, estavam impacientes.

Tinha à sua volta belas mulheres.

Ele e o tio haviam se acomodado confortavelmente, após saudarem o sultão.

A dança havia começado. Bailarinas das mais variadas procedências executavam com perfeição e arte gestos delicados seguindo o ritmo inebriante da música.

Mas havia uma que se destacava por sua beleza - Tulí. A cada acorde daquela música vibrante ela fazia movimentos esplendorosos, jogando sua loura cabeleira para cá e para lá fazendo com que todo o seu corpo parecesse flutuar.

Sob o fino véu que cobria seu rosto, podia-se notar os lábios entreabertos, num sorriso místico e sensual.

Pareceu ouvir a voz sonora do tio a lhe dizer:

- É Tulí, aquela de quem lhe falei. Mas agora, silêncio... Emir Ornar já percebeu que conversamos. Ele não admite um cochicho sequer! Depois disso, nunca mais a vira, até o dia em que a encontrou em Centromel.

Falara a respeito com o tio, mas este duvidou.

- Não é verdade - dissera então. - Tulí está em Bagdá, não pode ser! Mas Nail afirmava.

- São os mesmos olhos, o mesmo sorriso... eu sei..!

Então Farid prometera averiguar.

Saíra naquela mesma noite para então nunca mais voltar.

Nail se recordava agora de que o tio antes estaria em reunião com compradores que ele desconhecia. Que mistério envolvia a sua morte? O que teria acontecido realmente?

Uma leve batida em seu ombro o trouxe à realidade.

Era Lamura que lhe estendia uma bandeja com um copo de refresco.

- Tome isto, meu filho - disse carinhosamente. - Deixe as recordações para depois. Hoje estás muito apegado a elas. Não tens vontade de conversar com tua velha tia? Tome. Esta bebida far-te-á bem.

Nail suspirou esfregando os olhos para afugentar as recordações.

- Sonhava de olhos abertos - replicou o jovem gracejando.

Sorveu a bebida de um só gole. Em seguida levantou-se, desculpou-se pela demora e despediu-se com a promessa de voltar em breve.

## Capítulo XI

“Novos encontros com...”

Pobre Celmo, infeliz Sarah! Ambos relegados ao sofrimento causado

pelas mãos impiedosas de Lamura.

Para a jovem Sarah, aos poucos Celmo ia se distanciando em suas recordações, nas brumas de um esquecimento forçado.

Ela jurara olvidar e cumpriria o prometido.

Já não importavam as imposições de Lamura.

Desejava ou não aquela união com o primo Nail?

A mente confusa inspirava na jovem sentimentos diversos.

Mas, e Celmo?

A ele fora negada a bênção do esquecimento. Mesmo desprezado como acreditava, continuava amando aquela que brincara com seus mais puros sentimentos por mero capricho, mas a entendia.

Desvendara-se uma nova Sarah aos seus olhos. Ávida de amor e de rebeldia inconstante. Aquele sentimento em seu coração ampliou-se de tal modo que já não sofria. Todas as noites, recolhido em seu quarto, rogava a Alá a bênção de não poder odiá-la.

Viveria afastado dela mas a lembrança das horas vividas ao seu lado as teria sempre presentes em seu Espírito.

Meses se passaram mas, para ambos, a lentidão das horas arrastava-se tristemente.

"O amor excessivo pelos bens terrenos acarreta sérias conseqüências no espírito do homem. A posse efêmera entre as criaturas humanas e toda a propriedade recebida por nós é empréstimo divino. Não se enganem as criaturas pois nos é dado servir fraternalmente a todos e a todos tratar com igualdade. Somos filhos de um único Pai, e aquele que despreza o próximo, despreza um irmão em Jesus Cristo. Os preconceitos existiram e existirão sempre sobre a face da Terra porque os seres ainda se demoram distanciados do bem e da verdade".

Sarah subira a colina naquela tarde ensolarada para novamente se avistar com Tulí.

De há muito buscara a companhia daquela mulher. Para ela aquele dever não representava nada mais; pelo contrário, executava suas ordens com esmero e gosto, pois que possuía cultura e inteligência, o que aos olhos da ex-escrava eram assombrosamente importantes.

Entretinha-se agora em redecorar o palacete de Tulí, em citar para ela poemas famosos ou então deliciá-la com leituras de alguma obra.

Suas tardes em companhia de Tulí já não faziam parte de uma obrigação, haviam se tornado agradáveis, pois tudo o que Sarah fazia ou dizia, era acatado pela ex-escrava com imenso prazer.

Tulí, que a princípio odiara tanto aquela jovem, não prescindia agora

de sua companhia.

Reunidas no grande salão, revestido de mármore e redecorado pelas mãos hábeis de Sarah, conversavam, enquanto uma serva lhes servia o chá.

Tulí estava preocupada já há bastante tempo, pois havia desaparecido de seu cofre uma pedra valiosa que ela conservava consigo e que fora presenteada pelo Emir quando ainda era sua favorita.

- Não falo do desaparecimento da jóia, pelo que supões - disse ela, dirigindo-se a Sarah. - Ela me foi presenteada pelo sultão e somente ele a reconheceria, entre tantas outras. Já imaginou se for vendida a ele pela pessoa que a roubou?

- Só agora avalio a tua preocupação, Tulí; tens certeza de que a procurou bem? Não a teria colocado talvez em outro lugar...

- Não, não. A última vez que a vi estava aqui, neste salão, no cofre... Ornara estava aqui comigo não terminou a frase.

Súbito, algo iluminou seu semblante.

- Como não pensei nisso! Só ele poderia te-la roubado, aquele mesquinho!

- Não entendo. De quem estás falando?

- Ornara. Falo de Ornara.

- Não creio, Tulí. Ele não faria tal!

- Isso é o que supões. Ornara vive aborrecendo-me sempre. Acha que eu devo dar-lhe mais. Ele acha que não reparti bem. Vive prometendo vingar-se. É isso.

- Ele ajudou na chantagem contra nós, não é assim? Perguntou Sarah de repente. - E tu não lhe deste o suficiente?

- Não foi uma chantagem - protestou Tulí. - Foi um acordo.

- Pouco amigável - retrucou Sarah.

- Que pretende com essa insinuação? - Interveio Tulí, perdendo a calma.

- Oh, nada. Não estou em condições de acusar ninguém. Estou por demais ligada a ti para não conhecer tuas intenções... bem, vamos ao que interessa. Por que tens medo de Ornara?

- Não percebe? Ele poderia escapar e denunciar-me a Emir Ornar.

- Mas nesse caso ele também seria descoberto.

- Ornara é astucioso...

Houve um instante de silêncio entre as duas mulheres.

Tulí olhava através da janela ampla o parque ajardinado que se estendia além de suas vistas...

- Ele tem direitos sobre você após tantos anos? O sultão poderá

obrigá-la a voltar?

- Não se esqueça de que para ele sou uma escrava fugitiva. Mas se foi Ornara, sei como fazê-lo falar!

- Mas por que motivo foi ele tirar justamente essa pedra em meio a tantas outras?

- A pedra é uma prova importante. Feita de maneira especial, só Emir a reconheceria. Não existem duas iguais em Bagdá.

- E agitada propõe: Vamos andar um pouco. Preciso de ar fresco. Assim que ambas deixaram o salão, alguém que há muito se encontrava escondido entre as cortinas de seda deixa o local rapidamente, indo trancar-se em seus aposentos.

Era Omaia.

Sim, ele havia roubado a pedra de Tulí e pretendia muito em breve usá-la contra a moça. Aguardava apenas uma oportunidade.

- Ela me pagará - dizia consigo. - Tenho os trunfos nas mãos e em breve serei o dono de tudo isto. Tulí que vá para o inferno! Roubei a pedra apenas para que viva atormentada. Quero que sofra. Meus planos são outros. Esta jóia não me serve para nada, apesar do seu valor.

Guardou a pedra cuidadosamente em seu esconderijo e ganhou a saída.

Tulí continuava no jardim ao lado de Sarah. Eram estranhos seus pensamentos. Olhando-a mais detalhadamente, Tulí experimenta uma ponta de remorsos pelo que fizera àquela jovem que sabia tão bem pronunciar palavras sábias quando o medo a assaltava.

- Foi uma vingança tola a minha - recorda-se Tulí.

Queria que Sarah morresse de dor e humilhação, entretanto ela parece gostar de minha companhia! Noto que já não lhe causam preocupações minhas divagações sobre sua mãe. Antes a defendia e uma chama de ódio emanava de si. Hoje, quando lhe falo, responde sem muito interesse, murmurando apenas:

Tu já conseguiste, Tulí, sou escrava dos teus desejos. Deixa Lamura em paz. A vingança é contra mim, percebo... por quê?

Oh! nunca saberia te responder. - Continua divagando

em seus pensamentos enquanto observa Sarah mais adiante.

- Te odiei, te odiei tanto que busquei encontrar-te para vingarme! Eu tinha necessidade de ferir-te, mas tu parece não te importar com nada!

Conversamos diariamente, mas o que realmente se passa em teu íntimo? Já não desejo ferir-te com palavras, quero apenas que me sirvas e não te farei mal algum, mas se deixares de vir ter comigo, se

me deixares na solidão...

A voz de Sarah interrompe seus pensamentos.

- Tulí, nunca pensaste na dificuldade que encontro para transpor a colina e vir ter contigo? Nem sempre estou sem vigilância... Lamura controla todos os meus movimentos. Se não fora Nail, tão bom e sempre tão generoso, jamais voltaria a ver-te e então todo o meu sacrifício de outrora teria sido em vão. Tu falarias não?

- Certamente - retrucou Tulí, decidida.

- Conheces Nail? - perguntou Sarah.

- Sim e não.

- É bondoso, tem atitudes corretas e compreensíveis.

- Tu encontrarás ao lado dele a felicidade completa. Ou não te decidistes ainda?

- Sim - afirma Sarah convicta. - Casar-me-ei com ele, muito em breve. Esperamos apenas a solução de alguns negócios.

Tulí não responde. Apenas aperta nervosamente o manto entre os dedos.

Sarah, notando aquele gesto, comenta consigo: Espera e verás, Tulí que a vitória final será minha! Tenho pena de ti, pobre criatura, que se apegou a um ódio imaginário para poder prender-me ao teu lado. Tudo seria diferente se não me odiasses... eu poderia afeiçoar-me a ti, poderíamos ser como duas irmãs, pois muito temos sofrido, e o sofrimento une as criaturas.

Ah! Tulí. Se quisesses, muita coisa poderia ser esclarecida, como a morte de meu pai...

Tu sabes. Eu pressinto. Mas Nail está lutando para libertarme de ti; Nail sabe nosso segredo e Alá o ajudará a encontrar o misterioso assassino de meu pai, para que tu retires a acusação contra Lamura. E então... tu serás infeliz! Já não poderás atingir-me. Já não poderás exigir que Sarah Camur lhe faça as vontades...

## Capítulo XII

“NCA sai em busca da verdade...”

O destino levava Nail a um conhecimento mais amplo do povo que vivia às margens do Mediterrâneo, empenhado que estava na procura sobre alguma notícia a respeito da morte de Farid Camur.

O jovem indagava sem descanso, daqui e dali.

Tinha a promessa de Sarah que só se casaria com ele quando tudo

estivesse esclarecido. Ela havia aberto sua alma e confessara a Nail todo o horror que vinha vivendo, na esperança de que ele pudesse ajudá-la, uma vez que iam se casar.

Nail sabia que, na noite do assassinato, o tio iria se avistar com Tulfí. Haveria de descobrir o autor do crime mesmo que isso lhe custasse meses de procura incansável.

E foi em uma dessas procuras que ele conheceu Meliano, o bom ancião, que fora outrora comandante de um dos navios de Farid Camur. Meliano possuía agora em companhia dos sobrinhos sua própria frota de navios.

Após relatar-lhe o motivo que o levara a procurá-lo, obteve de Meliano uma longa relação de pessoas com as quais Farid Camur havia negociado naquela ocasião. E foi desta maneira que Nail começou a tomar o rumo certo em suas investigações.

Meliano lhe informara que Alzugai, um árabe, lhe dissera poucos dias antes da morte de Farid Camur, que o mesmo iria ter com ele naquela noite a fim de realizar a venda de um dos seus barcos pesqueiros.

Agradecido pela informação que julgava ser decisiva, despediu-se de Meliano dirigindo-se naquela mesma tarde para o outro extremo da ilha onde residia Alzugai.

Justamente como lhe informara Meliano, lá estava ele com seu enorme ventre proeminente. Uma faixa rubra lhe prendia as vestes e ele se encontrava em delicioso cochilo esparramado por sobre uma dezena de caixotes.

Alzugai recebeu-o ainda sonolento.

Assim que Nail lhe falou do tio, exibiu um largo sorriso deixando à mostra os dentes muito brancos.

Alzugai contou-lhe então que, na noite em que Farid fora assassinado, havia realizado a compra de um de seus navios e que a reunião havia sido ali em sua tenda.

Empolgado com a possibilidade de desvendar o crime, Nail cometeu grave erro ao contar ao árabe sua intenção de punir o criminoso. O que Alzugai não contara a Nail é que, naquela noite, após Farid ter-se retirado de sua tenda, montara em seu cavalo e o seguira a fim de assaltá-lo. Na verdade, não tinha a intenção de matá-lo, apenas queria recuperar a fortuna que havia entregue a Farid, mas fora reconhecido por Farid e tivera então que matá-lo para não ser condenado.

Felizmente ninguém o vira naquela ocasião mas, agora... quase três anos após, o sobrinho vinha clamar justiça?

Certificou-se do endereço de Nail com a intenção de ajudá-lo na busca do criminoso.

- Terei prazer em ajudar ao sobrinho de Farid Camur que tantas vezes bebeu comigo.

Nail agradeceu. Naquela noite, sentia-se imensamente feliz.

Contara a Sarah o ocorrido, sua entrevista com Meliano e finalmente a conversa que tivera com Alzugai.

Ela ouvira calada. À simples menção do nome de Meliano todo o passado voltara à tona. A recordação daquela noite longínqua em alto-mar, quando fitara Celmo pela primeira vez a deixou transtornada.

Não, não esquecera Celmo, e se ele ali estivesse seria capaz de perdoá-lo!

Nail notou a mudança brusca que se operou na jovem.

- Muito cedo veremos nossas vidas livres desta maldade, minha querida Sarah. Não fique triste, nós venceremos e caminharemos livres para nossa felicidade. Sarah, ouça-me: Tuli se aproveitou de tua ingenuidade para enriquecer. Sempre desconfiei que a verdade era outra. Agora sinto que este desfecho está próximo. Estou planejando algo infalível para tirar-lhe a confissão.

- Por Alá tenha cuidado - pediu Sarah.

Nail pegou sua harpa e dirigiu-se para o divã.

- Venha comigo, Sarah. Vamos deliciar nossas almas com acordes de alguma melodia. Canta para mim aquelas belas canções, enquanto tentarei acompanhá-la.

Sarah deixou-se embalar pelas notas suaves da melodia.

As sombras da noite envolveram os dois jovens deixando-os ficar por longo tempo, enternecidos a cantar.

Muito tempo depois, Nail deixou a residência de Sarah, com o coração transbordando de alegria e a alma liberta daquela dúvida que o atormentava. Agora não restavam mais sombras em seu coração.

Relembrava as palavras ditas pela jovem ao se despedirem:

- Estou tranqüila. A música devolveu-me a paz... ou terá sido a tua presença? Oh! Nail, começo a querer-te, tens um coração maravilhoso!

Ah! como aquelas palavras fizeram bem ao jovem.

Uma tênue penumbra encobria o amplo quarto onde tantas vezes sentira o peso da solidão. Hoje, no entanto, não mais se sentia só, estava feliz.

Dirigiu-se a uma pequena mesa onde a serva deixara uma jarra de

vinho como era de costume. Sorveu um delicioso copo da bebida antes de deitar-se.

Demorou-se um pouco mais na saleta próxima, enlevado ainda com os acontecimentos do dia. Em sua mente repassavam as palavras de Sarah e todos os planos que tinha para serem executados na manhã seguinte.

Momentos mais tarde, um vulto deslizou por entre as sombras do aposento e com a precisão de um relógio escapuliu pela janela entreaberta, após certificar-se de que Nail Camur jamais voltaria a preocupá-lo. Aquele fora o último vinho que saboreara...

Na manhã seguinte como se demorasse em seus aposentos a serva fiel subira para averiguar.

Enlouquecida de dor, saiu a correr bradando a notícia: "Nail Camur está morto!"

### Capítulo XIII

"A notícia repercutiu por toda."

Centromel com pesar...

O jovem milionário fora encontrado morto em seus aposentos. Morrera como vivera: solitário. Teria sido suicídio?

Falava-se muito a respeito de sua próxima união com a primogênita de Farid Camur e que ela, enlouquecida de dor, trancara-se em seus aposentos recusando-se a receber visitas e que a família pensava em mandá-la para longe em companhia de uma parente a fim de evitar-lhe a loucura.

Boatos assim chegavam diariamente aos ouvidos da família Robel e quem mais sofria com tudo isso era Celmo, sempre que Lucas ou Meliano, contavam-lhe as novidades a respeito do caso.

Celmo sofria desesperadamente. Primeiro por ignorar a união próxima de Sarah com Nail e agora pelo estado d'alma em que a jovem se encontrava.

Estava absorto em seus pensamentos quando ouviu uma leve batida à porta. Aguardou um instante e, como insistiram, levantou-se e foi atender.

O homem que surgiu à sua frente trajava um longo albornoz escuro. Fisionomia tranqüila e estampava no rosto um largo sorriso.

Após os cumprimentos habituais, indagou por Meliano.

Meliano não se encontrava no momento, mas Celmo se prontificou a

atendê-lo. O simpático visitante expôs o que o levava até ali. Possuía ele uma filha, cuja saúde se encontrava um tanto abalada e necessitava de mudança de clima para que restabelecesse sua saúde. Estava ali para acertar os detalhes pois soubera que o navio zarparia na manhã seguinte e gostaria que Família realizasse a tão sonhada viagem.

- Não há necessidade de falar com meu tio, meu senhor. Sou o encarregado desta viagem e posso assegurar-lhe que serão bem-vindos a bordo amanhã.

- Obrigado, meu jovem. Estaremos prontos ao amanhecer.

- Zarparemos ao clarear da aurora, amigo. Até lá então.

Lucas havia chegado enquanto os dois homens conversavam. Com seu entusiasmo habitual, relatou a Tobar alguns aspectos interessantes a respeito da viagem, falandolhe da grande variedade de comércio existente ao longo do percurso e que com certeza iriam despertar na jovem grande entusiasmo. Falou-lhe da beleza das paisagens que por certo a encantariam, de mimosos artesanatos, dos poetas e cantores que teriam oportunidade de encontrar cada vez que aportassem em terra.

Assim que Tobar se retirou, Celmo perguntou: - Estamos com tudo pronto?

- Sim. Vou agora até o cais ultimar os preparativos, pois, partiremos logo ao amanhecer.

O sol estava alto quando na manhã seguinte Sarah desceu para o salão, ante o espanto e admiração de todos.

Sua palidez era intensa, realçada ainda mais pela túnica branca que vestira. Os cabelos muito negros presos no alto da cabeça estavam ornados por uma tiara brilhante... olhos muito grandes, profundos, os lábios descoloridos, o corpo esguio e enfraquecido.

Sem dizer uma palavra ela tomou a refeição, que lhe foi servida, sob os olhares vigilantes de Cara,, a amiga da família que ali se encontrava a convite de Lamura, desde a morte de Nail.

Sem se importar com a presença de Cara, a jovem se preparava para retirar-se quando esta a deteve carinhosamente.

- Olho em teu rosto e percebo sinais de sofrimento... gostaria tanto de poder ajudá-la!

- Obrigada. É a primeira palavra amiga que recebo desde há muito. Não calculas como isso me conforta!

- Vem comigo - pediu Cara com extrema ternura, levantando-se. -

Vamos caminhar um pouco até o parque. Lá há muito sol e tu precisas dele, estás muito pálida.

Ela deixou-se conduzir até onde uma fonte de água límpida corria por entre o caramanchão florido.

Ali ambas se sentaram.

Cara era uma jovem senhora dotada de bondade extraordinária e que sentia por Sarah real afeição. Nunca pudera demonstrar antes o quanto desejava a sua felicidade.

Agora, ao seu lado, tentava compreender aquela alma sofredora.

- Vejo que a ti não passou despercebido o meu estado de alma - disse Sarah. - O destino parece que escolheu-me para sofrer... agora, quando já pensava em desfrutar um pouco de alegria ao lado de Nail... Não continuou. Uma torrente de lágrimas jorrou de seus olhos já cansados de chorar.

- Não te censurarei por isso. Podes chorar. As lágrimas são bênçãos de Alá. Quando choramos, lavamos nossa alma... Tu nunca tivestes uma amiga em quem pudesses confiar; por isso minha filha, sofres tanto. Confies em mim - prosseguiu Cara, acariciando-lhe as mãos. - Quero ser tua amiga, quero te ajudar...

Acalentada por tanto desvelo, ela continuou:

- Nail era meu amigo e ia unir-me a ele...

- Não vais me dizer o motivo da tua precipitação nessa união com um quase desconhecido? - perguntou Cara.

- Era meu amigo já te disse, não era um desconhecido. Ia ajudar-me a... era bom... eu não consigo compreender!

- Tu dizes que Nail ia ajudá-la? No que, Sarah?

- Perguntou Cara, interessada.

- Em desvendar a morte de meu pai - respondeu a jovem de pronto.

- Amavas tanto assim teu pai a ponto de preocupar-te com o mistério do seu desaparecimento? Sarah de um salto, pôs-se de pé.

- Não, eu não o amava! Eu odiava Farid Camur e ainda o odeio.

Novamente as lágrimas banharam seu rosto.

- Sarah! Por Alá, qual é o segredo que te atormenta? Confia em mim. Nada direi a Lamura que te desabone como fez Saula, em quem confiastes! - intervém Cara, angustiada com o estado em que a jovem se encontrava.

- Então tu sabes? - perguntou Sarah, espantada.

- Sim. Lamura contou-me muitas coisas nas quais recusome a crer. Olhando-a não consigo imaginar-te capaz de um ato desonroso!

Todos cometemos enganos. Lamura também os cometeu e, o que é

ainda pior, destruiu duas vidas... dois jovens que se amavam.

- Não falemos do passado - pediu Sarah.

- É do que quero falar-te. Conta-me tudo, tudo o que aconteceu... tudo, desde a partida do castelo de Abraão Salus e quem sabe... quem sabe poderei ajudá-la a encontrar-se outra vez!

Sarah olhou aquela misteriosa mulher à sua frente e teve medo.

Poderia confiar novamente em alguém? Mas... o olhar da bondosa senhora era tão terno, tão cheio de confiança que ela não pôde recusar e cedeu.

Cerrou os olhos e buscou no recôndito de sua alma as cenas vividas parecia há tanto!

Depois de longo silêncio, como que voltando lentamente do passado, revelou:

- Eu era feliz em companhia de Abraão Salus - titubeou. Naquele castelo cercado de bosques onde as trepadeiras floridas derramavam suas folhas no telhado formando um espetáculo delicado aos meus olhos ingênuos e onde as roseiras perfumavam todo o jardim. Vivi uma existência irreal cercada

de mimos, carinho e atenção... Meu pai... meu pai era Abraão Salus. Era ele a quem eu aprendi amar.

E Sarah continuou a narrativa. Pintou cenas com tamanha emoção e veracidade que Cara vivenciava cada momento, enquanto a voz da jovem parecia vir de longe, muito longe...

Descreveu Emir Ornar, sua corte e suas escravas. Falou de Tulí e de sua viagem pelo Mediterrâneo...

Falou de seu encontro com o pai, Farid Camur, e de sua decepção ao saber que era um homem frio e distante.

Evocou o bom Meliano e se deteve em recordações que a martirizavam. Falou principalmente de uns olhos negros que a fitaram, os mesmos olhos que a haviam enganado mais tarde.

Disse da ternura que sentira por Lamura, do seu sacrifício doando tudo o que possuía a Tulí para que se calasse... falou... evocou... reviveu cada cena com tamanho entusiasmo, que seu semblante adquiria muitas expressões à medida que narrava o seu passado.

E Cara escutou. Escutou e compreendeu.

Enquanto isso se passava entre as duas mulheres, cena idêntica se desenrolava em alto-mar a bordo do navio dos Robel.

Família fora confiada aos cuidados de Celmo durante a viagem. Ele também necessitava de cura para seus males e, quem sabe, Família, a juvenzinha morena de longos cabelos negros, poderia realizar esse

milagre!

- Essa imensidão de águas parece uma afronta a todos nós - comenta a jovem. - A todo instante, carrega em seu seio, barcos de pescadores... parece uma injustiça, mas que sei eu? - diz rindo.

- É, Alá sabe o que faz! Se não fosse assim, como viveríamos? Olhe este céu - diz Celmo fitando o firmamento. - É uma criação de Alá, como tudo que nos cerca. Por vezes, cerro os olhos procurando entender este majestoso engenho que é a criação humana e não encontro solução...

- Não procures decifrar este enigma. Não me preocupo. Sei que o inevitável virá um dia e dele não poderemos fugir.

Por isso, não vivo procurando soluções que sei não as encontrarei. Estou contente com o que sei, com o que sou, não obstante já tenha sofrido muito. Minha saúde é frágil e a qualquer momento sei que partirei deste mundo!

- Não, Família, não falemos de coisas tristes! - interrompe Celmo pondo fim àquela conversa que tomava rumos menos alegres. Por longas horas os dois jovens conversaram e riram esquecidos de seus problemas.

De repente, sem que seu pensamento quisesse, Celmo se tornou pensativo, não obstante a presença da jovem que agora contemplava com admiração o horizonte...

Uma caravana de pessoas guardadas na lembrança começou a desfilar em sua mente trazendo à tona suas mais íntimas recordações. Sentia-se uma alma perdida em meio àquele mundo do qual ainda não entendia o significado.

Seus olhos negros se fixavam em um ponto qualquer do infinito, à procura de alguma coisa que o fizesse entender os mistérios da vida. Por que era diferente dos demais? Enquanto outros encontravam prazer em um copo de vinho e mulheres, sua alma procurava por explicações...

Por que essa procura incessante, essa busca inexplicável? Ao seu redor, ninguém parecia preocupar-se com as coisas da alma. Suspirou uma vez mais, continuando suas conjecturas. Sentia-se só, atormentado por estranhos pressentimentos... Onde aquela paz que somente havia encontrado na companhia de Sarah? Mas, nem mesmo ela soubera entendê-lo.

Meneou a cabeça, pondo fim às recordações.

- Vem - disse para Família, vamos juntar-nos aos outros. Creio que devemos comer algo pois já se faz tarde.

E como dois velhos amigos, foram se reunir ao restante da tripulação para o repasto.

Nesse mesmo instante, na distante Centromel que ficara para trás, duas almas, que acabaram de se entender, também se recolhiam. Eram Cara e Sarah Camur.

## Capítulo XIV

“Na..., o reencontro.”

Mahaba, a cidade das flores, estava em festa.

Como acontece também nos dias de hoje, sempre que se organiza uma competição, há muita alegria, cada qual tentando sempre ser o melhor.

Música, animação, comida em abundância...

Naquela época distante, o costume também não era outro. Embora as barracas fossem totalmente diferentes das de nossos dias, havia muita semelhança nos hábitos festivos atuais.

Para lá acorriam jovens vindos de várias cidades, para as mais diversas provas trazendo em sua companhia amigos e parentes. Ao vencedor era dado o direito de escolher, entre as donzelas espectadoras, aquela que seria sua companhia durante o restante das festividades. Por esse motivo, o entusiasmo entre os competidores era bastante visível.

Sarah havia deixado Centromel há quase dois meses em companhia de Cara. Vivia agora naquela agradável cidade, cercada de acácias imponentes e de castelos majestosos que apontavam suas torres para o alto em reverência a Alá, o que fazia com que constantemente se sentisse novamente na vivenda de Abraão Salus, pois os jardins que circundavam a residência de Cara tinham o mesmo aroma agradável de flores que a faziam recordar sua infância.

Cara, após ter persuadido Lamura a concordar com sua permanência em Mahaba, exultava.

Queria que a jovem, livre das recordações que tanto a amarguravam, se encontrasse novamente.

Chegara finalmente o dia das competições. Um tanto afastadas do burburinho do pessoal e da agitação dos últimos preparativos, Cara e Sarah se encontravam próximas a carruagem que as transportara até ali e observavam com atenção a uma das provas que consistia em atravessar o lago de uma margem à outra de olhos vendados.

O colorido das barracas por todos os lados, a agitação das pessoas indo em direção ao lago a fim de estar mais perto dos competidores, a música misturada ao canto em meio àquele sol tórrido, compunham típica paisagem festiva.

Os nadadores eram aclamados entusiasticamente enquanto realizavam as provas.

Ao final de alguns minutos, surge o vencedor.

Saindo das águas, é aplaudido por todos.

Acolhido pela comissão em meio à algazarra dos jovens, é festejado pelo povo à sua volta.

Recebe o prêmio. Um colar de flores rubras é colocado em seu pescoço, com o qual escolherá a companheira para o restante das festividades.

O vencedor é um valoroso nadador da Centromel distante. Cara observa sorrindo:

- Vês, tua Centromel está bem representada. Agora vejamos quem será a jovem escolhida.

Com efeito, após a coroação, tendo ainda o colar cingido ao pescoço, o mancebo embrenha-se entre a multidão de jovens calorosas e esperançosas, em busca daquela que já havia escolhido previamente. O seu par para a festa que se iniciava.

Eis que se dirige ao encontro de Sarah que, alheia ao que ocorria, se espanta ao vê-lo, ali, parado à sua frente e a colocar o colar em seu pescoço.

Fora tudo tão rápido... Sarah estava confusa... seus olhos fitaram o jovem... suas faces enrubesceram... seus pés pareciam não tocar mais o chão.

- Aceite, minha querida, e boa sorte - disse Cara.

Sarah não teve tempo de dizer uma palavra sequer. Foi arrastada para o meio da roda que se formara à sua volta e apresentada como a eleita de Celmo Robel, o vencedor.

Ah! Quão ingrato era o destino. Não viera a Mahaba com o firme propósito de esquecer todo aquele passado que só lhe causara lágrimas? Será que não poderia mesmo dar novos rumos ao seu destino? Não fora Celmo quem brincara com seus sentimentos? E por que a escolhera agora para sua companhia? Seria uma nova aposta entre amigos?

Estava confusa e tudo ao seu redor girava. Celmo mal teve tempo de ampará-la antes que desmaiasse em seus braços. Mansamente, momentos após, ela reabriu os olhos.

Ali estava ele a fitá-la apreensivo. Por alguns segundos seus olhares se cruzaram com a mesma ternura de outrora.

Volveu o olhar para o lado, identificando o ambiente, e o rosto querido de Cara surgiu.

- Querida, que susto nos destes! - disse a senhora.

Quis levantar-se, mas uma voz firme a deteve.

- Fique onde está. Vou buscar um copo de vinho para reanimá-la - disse Celmo, retirando-se.

- Oh! Cara, não compreendes, não compreendes? - murmura a jovem.

- Sossega, minha querida. O bom rapaz voltará logo com o vinho.

Ficará em um instante restabelecida. Foi o cansaço, com certeza, diz Cara com ternura.

- Será possível que não tenhas compreendido, Cara? - voltou a inquirir a jovem, desorientada com o ocorrido.

- Sarah, Sarah, sossega tua alma. Talvez Alá queira que agora sejas feliz! - acalma Cara.

- Mas como é possível! Este é Celmo Robel, o homem que...

Cara interrompe a jovem:

- Tudo será esclarecido. Agora, nada de insultos, de palavras insensatas neste momento, minha querida... Aí está ele de volta - alerta Cara.

Sarah não compreendia a atitude da amiga, pois ela sabia o que ele fizera a ela e por que então aquela postura estranhamente gentil?

Após sorver a bebida que ele lhe trouxera e, apoiando-se em Cara, a jovem deu alguns passos, desculpando-se.

- Creio que foi o calor. Sinto tê-lo incomodado, diz dirigindo-se ao rapaz.

- Não penses mais nisso. Se estás com forças... poderíamos dar um breve passeio pelo lago e admirar a paisagem que é esplêndida.

Sarah quis hesitar, mas o olhar da amiga a desencorajou.

- Como queiras - respondeu apenas.

Celmo convidou Cara para acompanhá-los e dirigiu-se na frente a fim de apanhar um bote para levá-los. Ela sabia da traição de Lamura e pensara muito a respeito da situação de Sarah quando a jovem lhe revelou seus mais íntimos sentimentos em relação a Celmo, mas não poderia revelar a ela o verdadeiro motivo da separação tão repentina que ocorrera entre os dois jovens. Não saberia qual seria a reação da jovem ao saber da artimanha que Lamura armara contra esse amor. Sabia do sacrifício que Sarah fizera para salvar o nome da mãe, tornando-se escrava dos desejos de Tulí... Resolvera silenciar.

Alá saberia o que fazer para reunir aquelas almas que tanto se amavam. Não diria nada para que a jovem não tivesse mais esse sofrimento plantado em seu coração.

Agora ali, observando os dois, ela pensava em tudo o que havia se passado meses antes.

- É bom que Alá os encaminhe - murmurou quase numa prece. - Eu farei o restante.

O passeio pelo lago se dá quase automaticamente. Os dois jovens mal trocam palavras, deixando-se levar pela beleza da paisagem ao redor e envoltos que estavam em seus próprios pensamentos.

A tarde caía amena quando eles regressaram, após terem participado um pouco mais das brincadeiras daquele dia.

Sarah agora mais desenvolta estampava na fisionomia os benefícios do sol que a tornavam mais alegre e feliz. Procurando ser agradável, Cara convida o rapaz para visitá-las no dia seguinte.

- Tu refletistes no que poderá acontecer amanhã? - pergunta Sarah, assim que o rapaz se afastou.

- Tu o amas - afirma Cara resoluta e ignorando a pergunta da jovem. - Vi isso em teus olhos, em teus gestos! - Cara, te fiz uma pergunta- retruca Sarah.

- E eu estou a dizer-te a mais maravilhosa de todas as verdades: teu amor ainda não morreu.

- Proíbo-te de falar assim.

- Não, não deixarei que esta oportunidade se perca - diz para si. - Vou reuni-los e abençoá-los. Celmo não é um plebeu. Possui uma frota de navios... é como Farid.

- Celmo não é plebeu, mas não possui títulos de nobreza

- afirma Sarah convicta. Desista, Cara, e deixe de sonhar... Cara parecia não ouvi-la mais. Concebia em seus pensamentos o mais ousado de seus planos: Unir Sarah e Celmo, ali na velha Mahaba, longe de tudo e de todos.

- Estou cansada, vou me recolher - diz a jovem.

Cara não ouviu quando a jovem se afastou. De olhos fechados ela revia toda a cena do lago. Ela ainda amava Celmo, sim.

Daria tempo ao tempo.

## Capítulo XV

“Muitos meses se passaram...mahaba...”

Com o passar do tempo Cara revelou a Celmo o plano que Lamura havia elaborado para afastá-lo de Sarah. Pedira ao rapaz segredo, pois não gostaria que Sarah se afastasse da mãe pelo ocorrido. Lamura estava apenas tentando proteger a filha de um destino que julgava não ser bom para ela.

Celmo sabia que aquela alma rebelde jamais entenderia os motivos pelos quais Lamura os havia afastado e concordou com a amiga. Sarah precisava dele para ser feliz e ele estava disposto a te-la novamente.

Ambos conversavam naquela tarde debaixo do caramanchão, onde chegava até eles o doce som de uma harpa distante.

- Tenho medo do futuro. Toda vez que vais embora, fico a perguntar-me: - Celmo, voltarás para mim? Tenho muito medo, Celmo. Confiei demais em ti no passado...

O rapaz sente uma profunda tristeza em seu coração, pois não é esta a verdade. Com grande esforço para não revelar a verdade àquela que tanto ama e a quem jamais faria mal, responde:

- Não falemos do passado porque não houve aposta alguma e apenas temi desposá-la... temi vê-la sofrer afastada de si e da família... depois... pensei que não concordariam com nossa união e acabei por inventar tudo aquilo. - E agora? - pergunta Sarah.

- É diferente. Não já não existe. No passado havia o compromisso assumido por tua família...

- Compreendo. Cara fez-me ver muitas coisas. Tenho profundo respeito, mas confesso que às vezes não a entendo. No entanto sei apenas que devemos a ela o nosso reencontro.

- Quando eu voltar, será para levá-la comigo para Centromel, como minha esposa, querida Sarah.

- Ah! Celmo, permita Alá que tudo dê certo. Vais falar novamente com Lamura?

- Sim, mas desta vez direi a ela o que pretendo e te prometo que casaremos de qualquer maneira. Cara tem tudo pronto. Regressarei o mais breve possível.

Como era de se esperar, Celmo não obteve o consentimento de Lamura para a sua união com Sarah. Não daria o consentimento em seu teto jamais. Que a filha jamais tornasse ao lar, se ousasse desobedecer-lhe novamente unindo seu destino a de um plebeu. Consideraria Sarah morta daquela data em diante.

A jovem sabia o que estava fazendo quando decidiu não ouvir os apelos da mãe que, mais uma vez, tentava afastá-la do homem que amava. Para ela, Lamura não a amava o suficiente para entendê-la e abençoá-la. Então ali na velha Mahaba, sob a proteção de Alá e de sua fiel amiga Cara, uniuse a Celmo Robel e, após uma longa viagem de volta pelo Mediterrâneo, aportando aqui e ali, ela finalmente regressou a Centromel para viver seu sonho de amor em companhia do seu escolhido.

Enquanto nossos jovens se preparavam para aportar em Centromel, algo acontecia. Ornara conseguira finalmente entrar em contato com um velho conhecido em Bagdá e trair Tulí, delatando-a ao Emir Ornar. Em uma tarde, enquanto ela se demorava no cais como era de seu costume, foi atraída para uma cilada, raptada e novamente devolvida para Emir Ornar, o sultão vingativo.

Uma vultosa quantia em ouro e jóias veio parar novamente nas mãos de Ornara que, julgando-se livre da inimiga, passou a viver longe da justiça do sultão, mas não longe da justiça de Alá.

Sarah e Celmo passaram a viver na residência dos Robel à beira mar. Era tamanha a ventura sentida que ela já não recordava o passado de dores e lágrimas vividos há tão pouco tempo!

Três anos haviam se passado.

Um dia, porém, Lucas regressou de longa viagem e, como era irmão de Celmo, foi com eles residir.

A beleza de Sarah o encantou.

O casal que até então vivera em perfeita harmonia, começou a desentender-se com frequência.

Apesar do tempo, Lamura não a havia perdoado e, naqueles três longos anos, a jovem vivera aconchegada ao carinho de Celmo e seus dois filhos.

Essa era a sua família! Agora, porém, alguma coisa estava novamente colocando em perigo a sua felicidade.

Um sentimento estranho tomava conta de sua alma. Havia se instalado novamente uma inquietação em seu coração.

A folhagem que circundava a varanda dança ao embalo do vento. Ela observa curiosa. Em seu pensamento se desenha nítido um rosto. É a dança das folhas que a faz recordar... Cerra os olhos procurando desfazer aquela visão. Já não pode apagar as recordações. Três anos de união com Celmo significaram anos de alegria confortadora para sua alma rebelde, porém, começava a sentir-se infeliz e entediada de tudo aquilo.

Não mais pertencia à classe dos nobres, todos a desprezavam, seus amigos de outrora, sua gente. Ao unir-se a um plebeu abdicara de todos os títulos que antes possuía. Era considerada indigna para com os de sua classe social. Só, sem amigos, isolada naquela Ilha, foi-se tornando melancólica e enfadada de tudo quanto a cercava.

O marido passava muitos dias no mar e, aproveitando dos momentos de solidão da cunhada, Lucas começou a insinuar-se, lançando a dúvida em seu coração.

Sarah sabia da amizade que existia entre Celmo e Família, a jovem doente que um dia viajara em companhia do esposo.

Lucas, aproveitando-se das longas ausências do irmão, lançava a semente perniciosa da desconfiança.

Ela sofria atormentada por pensamentos loucos.

Quantas vezes se perguntara qual teria sido o seu pecado? Amar Celmo? Desobedecer a Lamura? Curvar-se às exigências de Tulí? Ah! Como estava infeliz!

O remorso e o desprezo dos seus eram para ela chicotadas que atingiam sua alma rebelde e orgulhosa!

Já não lhe importavam os filhos, o lar... apenas aquela obsessão cruel: haveria de descobrir tudo a respeito de Celmo e Família.

Não podia mais ser feliz e, em sua desgraça, culpava Lamura. Não voltara ela de Bagdá com o coração cheio de ternura, não procurara amá-la e respeitá-la?

Que lhe dera Lamura em troca? Ah! Sarah não pensava mais em nada senão na terrível situação em que se encontrava. E quem fora a causadora? Lamura. Lamura, com sua intransigência, com seu orgulho.

E agora, na mais cruel solidão, tinha ainda que enfrentar um inimigo que lhe estava destruindo o lar? Por que motivo Celmo permitia que Lucas continuasse a viver debaixo do mesmo teto? Será que Celmo não percebia as intenções do irmão?

Sarah lutou até onde suas forças permitiam, mas depois deixou-se arrastar por aquela onda de intrigas que Lucas criara à sua volta.

Uma tarde, quando voltava da praia, surpreendeu Celmo e Família juntos. Vira quando Família ao despedir-se de Celmo lhe beijara a fronte.

Enlameada pelo ciúme, correu para casa sem ouvir as explicações do esposo.

Não era o que ela supunha. Família estava curada e iria partir da ilha em companhia do pai. O beijo agradecido, dado na fronte

do amigo, era de reconhecimento e amizade.

Humilhada pelo que acabara de presenciar, entendeu que só tinha um caminho a tomar. Sua mente alucinada, voltava insistentemente ao passado de dores que não buscava esquecer e alimentando ainda mais seus devaneios.

Nunca pudera ter paz em companhia de quem quer que fosse. Desde que deixara a vivenda de Abraão Salus, nunca mais desfrutara de serenidade completa. Sempre havia um passado, torturando sua mente.

E agora, que se encontrava feliz, surgira Lucas. Não, ela não tinha mais forças para lutar.

Em seu íntimo percebia o quanto Lucas a desejava.

Celmo tornara-se surdo ante seus apelos para que fossem viver em outro lugar, sozinhos, longe da presença de Lucas que, de certa forma, a atraía. Por que Celmo não atendia seu pedido?

Louca, tomada pelo ciúme, pensava agora entender tudo.

Celmo não se afastava dali porque havia Família. Lucas, estava certo - pensava.

Estava cansada, necessitava de afeto, sua alma confusa pedia compreensão. Compreensão que Lucas sutilmente demonstrou que podia dar-lhe.

Enquanto Celmo se distanciava do coração de Sarah, aborrecido ainda com o incidente, Lucas ia aos poucos ganhando a batalha.

" Infeliz Sarah! Por quanto tempo ainda iria complicar-se com aquele ato insensato. Buscara muito, apenas para si, necessitava ser feliz a qualquer preço, mas não soubera dar um pouco de felicidade àqueles que dela necessitavam. Sua alma egoísta e imatura criara uma rede de situações complicadas na qual debatia-se em conclusões errôneas."

O irmão de Celmo, Lucas, percebera a fragilidade de sentimentos que Sarah possuía e ofereceu a ela a oportunidade de deixar Centromel para sempre em sua companhia.

Lucas era um homem desprovido de caráter digno e encantado apenas com a beleza da cunhada, convenceu-a a deixar Celmo e os filhos, prometendo amá-la como ela realmente merecia.

Partiriam na manhã seguinte, deixando tudo para trás.

Não pensou em mais nada a não ser no quanto se sentia infeliz e na realização de seu intento. Sentia-se algemada a Celmo Robel e queria romper as cadeias que a infelicitavam. Estava cansada de ser apontada como uma indigna e aquela que manchara a honra da

família. O amor de Celmo não fora suficiente para dar-lhe a felicidade que desejava. Sua alma necessitava de mais, muito mais.

Na madrugada quando um dos navios de Celmo partiu, levava em seu convés uma passageira - Sarah Camur - uma alma sofredora em busca de seu próprio destino.

Alguns anos se passaram entre recordações e amargura para Celmo, que não entendia o procedimento da esposa.

A pedido de Cara, Celmo lhe entregou os dois filhos. Os meninos necessitavam de uma educação aprimorada, dos carinhos de uma mãe, e Celmo não podia dar a eles o de que precisavam, visto que sua vida era dividida entre o mar, a terra e a solidão que amargava sua existência.

Cara levava então os meninos.

A propriedade dos Robel, grande e confortável, tornarase vazia e sem calor com o afastamento da esposa. Apenas alguns criados continuavam ali e, com a ida das crianças para a casa de Cara, tudo se tornara terrivelmente triste. Para Celmo, as lembranças que aquela casa traziam eram profundas demais.

Quando regressava de suas viagens, ia ter com os filhos e a amiga. Lamura, amiga íntima de Cara, passou a conviver mais com os netos tão ternos e carinhosos e, através das visitas que fazia à amiga, foi vencida pela emoção que os pequeninos lhe causavam. Capitulou e tudo procurou esquecer.

O milagre realizara-se!

Cara dava graças a Alá. Agora tudo estava bem. Não havia mais ódios entre Celmo e Lamura, mas o coração da velha amiga, que tudo fizera para unir Celmo e Sarah, permanecia infeliz, pois nunca mais tivera notícias dela.

Meliano e Celmo continuavam proprietários da frota de navios que singrava os mares.

No coração de Celmo persistia a amargura. Lamentava que o entendimento entre ele e Lamura houvesse chegado tardiamente. Quanta desgraça teria sido poupada!

Mas quando já caminhava para o esquecimento de tantas desventuras, eis que a morte ceifa a vida de seu filho pequenino, golpeando uma vez mais seu coração.

Uma grave infecção devido a um ferimento feito por seu cão, roubou-lhe a vida.

Celmo suportou tudo, com humilde resignação, como se já esperasse por mais este golpe fatal.

Era a vontade de Alá. Esse Deus Alá no qual ele acreditava. Um Ser que era para ele toda a força, a pureza de sentimentos e a retidão de caráter. Um Alá que era somente justiça.

Celmo sofria a perda do filho, mas em seu coração não havia mais lugar para a revolta. O sofrimento fizera com que seu coração houvesse se voltado ainda mais para junto de Alá e Nele buscava o conforto de que sua alma necessitava.

Cercado pelo carinho de Cara e Lamura, Celmo já se encontrava restabelecido emocionalmente e partira novamente deixando com elas a certeza de que estaria bem.

Enquanto o destino feria mais uma vez Celmo Robel, levando-lhe um dos filhos, em Bagdá, encarregava-se de ferir também Tulí, a bailarina. Desde que fora entregue novamente ao sultão, Tulí vivia prisioneira em um salão, guardado por fiéis soldados do reino.

A figura do sultão era vista vagando altas horas da noite, pelos corredores do palácio.

Observava Tulí a distância com olhos inflamados pelo ódio que guardava dentro do peito.

Não suportava a traição. Precisava feri-la e torturá-la. Sua honra haveria desta vez de ser lavada com o sangue daquela maldita! Deixaria que ela pensasse que tudo fora esquecido e, depois, em praça pública, a executaria com um requinte de crueldade que só sua mente doentia poderia imaginar.

Não era permitida a permanência de ninguém a seu lado, exceto Núbia, uma antiga escrava e o próprio Emir Ornar.

Mas Núbia odiava Tulí.

Não suportava vê-la alvo das atenções de Emir Ornar depois de tudo que ela lhe fizera, como se nada tivesse acontecido. Seu coração pedia punição para aquela que havia seduzido Ornara e o afastado dela para sempre.

Por que o sultão não a castigara de pronto? Enquanto o pobre Ornara vivia foragido, ela, Tulí, vivia no palácio cercada de mimos? O que estaria acontecendo? - pensava Núbia cheia de revolta.

Naquela noite ela entrou sorrateira nos aposentos de Tulí.

Encontrou-a adormecida. Sua cabeça pendia em almofadas coloridas. Olhou-a por longo tempo como que sorvendo antecipadamente o sabor da vitória. Tirou então um estilete pontiagudo debaixo do manto e o contemplou com satânica alegria.

- Agora perei fim a todas as tuas maldades - murmurou entre dentes, olhos brilhantes e mãos trêmulas.

- Morre, mulher maldita! Leva contigo toda a maldade que teu coração comporta!

E assim dizendo enterrou o estilete com toda a força no coração de Tulí que, tombando ao solo, morreu instantaneamente.

Núbia afastou-se sorrateira, como chegara. Tivera o cuidado de colocar um poderoso narcótico na bebida que mandara servir aos guardas que vigiavam a entrada do salão e, portanto, sua presença não fora notada.

Na manhã seguinte ela mesma descobriu o corpo frio de sua vítima. Entre lágrimas deu sua versão:

Tulí suicidara-se.

Todos acreditaram.

Núbia respirou aliviada. Acreditava no perdão de Alá, pois vingara Emir Ornar e o livrara de Tulí.

Emir Ornar, aturdido com a notícia e enlouquecido pelo ódio, perdeu temporariamente a memória.

Enquanto tudo isso acontecia em Bagdá, em Centromel Cara viera para a vivenda de Lamura com Zeid, o filho pequeno de Celmo, e ali se instalara.

Lamura acolhia de bom grado a presença de Celmo em sua casa nas visitas que fazia ao filho sempre que este retornava de suas viagens.

Com o passar dos meses, Celmo notou que sua saúde não estava bem. Seus olhos o incomodavam. Temia a cegueira.

Várias vezes tivera crises e sua visão se tornara turva.

Lamura preocupava-se ante o crescente abatimento do rapaz.

- Perdoe-me, Celmo. Tenho feito tudo para esquecer o passado. A verdade eu sei, fui culpada de muitas coisas... nunca mais soube de Sarah... ficou um vazio enorme em meu coração. Muitas vezes ponho-me a pensar... relembro Farid e tudo o que nos aconteceu... a vingança do sultão e o destino de minha filha.

- Por favor, senhora, esqueçamos o passado. Não desejo acusar ninguém e quero apenas esquecer. Não se torture mais, o passado para nós é cruel lembrança. Vivamos o presente nessa criança meiga que tem sido nosso anjo tutelar.

Lamura ouvia as palavras bondosas de Celmo como se elas viessem de muito longe... seus pensamentos voavam soltos, leves, para um tempo distante, feliz, onde encontrava ainda a figura gentil e carinhosa de Farid Camur a olhá-la com ternura. Relembrava a ventura que vivera por tão pouco tempo, ao lado daquele homem que tanto a amara e sentiu então o quanto fizera Celmo infeliz. Ah! Se tivesse

dado oportunidade ao seu coração de conhecer Celmo naquela ocasião! Hoje, hoje já não se importava mais com a condição de plebeu do rapaz. Celmo havia conquistado sua afeição e respeito. Aprendera, através do sofrimento, que títulos de nobreza não trazem a felicidade.

Celmo se tornara muito mais que um filho para ela. Com suas palavras mansas e sábias, transformara o coração altivo de Lamura.

Sua figura aristocrática tinha agora uma altivez diferente. Seus olhos deixavam transparecer a doçura interior que havia em sua alma. O arrependimento verdadeiro se instalara em sua alma, fazendo-a crescer interiormente. Queria recuperar o tempo perdido.

Nesse instante, Zeid adentra o aposento correndo em direção à avó com seu riso cristalino e suas faces coradas pelo sol.

Novamente a alegria se instala no coração de Lamura, trazendo-a de volta.

Lamura abraça o neto carinhosamente.

Levanta-se. Toma o neto pelas mãos e se encaminha para o jardim, embevecida pela conversa animada do pequeno Zeid. Celmo permanece sentado observando risonho o quadro tão singelo.

"Assim é a vida. Uma constante de risos e lágrimas que sorvemos gota a gota para a nossa redenção espiritual.

O martírio de nossos Espíritos é que, muitas vezes, voltamos à Terra em busca da redenção de nossas almas e falhamos.

O orgulho, a vaidade, a falta de humildade, o dispensar as oportunidades que nos são colocadas no caminho, são os maiores obstáculos à nossa evolução, prolongando, então, nossa jornada de sofrimentos."

## Capítulo XVI

"Entre as brumas do mar revolto, a busca de um novo desiguínio..."

Quando Sarah Camur deixou Centromel naquela madrugada, trazia consigo apenas alguns pertences materiais.

Enlevada com as promessas de Lucas, prometera a si mesma apagar de suas lembranças todo o passado.

Entretanto, muitos anos haviam se passado e seu coração ainda continuava ligado às lembranças dos filhos.

Passado aquele impulso que a fizera tudo abandonar, via agora com

grande apatia que jamais conseguiria encontrar a tão sonhada paz.

Aquela alma rebelde tudo fazia para se adaptar à nova situação.

O remorso de imediato começou a roer-lhe as entranhas.

- Como pudera ser tão cruel abandonando aqueles pequeninos que eram, sabia agora, a sua alegria? - pensava a jovem insistentemente. Em tudo sentia a presença dos filhos. Seu coração doía muito e mais ainda porque sabia que não poderia voltar.

A volta seria a sua morte.

Entendera, tardiamente, a loucura que fizera!

Lucas não passava de um aventureiro. Gostava de folia e noitadas ao lado de mulheres. Sentia-se mais infeliz do que nunca.

Após terem deixado Centromel, haviam aportado pela ocasião...

As ilhas do Mediterrâneo, onde ele entabulara seus negócios, vindo mais tarde formar, juntamente com velhos companheiros, um pequeno comércio de barcos pesqueiros.

Sarah trabalhava muito para ajudá-lo e também para sobreviver à sua desdita.

Suas mãos delicadas e alvas, acostumadas apenas a delicados trabalhos de lazer, aprendiam finalmente o significado valoroso da sobrevivência do corpo e da alma.

Lucas possuía uma pequena tenda no povoado e era ali que realizava seu comércio pesqueiro e também de algumas especiarias.

Autoritário, dominador, torturava a vida de Sarah, não deixando para a jovem a mínima condição de felicidade.

Onde buscaria naquele homem rude os anseios que preencheriam seu coração? Onde estavam as promessas de um entendimento maior que Lucas lhe fizera?

Alheio a tudo que se passava com ela e apenas preso aos prazeres da carne, a tratava com malícia e desdém, muitas vezes acusando-a de tê-lo seduzido e provocado a desunião entre ele e o irmão.

Culpava-a pelo que fizera ao irmão, obrigando-a a trabalhos pesados, aos quais ela, franzina, arrastava-se por cumprir.

Nesse clima de tensões e ansiedades, viveu dois longos anos.

Lucas deixara a ilha para estabelecer-se às margens do Mediterrâneo.

Nesse tempo ruim de desencontros e aflições, percorria o Cairo um hindu, levando seus conhecimentos de espiritualidade aos deserdados da sorte.

Sarah, certa tarde, conheceu-lhe a palavra.

Sentiu-se atraída pelo seu modo de vida simples, pelo seu conhecimento e por sua lucidez. As palavras do homem tocaram sua

alma. Via nelas a esperança que traria luz para seus dias na escuridão da ignorância das coisas do Espírito.

Sêunio havia lhe ensinado que para encontrarmos Alá seria preciso que tivéssemos sofrido muito, pois ao contrário não reconheceríamos o seu chamado.

E Sarah havia sofrido. Sofrera todas as dores morais que o destino lhe impusera, por isso, entendia agora a grande verdade.

Acreditava num futuro sem sofrimentos após a morte do corpo físico e, para que esse sofrimento não a acompanhasse além túmulo, trabalhava com fervor pelo seu aperfeiçoamento buscando a cada dia recompensar o passado de erros.

Não poderia voltar para os seus, mas, em seus pensamentos, todos os dias estava ao lado deles, talvez com maior intensidade ainda do que no passado.

Assim vivia Sarah Camur, conhecida por todos no lugar em que agora morava como Mela Hamal - a seguidora de Sêunio.

Abandonou Lucas e suas promessas não cumpridas. Buscava as verdades anunciadas pelo novo pregador por quem começava a sentir profunda ternura.

Decidira seguir-lhe. Seu coração pressentia que ao seu lado encontraria a paz que seu Espírito tanto procurava.

Queria mudar o rumo de sua vida atribulada, tão cheia de erros e ódios. Queria acima de tudo ser perdoada por Alá.

Carregava uma culpa tão grande dentro da alma que já não podia mais suportar. O medo de voltar e não ser mais aceita a impediam de pedir perdão aos seus e recomeçar de onde houvera parado. Sua alma permanecia em constante conflito entre o certo e o errado.

Sua vida ao lado de Lucas de há muito não existia.

Lucas possuía gênio completamente diverso do seu. Havia muita amargura entre eles.

Sarah ansiava por um entendimento que nem mesmo ela soubera dar a ninguém. Era uma alma sonhadora que não buscava na realidade do viver simplesmente, a alegria para seus dias.

Desta forma, Sêunio surgiu em sua vida como âncora.

Naquele momento ela precisava de alguém para minorar seu sofrimento. Faze-la entender que, só através dele, alcançaria a purificação... foi tarefa muito difícil.

Revoltava-se. Chorava até não mais sentir forças para brotar tantas lágrimas nos olhos. Então, entrava em profundo abatimento.

Entendia que o passado ficara para trás e nada mais restava a fazer a

não ser seguir em frente, redimir seus erros de outra maneira. Quem sabe dedicar-se a alguém? Ter outros filhos? Apagar suas lembranças, mas de que forma? Sentia o coração novamente pulsar forte quando se aproximava de Sêunio.

Era extraordinário o bem que a presença daquele homem lhe proporcionava.

Era algo que ela não sabia definir. Ele lhe inspirava confiança, segurança e proteção. Entendiam-se perfeitamente.

Como sua discípula, renasceu para uma nova vida sem conflitos e dissabores.

Entendeu que só ao seu lado estaria em segurança, embora a vida lhe fosse ser difícil.

Quedava-se enlevada observando sua figura esguia dentro do albornoz surrado, o caminhar firme, os gestos decididos, a palavra exata no momento certo.

Viviam do pastoreio e o pouco que detinham era-lhes suficiente.

"Salvamos nossa alma, quando nos devotamos a alguém", dizia Sêunio. E quando lhe perguntavam se odiar alguém constituía pecado, ouviam-lhe a resposta esclarecedora:

"Nunca devemos odiar nosso próximo porque ele é nosso irmão. Precisamos expiar com resignação nossas faltas para merecermos a misericórdia de Alá. Convém esquecermos o passado, não pensar nele, não viver com esse pesadelo dentro de nós..."

Ensinara-lhe uma nova maneira de viver.

Hoje, já não se importava mais com a condição de plebeu do rapaz. Celmo havia conquistado sua afeição e respeito. Aprendera, através do sofrimento, que títulos de nobreza não trazem a felicidade.

Celmo se tornara muito mais que um filho para ela. Com suas palavras mansas e sábias, transformara o coração altivo de Lamura.

Ela jamais poderia voltar. O destino estava traçado por suas próprias mãos. Fizera a escolha. Os seus, estes mereciam a felicidade e ela amargaria toda sua dor para limpar-se das impurezas que acarretara para a alma.

Tinha de alguma maneira encontrado a tão sonhada paz. Sêunio havia lhe ensinado tanta coisa boa, que trouxera, finalmente, a felicidade àquela alma atribulada.

Agora, Sarah já não sofria, havia conseguido finalmente perdoar e esquecer...

Sua figura aristocrática tinha agora uma altivez diferente. Seus olhos deixavam transparecer a doçura interior que havia em sua alma. O arrependimento verdadeiro se instalara em sua alma, fazendo-a crescer interiormente. Queria recuperar o tempo perdido. Soterrara em seu coração todas as recordações e matara Sarah Camur, enterrando-a juntamente com seus sonhos loucos. Nesse instante, Zeid adentra o aposento correndo em direção à avó com seu riso cristalino e suas faces coradas pelo sol. Novamente a alegria se instala no coração de Lamura, trazendo-a de volta.

Lamura abraça o neto carinhosamente.

Levanta-se. Toma o neto pelas mãos e se encaminha para o jardim, embevecida pela conversa animada do pequeno Zeid. Celmo permanece sentado observando risonho o quadro tão singelo.

"Assim é a vida. Uma constante de risos e lágrimas que sorvemos gota a gota para a nossa redenção espiritual.

O martírio de nossos Espíritos é que, muitas vezes, voltamos à Terra em busca da redenção de nossas almas e falhamos.

O orgulho, a vaidade, a falta de humildade, o dispensar as oportunidades que nos são colocadas no caminho, são os maiores obstáculos à nossa evolução, prolongando, então, nossa jornada de sofrimentos."

## Capítulo XVII

"Na...Centromel, o clima era de festa e alegria..."

Era dia festivo em Centromel para a família Camur.

Zeid completava oito anos e Lamura, mandara preparar uma enorme festa, para a qual convidara as famílias mais nobres de suas relações. Decidira que no dia dos anos de seu neto, o apresentaria aos seus conhecidos. Combinara com Celmo e uma vez tudo acertado, pôs-se a executar os preparativos para a recepção.

Encomendara os melhores doces de mel, refrescos, flores delicadas e coloridas para adornar o ambiente. Para o neto mandara tecer uma delicada túnica de cores claras.

Chegara finalmente o grande dia.

Do amplo salão onde estava posta a mesa com os doces e guloseimas, vinha suave melodia que se misturava ao perfume inebriante das flores que estavam dispostas em cestus espalhados pelo recinto.

O menino estava de pé, pensativo, no centro do salão... voltou-se ao avistar o pai e sorriu.

- Em que pensas, meu filho? - Perguntou-lhe, aproximando-se. - Estás feliz por ser o dia de teu aniversário? - disse, beijando-lhe a face.

O menino apertou a mão do pai e depositou nela um longo beijo umedecido por lágrimas.

- Filho! Que tens? Sentes algo? - Inquiriu apreensivo.

Zeid, sem nada dizer, pousou os grandes olhos úmidos nos do pai e, repentinamente, atirou-se em seus braços.

- Filho, me assustas! - exclamou ele aflito, como que pressentindo algo de grave por suceder.

- Papai, papai - soluçou ele, estou contente sim por ter você aqui a meu lado, mas seria tão bom se mamãe... - não pôde terminar a frase porque o pranto lhe embargara a voz.

Celmo aconchegou-o ao peito.

- Não chores, filhinho; dói-me ver-te tão triste. Já és um homenzinho e precisas compreender muitas coisas. Sê forte, meu filho, e prossigamos sem esmorecer. Alá é tão bom e devemos render-lhe graças por nos ter conservado esta família generosa que nos acolhe tão festiva!

- Perdoe-me, papai - disse o menino, refazendo-se da enorme tristeza que lhe invadira a alma.

Ambos permaneceram longo tempo em silêncio, abraçados, como se suas almas sofredoras se fundissem numa só emoção.

O pensamento de Zeid corria longe.

Encontrava-se agora no passado distante e revivendo os dias ao lado da mãe. Lembrava-se dela, sim. Sentia, todas as noites ao deitar-se, o perfume do corpo da mãe embalando seus sonhos de criança...

Quantas foram as vezes em que acordara banhado em lágrimas de saudade, não poderia dizer. Pedia, então, a Alá a volta da mãe. Seu pequeno coração nunca conseguira entender por que ela se fora para sempre, deixandoos entregue à própria sorte. Lembrava-se do irmão a quem tanto amara e que também havia partido. Sentia-se extremamente amargurado.

A manhã pareceu infundável. Lamura esperava com impaciência as primeiras horas da tarde, quando então os convidados chegariam

trazendo com eles a natural alegria da petizada.

Estava preocupada com a atitude do neto, pois vira-o pensativo e distante durante toda a manhã.

Celmo havia contado a Lamura o ocorrido com o filho e ela, agora, procurava disfarçar as lágrimas do genro para não deixá-lo ainda mais apreensivo.

Seu coração de avó sabia de há muito do sofrimento do neto, mas nem mesmo seus excessivos carinhos para com ele haviam conseguido sanar a dor de seu coraçãozinho.

Procurando alegrar o ambiente, ela conversava e gesticulava, afastando do neto e de Celmo aquela tristeza que os invadira.

A chegada dos primeiros convidados afastou de vez as preocupações de todos e logo o riso e a algazarra das crianças deram lugar ao riso e alegria dos grandes também.

Todos conversavam sobre os últimos acontecimentos da cidade: esportes e jogos próprios da época.

Alguém propôs para o dia seguinte em que se comemorava a vitória dos jogos olímpicos, que se organizasse uma corrida no lago. A corrida seria encerrada com prêmios aos vencedores. Com a aprovação de todos, foi então designado um juiz para presidir os jogos.

Aderindo ao entusiasmo geral, Celmo e o filho se inscreveram para a grande corrida, prometendo que seriam os vencedores.

Zeid exultava de contentamento. Competiria ao lado do pai.

A festa prolongou-se por toda a tarde.

Após sair o último convidado, Maíra, a escrava de Lamura, esperou pelo menino para deitá-lo. Foi encontrá-lo no jardim, quando as primeiras estrelas já cintilavam no céu. Estava sentado em um banco de pedras próximo à fonte. Agitava lentamente as mãozinhas na água fria, enquanto seus lábios

rosados, entoavam graciosa melodia árabe.

Maíra aplaudiu-o com entusiasmo.

- Estavas aí? - perguntou, voltando-se enrubescido.

- Nunca imaginei que soubesses cantar tão bem -

respondeu ela aproximando-se e erguendo-o nos braços - que bonita melodia! Agora vamos para dentro.

Em seus aposentos, após vesti-lo e deitá-lo, sentou-se no chão e cantou para que ele dormisse.

- Dorme, dorme - pediu baixinho. - Amanhã brincarás outro tanto e verás que lindos presentes ganhastes.

- Boa noite, Maíra - disse o menino já sonolento enquanto pedia para que ela continuasse a cantar - Cante... cante para mim, Maíra... cante...

O dia amanheceu lindo. O céu de um azul intenso convidava mesmo a uma corrida no lago.

Embora não se sentisse bem, Celmo acompanhou o filho. Não queria decepcioná-lo.

Lá chegando tomaram seus lugares.

Selma os seguira. Apostara com Zeid que ele venceria o pai nas competições.

No local havia tanta gente que a algazarra da criançada se misturava aos apitos e tambores.

Os homens nadariam na parte mais funda do lago e as crianças do lado oposto, na parte mais rasa.

Pouco antes de começarem a se preparar para a largada, Celmo comentou:

- Estou um pouco tonto. Receio que aquelas nuvens me ataquem de novo justamente agora.

-O doutor proibiu-lhe emoções fortes. Talvez seja melhor desistir.

Ainda há tempo - respondeu ela com visível preocupação no olhar.

- Não, creio que passará logo. Além do mais não estarei só, gracejou ele tentando dissipar a preocupação, você estará do meu lado. Então vamos até a outra margem, a corrida está por começar. Dê-me o braço - disse alegremente.

Havia grande movimentação, muita música e bandeiras coloriam as árvores, agitadas pelo vento quente, que soprava naquela manhã.

- Papai, gritou-lhe o filho do outro lado da margem. - Boa sorte!

Celmo acenou para o filho sorrindo e atirou-se na água. Iniciava a corrida.

Haviam nadado alguns minutos, quando Celmo sentiuse mal.

Repentinamente a tontura aumentara. Todo o lago parecia estar em movimento. Celmo perdera a noção de tudo. Não conseguia mais se manter em cima da água, justamente agora na parte mais profunda e perigosa.

Os companheiros que se encontravam ao seu lado nada perceberam, pois, na ânsia de vencer, cada qual cuidava de si.

Alguém da margem gritou:

- Olhem, ele sentiu-se mal... não pode nadar!

Alguns rapazes atiraram-se no lago para socorrê-lo.

Selma desesperada, reconheceu o cunhado e gritava pedindo ajuda. A correnteza o levava cada vez mais para longe da margem, tornando-se difícil chegar até ele.

- Ele perdeu os sentidos, gritavam as pessoas - pondo em aflição quantos tentavam salvá-lo.

Foi então que o menino correndo pela grama e contornando o lago, jogou-se na água na tentativa de aproximar-se do corpo do pai que boiava na superfície profunda das águas.

No desespero para salvar Celmo ninguém percebeu quando ele, movido pelo amor ao pai, seu único bem, atirou-se no lago.

Somente mais tarde enquanto retiravam Celmo das águas e o deitavam na relva, foi que alguém gritou que havia mais um corpo boiando nas águas.

Um terrível pressentimento fez com que Selma corresse até lá.

Sua dor foi enorme ao deparar com o corpo do sobrinho, inanimado nos braços de um dos atletas.

Agarrada a ele, sacudia-lhe o corpinho sem vida, desesperadamente.

- Não adianta - disse-lhe o jovem. - O pai viverá, mas o filho já está morto.

- Não, não, não - gritou Selma alucinada. - É demais, grande Alá, é demais. Que fizemos para sofrer tanto? - bradava entre soluços agarrada ao corpinho do sobrinho.

Levada por uma amiga para longe dali, ela pensava agora na dor de Celmo que ainda inconsciente não soubera da desgraça que acabara de ocorrer em suas vidas.

Mas, atraído pelos gritos da cunhada, Celmo voltou a cabeça e viu o corpo do filho nos braços de estranhos.

- Coragem - alguém disse.

Celmo repentinamente compreendeu tudo.

- É meu filho... é meu filho que levam... morto? perguntou angustiado.

- Alá sabe o que faz - foi a resposta à sua pergunta. Um grito de dor lhe escapou ao peito. E novamente tudo ficou em trevas à sua volta.

No lar de Lamura havia desolação.

Por mais de uma vez, a desgraça atingira aquela família, mas, agora, agora haviam lhe tirado a única alegria que restava em sua vida.

Um novo cxi vorccccr!

Quinze dias haviam se passado entre a dor da perda do neto adorado e a doença inexplicável que acometera Celmo.

O médico à sua cabeceira estava apreensivo.

Ele não recuperara a visão desde o incidente no lago. Apesar da extrema fraqueza em que se encontrava, sentia que deveria lutar contra o destino implacável que marcara para sempre a sua vida. Naquela manhã, o médico chamara Lamura e lhe dissera que ele não mais recuperaria a visão, mas que seria necessário que não o soubesse, pois, caso contrário, poderia agravar seu estado de saúde. Lamura sentia o coração apertado dentro do peito, mas estava decidida a fazer com que o genro não desistisse de viver. Ela e Selma estariam ali, ao seu lado, e seriam para ele a luz de seus olhos, agora mergulhados na mais profunda escuridão. Os dias se passaram e aos poucos Celmo foi reequilibrando o organismo, vencendo a fraqueza que se instalara nele, desde a morte do filho. Por vezes se levantava, amparado pelos amigos, e sentavase junto às acácias, ali permanecendo por longas horas, em silêncio. Outras vezes, no terraço, ele, Selma e Cara se reuniam para conversar. Selma professava uma estranha religião que aos olhos de Celmo era muito confortadora. Falava a jovem a respeito de amor ao próximo, de renúncia, de perdão e sobretudo da sobrevivência da alma em um mundo melhor que a Terra. Finalmente ele encontrava respostas para suas dúvidas e sorvia com avidez as sábias palavras da cunhada. -Uma boa ação, e tudo que trouxer um sorriso de alegria na fisionomia de outra pessoa, meu querido Celmo, farão com que Alá nos recompense com alegria também. Selma falava-lhe de Maomé, o grande profeta que, como Jesus Cristo, acreditava serem as crianças os melhores guias para o Reino dos Céus. - Devemos possuir a alma limpa das impurezas do orgulho e do desafeto. Espelhemo-nos nas criancinhas que não distinguem posições sociais e povos. Nosso coração deve possuir a inocência dos pequeninos para que possamos entender o significado do amor a Deus e ao nosso próximo. Celmo guardava as palavras de Selma em seu coração com indescritível carinho e recordava-se de que em suas viagens ouvira falar do Cristianismo. Sabia que, mesmo veladamente, o Cristianismo possuía muitos adeptos.

Eram homens e mulheres sequiosos de luz e esperança. A maioria eram pessoas de vida muito simples, mas que pareciam possuir um tesouro imenso em seus corações. Ouvira falar da figura enigmática de Jesus Cristo, o profeta que havia pronunciado o Sermão da Montanha.

Jesus falara do perdão das ofensas e do imenso amor que deveríamos ter para com aqueles que nos fazem sofrer.

Celmo entendia muito bem, agora, o que Jesus queria dizer, quando falou que a felicidade não seria encontrada neste mundo.

Selma lhe relatava minúcias sobre as pregações do Mestre Jesus, e ele, ávido de saber, a ouvia atento, procurando incutir em seu espírito todos aqueles maravilhosos ensinamentos que tanto bem faziam à sua alma.

E, nesse clima religioso, passavam horas a conversar; contudo, a extrema fraqueza fez com que seu coração não resistisse por muito mais tempo e, após alguns meses de convivência na casa de Lamura, ele partiu para o chamado mundo dos mortos.

Numa ilha agora distante, na crosta terrestre, quedaramse tristes três almas sofredoras!

Lamura, Cara e Selma, cada uma elevando um pensamento distinto a Alá, em memória daquele ente querido que partira.

Daquele ser que soubera a tudo suportar e a tudo perdoar por um sentimento que existe latente em todos nós: o amor.

## Parte II

### Capítulo XVIII

“No espaço sem fim, perdido entre um mundo e outro... Uma Luz salvadora.”

Sem conhecimento da minha verdadeira situação no mundo espiritual, vaguei durante muito tempo inconsciente da minha ausência do corpo carnal.

Percorri as ruas da cidade, imerso em trevas e, embora forçasse a memória, não conseguia compreender o que se passava.

Estaria eu sendo vítima de algum pesadelo?

Caminhava sempre.

Em busca do quê, não sabia. Sentia necessidade de estar sempre andando naquela imensa escuridão.

Após tanto sofrimento e já muito cansado, procurei com as mãos tatear o chão em busca de algum lugar seguro para me sustentar, mas nada encontrei. O solo como que desaparecera sob meus pés. Senti medo. Aquele fenômeno inexplicável impressionara-me bastante. A sensação era de que estava sendo erguido por mãos vigorosas. Por mais que tentasse não encontrava o solo. Entretanto, permanecia em pé, sobre ele, ouvindo ruídos próprios da rua, gargalhadas, cochichos, que aumentavam ainda mais meu pavor.

Tinha consciência do que se passava a meu lado, embora não pudesse enxergar. O que não conseguia entender era como tinha saído de casa.

Lembrava perfeitamente das palavras amigas de meus familiares, quando tivera o ataque do coração, após tantos meses de cegueira e da extrema fraqueza que se apossara de mim, mas agora penetrara nesse imenso pesadelo, do qual não conseguia livrar-me e nem mesmo entender.

Foi então que lembrei-me de orar e pedir a proteção de Alá.

Acreditava-me vítima de um sonho e pedi em preces que este terminasse. Queria acordar, retornar aos meus aposentos. Sentir-me seguro novamente entre aqueles que amava.

Por que, oh! milagre, não lembrara antes de orar? Por que agüentara aquela escuridão interminável durante tanto tempo, sem recordar o bem que a oração nos faz?

Achava-me ainda em atitude de súplica, terminando as últimas palavras, quando uma luz intensa, a princípio vinda de longe e depois de muito perto, foi focalizada em mim à maneira de uma grande tocha de fogo.

Foi então que ouvi a voz de uma mulher, aproximandose de mim:

- Aqui está o nosso irmão.

E voltando o rosto para os que a seguiam, ordenou firme, mas bondosa:

- Coloquem-no imediatamente no carro.

Eu estava deslumbrado. Nunca vira em toda a minha vida figura mais bela. A expressão angelical de seu rosto, emoldurada por finos cabelos cor de neve e o olhar suave, revelava toda a bondade que existia em seu coração.

Quis falar-lhe mas não consegui. Lágrimas vindas do fundo de meu coração brotaram em meus olhos.

- Teu sofrimento acabou, meu irmão. Agora feche os olhos e descanse. Nosso irmão Simão irá ministrar-lhe passes magnéticos,

que irão confortá-lo - disse ela docemente enquanto acariciava suavemente minha fronte.

Carregado, à maneira de criança, por dois homens que se aproximaram, vestindo uma túnica muito alva, fui depositado em uma espécie de maca.

Em seguida, um ancião de fisionomia simpática acercouse de mim dizendo:

- Feche os olhos meu filho, e procure não pensar em mais nada.

Uma sensação de amortecimento foi tomando conta de todo o meu ser. Senti-me leve e confortável.

Ainda sentindo essa maravilhosa sensação, fui sendo conduzido a uma espécie de carro que estava a poucos passos de mim.

Em poucos minutos, adormeci.

Quando finalmente acordei, mais tarde, estava deitado de costas em um amplo quarto.

Lençóis muito alvos cobriam parte de meu corpo e persistia ainda aquela sensação inebriante em todo o meu ser.

Podia enxergar novamente!

Rejubilava-me por isso.

Pus-me então a examinar os aposentos detalhadamente. Do teto, azul claro, pendiam castiçais de uma espécie de cristal, ostentando velas de cor escura. Uma ampla janela deixava entrar uma brisa suave que acariciava meu corpo. Ao meu lado, bem próximo à cama, uma mesinha com um jarro de água límpida e um copo. As paredes de cor clara e repousante tinham ao centro um aparelho circular, que vim a saber mais tarde servia para controlar o estado geral do doente ali instalado.

Eu não havia ainda terminado minhas indagações de como fora parar ali, quando a porta se abriu e um enfermeiro entrou sorrindo para mim.

- Vejo que já se encontra desperto - disse, sentando-se na borda de meu leito.

Eu ia indagar como fora parar naquele local, quando ele, adivinhando meu pensamento, esclareceu sorridente.

- Por ora, nada de indagações, fique tranqüilo, que, tão logo a Irmã Marina o examine, responderemos a todas suas perguntas.

Tomou então meu pulso, contando as pulsações. Ao final de algum tempo, disse:

- Está tudo bem. Não se preocupe. Vou avisar nossa irmã e voltarei logo.

Saiu deixando a porta entreaberta.

Eu me perdia em mil conjecturas. Quem seria essa Irmã Marina de quem ele falara com tanto respeito? Onde estavam meus familiares? Por que não se encontravam mais à minha cabeceira?

Pensava ainda, quando o jovem retornou trazendo uma senhora de semblante bondoso, a mesma que eu vira aparecer sob aquela luz intensa, horas antes.

Parou junto ao meu leito e depositou na mesinha uma prancheta que trazia entre as mãos. Colocou a destra sobre minha cabeça e depois de alguns segundos sorriu satisfeita.

- Nosso irmão Celmo dentro em breve estará completamente restabelecido e, voltando-se para o enfermeiro, disse:

- Traga o médico e também Simão. Seu organismo ainda está debilitado.

O jovem saiu solícito.

Eu tinha tantas perguntas por fazer, mas lembrando as recomendações do enfermeiro achei prudente calar-me, por ora.

Percebendo minha aflição, a senhora falou:

- Você não está forte o bastante para ouvir certas revelações. Talvez, dentro de uma semana eu possa responderlhe todas as perguntas. É suficiente, por ora, que não se canse dando trabalho à mente.

Eu ia dizer-lhe alguma coisa quando o enfermeiro regressou, acompanhado de dois senhores igualmente vestidos com aquela túnica alva.

- Nosso irmão precisa ser examinado - disse-lhes ela. E voltando-se para mim, esclareceu, indicando o ancião que me contemplava, sorrindo:

- Este é Simão, um nosso cooperador eficiente.

O velhinho estendeu-me a mão gentilmente.

- Já nos conhecemos, recorda-se?

- Sim - balbuciei, comovido.

- Este - prosseguiu a senhora, indicando o outro homem ao seu lado - é nosso médico João Francisco. Siga à risca o que ele indicar que dentro em breve você estará recuperado.

O médico sorriu, enquanto indicava ao enfermeiro que retirasse o lençol que cobria meu corpo. Depois, olhando atentamente, fazia anotações na prancheta que se encontrava à minha cabeceira.

- Repara, Simão - disse ele -, como a região encefálica se acha gravemente afetada. Olhe também o coração em que estado se encontra, devido aos abusos de nosso doente.

E dirigindo-se para a Irmã Marina, pediu:

- Pode mandar preparar um caldo restaurador para o doente e você Simão faça o favor de ligar o aparelho registrador de pensamentos e controle durante esta semana os progressos de Celmo.

Pousando os olhos límpidos nos meus, algo surpresos, procurou esclarecer-me:

- Não se preocupe. Você ficará bom, mas, a fim de que tenhamos êxito, será necessário que coopere conosco para a sua recuperação.

- Já lhe disseste? - perguntou, levantando os olhos para Irmã Marina.

- Ainda não - respondeu ela. - Esperava que você o examinasse primeiro. Alguns pacientes não resistem e caem em profundo abatimento moral.

- Sim - tornou o médico - mas a ficha de Celmo nos mostra que ele poderá suportar muito bem a revelação.

Eu, entretanto, acompanhava aquela conversa um tanto medroso.

Estaria sofrendo de algum mal incurável?

O médico prosseguiu, volvendo seus olhos suaves para mim.

- Celmo, você se encontra em um hospital, próximo à crosta terrestre. Nossa Irmã Marina encontrou-o ontem em regiões trevosas.

Eu ouvia de olhos esbugalhados, não compreendendo o que o médico tentava explicar. Simão adiantou-se e colocou a destra em minha frente.

Uma sensação de leveza invadiu-me.

- Sua ficha - prosseguiu João Francisco - indica que você permaneceu naquela região após deixar o corpo físico. Sobressaltei-me.

- Então estou morto? - perguntei, sentando-me, ágil, no leito.

O médico sorriu complacente.

-Acalma-te e repouse o corpo novamente, se quiser ouvir a narrativa. Vendo que me acomodava, sem contudo deixar de estar assustado e pesaroso, continuou:

- Não cremos que esteja morto, pois eu e todos aqui vivemos, não nos consideramos como tal. Você deixou o corpo físico, precisamente há cinco meses e meio na Terra. É o que sua ficha indica. Está em um hospital onde nós o recuperaremos para a vida. Para a verdadeira vida espiritual.

- Então eu morri? - perguntei incrédulo.

- Não insista nesta frase - falou a irmã Marina.

- Perdão. Desculpem-me. Eu não consigo compreender...

E as lágrimas, retidas até então, rolaram copiosamente em minhas faces.

Irmã Marina aconchegou minha cabeça a seu peito como se eu fora uma criança.

- Chore, irmão; desabafe o pranto retido. As lágrimas far-lhe-ão bem. Mais tarde você compreenderá o que agora não consegue. Simão ministrará em você seus recursos magnéticos, assim que tenha tomado o caldo restaurador. E como mãe dedicada, enxugou meu pranto, pousando novamente minha cabeça no travesseiro. Simão ficará a seu lado por alguns instantes. Descanse, por favor.

E retirou-se do aposento fechando a porta atrás de si.

Momentos depois, entrou um enfermeiro, trazendo um

Sob o céu Ac L3~9d&

prato do vigoroso caldo que tomei com prazer.

Senti-me melhor e comecei a pensar com mais clareza.

Simão fixou o olhar no aparelho ligado que se achava incrustado na parede e, ao voltar-se para mim, sua fisionomia era de satisfação.

- Como? Então aquele aparelho registrava meus pensamentos? - pensei.

O velhinho amável pareceu compreender o que me ia na alma.

- Sim, filho, ali ficarão gravadas as reações de seu pensamento. É como um livro aberto para nós.

- Mas então...

Simão, porém, não me deixou terminar a frase começada.

- Não tema, filho. Somente ao médico e às pessoas ligadas diretamente ao seu caso interessam o estudo de seus pensamentos para melhor conduzirem seu tratamento. Agora, procure dormir. Vou administrar-lhe remédio salutar.

E tomando da jarra, encheu o copo com aquela água límpida.

- Beba esta água fresca e feche os olhos. Você irá dormir bastante para que possamos fortalecer seu corpo.

Um leve torpor invadiu-me ao acabar de sorver o líquido. Colocando as mãos em minha cabeça, Simão aplicou-me passes que fizeram-me adormecer longas horas.

## Capítulo XIX

“...Do irmão João Francisco...”

Uma tênue claridade penetrava o aposento quando despertei. A

princípio, julguei que tudo fora um sonho e que me encontrava em casa de meus familiares. Instintivamente meus olhos procuraram a parede e constataram o aparelho.

Então era verdade? Achava-me em uma cidade espiritual e havia realmente deixado o corpo material? Lembrei-me de Cara e rememorei nossas longas conversações sobre a vida espiritual. Meu Deus! A vida continuava tal qual era na Terra. Eu estava vivo, respirava, sentia, podia chorar, rir e enxergar novamente!

Tentei levantar-me, mas uma fraqueza repentina tomou conta de meu corpo. Senti como se tivesse me embriagado.

Voltei ao leito. Toquei com curiosidade o lençol que estava sobre minha cama e pude perceber que era igual aos tecidos existentes na Terra...

Vozes vindas do corredor chegaram até meus ouvidos e com natural curiosidade aquietei-me para ouvir melhor:

- A pobrezinha está sob nossos cuidados há bastante tempo - disse um deles. Não creio que se demore mais nesse estado. Temos fé que tudo se arranjará.

- É doloroso um caso assim - replicou outra voz. - Não acreditar que deixou o corpo há tantos anos! O Ministério, ele não poderá fazer nada para amenizar-lhe as dores?

- Irmã Marina tentará hoje uma análise do caso, mas para isso vai precisar da cooperação do Ministério. - Em que sentido?

-O caso será estudado nos mínimos detalhes juntamente com o pessoal do Retorno ao Passado.

A essa altura da conversa, mais alguém se aproximou apressado.

- Nazaré, Irmã Marina necessita de sua presença urgente nas câmaras de recuperação.

Enquanto ambos se afastavam, a porta de meu quarto se abriu e entrou um enfermeiro sorridente:

- Bom dia! - disse-me. - Como passou a noite?

- Creio que dormi muito - respondi tentando ser simpático. - Sinto-me bem disposto e com vontade de ouvir o parecer do médico.

O enfermeiro aproximou-se do aparelho na parede e, enquanto fazia anotações, procurava saber minhas impressões no momento em que ficara sabendo da minha nova condição de vida.

A cada resposta minha olhava para o aparelho e fazia anotações que eu não podia compreender.

- Você fez progresso assombroso nestes dois dias que se seguiram à sua internação neste hospital - disse, abeirandose do leito. - São raros

os pacientes que procedem assim. Muitos dos que aqui chegam, levam dias para compreender que deixaram o corpo físico. São difíceis, como direi, rebeldes, acrescentou sorrindo. Eu fui um exemplo vivo do que estou lhe dizendo. Ante a surpresa e a dúvida, levei meses para me adaptar a esta vida.

- A dúvida até há pouco assaltava-me - disse-lhe eu - mas ouvi por acaso a conversa do irmão à minha porta e compreendi de relance que não devo temer. Acredito, agora, que estou em um mundo espiritual, mas sempre pensei que saberia quando a morte chegasse. É isso que não posso compreender. Como aconteceu?

- Você foi encontrado em região sofredora - disse o enfermeiro. - Eu ajudei a trazê-lo para cá.

Pousando os olhos límpidos nos meus, tornou bondoso:

- Vou avisar a Irmã Marina e, assim que ela estiver livre, virá vê-lo. Ao chegar à porta, voltou-se e disse:

- Ah! sim. Esqueci-me de dizer-lhe. O Irmão João Francisco, nosso médico, virá vê-lo para esclarecer-lhe algumas dúvidas.

Com a saída do enfermeiro, pus-me a imaginar sobre o que iria perguntar.

Era natural que me encontrasse inquieto. Na condição de Espírito, eu imaginava poder voltar aos meus e saber finalmente onde Sarah se encontrava. Pensei nos meus filhos, minha mãe e meu pai que haviam me precedido na morte. Por que eles não se encontravam ali para me receber? Eram na verdade tantas as perguntas que eu não sabia por onde iria começar.

Em breves instantes, adentrou o quarto o médico, com fisionomia calma e bondosa.

Quando, após terminar seu exame, disse estar à minha disposição para as perguntas, inquiri prontamente:

- Minha mãe, por que não vem visitar-me se, como eu, é um Espírito?

O médico fixou os olhos em meu semblante e, após alguns instantes de reflexão, falou:

- Sua mãe não vive nesta colônia. Habita outra cidade Espiritual.

Espantado com a resposta, perguntei:

- Mas, então, existem outras cidades além desta em que me encontro?

- Sim, diversas. Esta não é uma cidade, mas sim uma vila de recuperação para doentes recém-chegados da Terra e que não necessitam de muito tempo nas zonas do umbral.

- Uma vila, com hospital?

- Uma vila com diversos departamentos - prosseguiu o médico. - Temos trezentas casas.

- Trezentas? tornei assombrado. - São todas para os doentes?

- Não, não são casas para doentes e sim para o uso dos auxiliares daqui. Além deste hospital, que contém mil leitos, há um templo onde todas as tardes fazemos nossas orações, junto daqueles doentes que já se acham a caminho da recuperação. Há uma área destinada à recreação dos doentes, situada nos fundos da construção do hospital que possui um bosque encantador.

- Estes doentes, - perguntei - quando se recuperam, para onde vão, uma vez que esta vila é só para os auxiliares?

- Alguns ficam aqui mesmo no hospital, trabalhando conosco, outros são designados para outras missões, em benefício próprio. E muitos são os que ficam por livre vontade, adquirindo, com o tempo, permissão para construir suas casas na vila.

Intrigado e, ao mesmo tempo espantado, perguntei:

- E como se constróem casas aqui? É como na Terra, há também trabalho?

- Trabalho... este é que não falta aqui --sorriu complacente. - Assim que se sentir mais forte, irá comigo visitar a vila, há alguns quilômetros daqui. Verá que possuímos construções simples, mas, confortáveis. Visitaremos também nossos centros de trabalho onde terá a oportunidade de apreciar o que mãos femininas e delicadas podem fazer em benefício da coletividade. Estará então à altura de entender que a vida aqui é mais bela do que na Terra. Verá que em Vila Marina até mesmo as crianças têm trabalho importante junto aos enfermos deste hospital.

- É notável! - exclamei. - Porém, ao recordar as palavras do médico referente ao trabalho das crianças, uma angústia apossou-se de mim. Recordei a figura de meus dois filhos. Onde estariam eles? Por que não me fora permitido vê-los?

João Francisco percebendo minha aflição interior, tocou minha fronte dizendo:

- Abstenha-se de pensamentos tristes se deseja a recuperação imediata. Você verá os seus, tão logo esteja restabelecido e seja permitido. Por enquanto será necessário que a solidão lhe faça companhia para que melhor possa avaliar seu valor. Deverá aprender a não se deixar abater por pensamentos tristes e refrear a saudade das pessoas ausentes.

- Sarah, minha esposa - balbuciei. - Eu queria saber notícias dela.

- Não deixe dominar-se por lembranças inúteis - replicou o médico. Sarah pertence ao mundo terreno e por hora nada que diga respeito à Terra deverá ser recordado por você, que se mantém ainda muito enfraquecido espiritualmente. Percebendo que minha perturbação aumentava, João Francisco pediu ao enfermeiro que me aplicasse uma injeção, composta de um líquido verde, para a qual ele dava o nome de injeção de bom ânimo. Em poucos minutos comecei a sentir-me mais calmo e lentamente adormeci, sentindo ainda na alma aquela sensação agradável de bem-estar.

## Capítulo XX

“Meu primeiro passeio por Vila Marina...”

Após muitos dias de tratamento intensivo, estava me sentindo totalmente restabelecido, forte o suficiente para poder finalmente sair do hospital e conhecer Vila Marina.

Amparado pelo braço do médico, deixei o leito e pude contemplar, de minha janela, a beleza que existia naquele imenso jardim que circundava o hospital. Aspirei o perfume das flores que se abriam coloridas, espalhadas por todos os cantos do jardim. Era realmente um espetáculo maravilhoso.

- Vamos andar um pouco - disse-me o médico, assim que transpusemos a porta de meus aposentos. - O sol da manhã lhe fará bem.

À medida que andava, observava curioso aquele hospital.

Percorremos vastos corredores onde rostos sorridentes nos saudavam, proferindo palavras de estímulo pelo meu restabelecimento à medida que íamos avançando.

Percebendo meu espanto com tamanha hospitalidade, João Francisco se adiantou:

- Note que todos aqui têm a alegria estampada nos seus rostos. Aqui não cultivamos tristeza. Procuramos conviver com alegria todos os minutos de nossa existência. Procuramos, acima de tudo, transmitir esse sentimento a todos que conosco convivem.

Eu estava abismado com o que ouvia. Quando ia perguntar mais, chegamos ao fim do corredor. O médico, indicando uma porta, prosseguiu:

- Esperemos o elevador. Notando o meu assombro, continuou:

- Elevador, sim. Ele ainda é desconhecido para vocês. É um, digamos, aparelho movido por motores que nos facilita a locomoção de um andar para o outro, encurtando assim nossos passos e o tempo que levaríamos descendo as escadas.

- Aí está. Não demorou nada.

A porta se abriu, dando passagem a duas moças que rapidamente saíram do pequeno cubículo.

Tudo era estranho para mim. Tudo aquilo era novo e diferente.

Entramos e após apertar alguns botões instalados em uma das paredes, a porta se fechou e o aparelho começou a descer lentamente.

João Francisco, tentando mudar o rumo de meus pensamentos tão intrigados, disse:

- As jovens que acabaram de descer são enfermeiras dedicadas de outra colônia espiritual. Açam-se aqui a trabalho. O tio de uma delas veio para cá a semana passada, e a sobrinha, que por ele tem muita estima, pediu permissão para acompanhar seu tratamento. Quer que, quando ele acordar, possa vê-la a seu lado.

- E a outra jovem? - perguntei interessado. - Também é parente do enfermo?

- Não. A outra jovem foi em vida passada sua filha e teve igualmente permissão para ajudá-lo na sua chegada. Desde que Cláudio, este é seu nome, aqui chegou, se encontra sob o efeito de passes magnéticos e completa vigilância de ambas as jovens.

O elevador parou. A porta se abriu.

- Este é o andar térreo. - disse João Francisco. - Aqui os pacientes costumam vir para tomar o sol da manhã. Note como ele é todo aberto.

Com efeito. Observei que todo o andar era aberto, um só bloco sustentava os andares superiores por enormes colunas que lembravam muito as construções romanas.

Da frente do edifício partia uma alameda cercada de flores que se perdia ao longe. Dispostos pelo parque florido, se achavam muitos bancos, de um mármore muito alvo, como que convidando ao descanso.

Era realmente uma paisagem muito agradável.

João Francisco continuou suas explicações:

- Toda esta área é cercada por espesso muro de proteção, ficando desta maneira nossa vila protegida dos ataques inimigos.

- Mas - ponderei - não é este hospital destinado à recuperação dos

desencarnados?

- Certamente, mas nem todos desejam curar-se. Os que aqui recolhemos, são aquelas criaturas arrependidas que desejam aprender conosco a maneira correta de curar suas dores. Na maioria das vezes, desejam a cura, mas não desejam a renovação de seu interior. Preferem permanecer arraigados ao mal, cultivam ainda o ódio em seus corações. Por isso temos esse policiamento. Temos ao nosso redor entidades de todas as espécies.

- Como na Terra? - concluí, compreendendo o que o médico queria dizer.

- Sim - prosseguiu ele -, pois partem de lá e quando aqui chegam continuam com o mesmo propósito mental. As criaturas criam para si a sua própria paisagem mental e com elas convivem durante muito tempo.

- Sábia lição - exclamei. - Não a esquecerei jamais.

Não posso descrever o que senti naquele momento, mas era algo que desconhecia. Naquele instante, tive o firme propósito de regenerar meu íntimo, custasse o que custasse.

O médico, adivinhando meus pensamentos, endereçou-me olhar de aprovação.

Caminhávamos agora por estreita alameda.

Paramos por fim em frente a um edifício cercado por canteiros de lírios perfumados que mais pareciam pequenos cristais a irradiar luz própria.

- Este é o nosso Templo. À tarde, você poderá conhecê-lo. Fazemos nossas orações todas as tardes, e existe um pequeno grupo de pessoas que fazem palestras. Palestras estas que vêm atender as necessidades daqueles que aqui acorrem em busca de paz para seus corações.

- São muitos? - perguntei.

- Os doentes que já podem sair do leito costumam vir orar conosco, mas também algumas famílias da vila aqui vêm diariamente.

E continuou sua explicação:

- Depois das orações, cantamos hinos em louvor a Jesus, sempre com a colaboração da irmã Rosinha, que nos acompanha ao piano. Existe também um coro infantil. São trinta crianças que, quando entoam os hinos, fazem-nos sentir a presença de Jesus vibrando em nossas orações. Podemos, nessa hora, perceber as emanações que caem do alto sobre nossas cabeças, elevando-nos ainda mais os pensamentos. Estava deslumbrado com tudo que ouvia.

- Por hoje - disse o médico - chega. Amanhã você poderá sair novamente e conhecer o restante da vila. Logo mais, à noite, nos encontraremos para as orações, você então verá alguns membros da nossa comunidade e terá oportunidade de conhecer grande parte de nossos enfermos e também de travar amizade com alguns deles. Isso lhe fará muito bem, pois a amizade é algo que nos traz felicidade quando está alicerçada no desejo de ajuda mútua.

Estávamos agora novamente defronte ao hospital e senti uma ponta de tristeza por ter que me afastar daquela conversação tão edificante. Despedi-me do médico afetuosamente e me dirigi aos meus aposentos. Havia uma paz enorme em meu coração. Sabia que agora tudo seria diferente em minha vida. Sentia que a tão sonhada felicidade estava ao meu alcance. Bastava que eu quisesse ser feliz e encontraria ali, naquele local de paz e orações, o meu equilíbrio espiritual.

Olhei pela janela uma vez mais os jardins imensos, de um verde tão verde que seria impossível descrevê-los. Respirei profundamente aquele aroma de flores que penetrou em minhas narinas deliciando-me. Recostei-me nos travesseiros e fiquei ali por longas horas a lembrar toda a conversa que -tivera com João Francisco.

## Capítulo XXI

“A visita ao templo das orações...”

A tarde passara lenta, ainda mais pela minha ansiedade em conhecer os trabalhos noturnos de oração no templo.

Faltando cinco minutos para as dezesseis horas, João Francisco chegou.

Ao vê-lo, meu coração palpitou de satisfação.

Quase não conversamos no caminho até o templo. O médico guardava uma atitude silenciosa que eu respeitei.

Ao adentrarmos o salão, uma onda de bem-estar se apossou de mim.

A assembléia estava repleta de pessoas, algumas mais perturbadas, que deixavam transparecer suas dores na fisionomia entristecida. Meu coração comprimia-se ao ver aquele espetáculo comovedor.

Do alto do teto à nossa frente, pendiam folhas de escrituras diversas.

Eu não compreendia o significado daqueles papéis, e João Francisco, notando meu interesse, explicou, após termos nos acomodado em

nossos lugares.

- O que você observa são os evangelhos de quatro Espíritos que viveram na Terra. Irmã Marina conserva as escrituras para elucidar os irmãos que aqui comparecem. Muitas vezes ela pede que alguém as leia e depois faça comentários. Essa é uma maneira bastante peculiar de ensinar, a qual eu muito aprecio. Muitos dos irmãos que por aqui passaram, tornaram-se excelentes oradores e hoje lecionam nas escolas próximas, onde existem muitos aprendizes necessitados da palavra do Pai.

Nesse instante, Irmã Marina entrava acompanhada de Simão e três outras pessoas que eu ainda não conhecia.

João Francisco, se adiantando, explicou:

- A primeira é irmã Rosinha, e os outros são Nicanor e meu assistente Pedro, jovem trabalhador e boníssimo.

Suave melodia se fez ouvir no recinto. Irmã Marina, que até então se mantinha contrita, levantou-se e dirigindo-se aos presentes falou com voz doce:

- Hoje é dia de festa em Lar da Serenidade - colônia espiritual próxima à nossa vila. - Esta comunidade comemora hoje mais uma passagem de sua existência, sempre em prol do bem-estar da coletividade.

Muitos dos nossos colaboradores freqüentes, lá estão hoje contribuindo com os trabalhos para a comemoração desta data tão significativa, o que é motivo de júbilo.

Porém, nós, que não pudemos deixar nossos postos, dirigimos daqui deste templo de amor e compreensão nosso abraço afetivo a todos que trabalham naquela colônia para que cada vez mais o Lar da Serenidade continue em seu abnegado serviço de amparo aos seus doentes. Logo mais às dezenove horas, todos nós sintonizaremos nossos aparelhos para ouvir a palavra do Governador.

Estaremos também, logo após as orações desta noite, organizando uma caravana composta de irmãos que se esforçaram na sua recuperação, para uma visita ao Lar de Serenidade, na próxima semana. Será uma visita bastante proveitosa, visando sempre novos ensinamentos e oportunidade de servir.

Permaneceu em silêncio por alguns instantes e depois, volvendo os olhos doces e serenos ao alto, falou:

- Meus irmãos, vamos agora orar e pedir por todos quantos se encontram ainda em desespero, nas trevas da ignorância... Oremos por aquelas almas rebeldes que não desejam outra coisa senão vivenciar o mal. Peçamos a Jesus

que derrame suas bênçãos sobre essas criaturas, fazendo com que a compreensão se faça sentir em breve em seus corações endurecidos... Vamos orar também por nossos irmãos que se encontram nas câmaras de recuperação, pedindo para eles o remédio salutar, a compreensão de sua verdadeira condição neste plano espiritual. Que eles tenham a bênção de nosso Pai Celestial... Irmã Marina estava agora banhada por uma suave luz que vinha do alto.

-Pai Celestial, ampara-os de onde estiveres, faz com que tuabondade se estenda por tudo o que criastes e sobre nossos irmãos infelizes que ainda se acham nas zonas de sofrimento. Faze com que teu amor infinito e bom agasalhe aquelescorações sofredores, trazendo-lhes as luzes necessárias para seuaperfeiçoamento. Ampara, Senhor, essas criaturas que se encontram sob efeitos dos passes magnéticos para que também elas tenham o entendimento de suas dores, para que despertem de seu sono inquieto e possam acordar para a verdadeira vida, sem revoltas. Pedimos, Senhor, igualmente por todos nós, para que tenhamos forças para trilhar sempre o caminho do bem. Que se faça a Sua Vontade e não a nossa, Senhor. Assim seja!

Ao terminar a oração, pude observar deslumbrado que uma porção de miosótis caíam do alto sobre nossas cabeças e desapareciam ao tocar nossos corpos, como que penetrando dentro de nós.

Irmã Marina permanecia de pé, olhos fechados e fisionomia angelical.

Um coro de vozes infantis começou a entoar um hino:

"Ao meu amado Jesus, Ofereço esta flor! Ao meu amado Jesus, Ofereço esta flor! A nossa vida é bela Dá-nos o teu amor.

Ao meu amado Jesus, Ofereço a minha dor, Em troca do teu amor.

Dá-me a tua cruz,

Que na Terra eu levarei, E perto de ti estarei. Ó meu amado Jesus."

A melodia entoada por aqueles pequeninos arrancou-me lágrimas. Dei vazão ao pranto. João Francisco tocou-me de leve o braço, dando a entender que me compreendia.

Tudo era rico da presença de Deus, do amor à compreensão. Ali, minha alma podia ser lavada com o pranto da saudade, pois as mãos caridosas e benditas do Pai Celestial as haveria de enxugar carinhosamente.

Permaneci por alguns segundos envolto em uma sensação de que mãos ternas me afagavam os cabelos. Aos poucos fui me refazendo da emoção e as lágrimas secaram em meu peito doído.

Então o irmão Nicanor levantou-se e, contornando a ampla

sala, dirigiu-se até as escrituras na parede.

- Há alguém que deseje perguntar algo?- falou ele. Como todos permaneceram calados, ele continuou:

- Então tornemos à palestra. Hoje convido o irmão Januário para ler as escrituras para nós.

Todos os rostos se voltaram para a figura de um velhinho de ar cansado que estava sentado próximo a mim.

- Mas... mas... eu? - titubeou ele.

-Vamos, Januário, falou Irmã Marina. Todos temos que começar um dia, disse ela com um sorriso nos lábios, enquanto lhe passava o livro. Levantando-se, amparado por Nicanor, Januário dirigiu-se à mesa para a leitura e palestra.

- Ele lerá o Evangelho - disse João Francisco - e logo a seguir tentará comentar aquilo que leu com a ajuda de todos nós. É trabalhando que adquirimos conhecimento.

Eu observava tudo muito atentamente.

Com a voz embargada, Januário leu um pequeno trecho do Evangelho que falava sobre a Fé.

Aos poucos, Januário foi ganhando confiança em si.

Com palavras simples e singelas, orientou-nos. Comentou sobre o poder da fé. Lembrou as palavras do Mestre quando, na Terra, nos disse que a fé transporta montanhas. Falou-nos de uma fé raciocinada, adquirida pelo saber, pelo entendimento das coisas.

Falou-nos da perseverança nas coisas úteis, no bem e no amor.

Disse-nos que as montanhas que a fé remove são os obstáculos de nossa jornada terrena e que somente através da fé em um porvir venturoso poderemos transportar esses enormes obstáculos à nossa evolução espiritual. Disse-nos que a fé é o sustentáculo em nossas vidas, pois nela nos apoiamos cada vez que a prova se torna difícil e o fardo pesado demais. Disse-nos que sem a fé nada seríamos, pois não haveria objetivos pelos quais lutar enquanto na carne...

Quando terminou, estava com a fisionomia radiante de luz.

Emocionado até as lágrimas, voltou ao seu lugar.

As crianças então voltaram a cantar hinos de magnífica beleza, que mais ainda nos faziam meditar no valor da fé e da oração.

O irmão Pedro, a convite de Irmã Marina, fez a prece de encerramento.

Lá fora as estrelas salpicavam o firmamento de pontos luminosos, e a brisa quente e acolhedora da noite embalava nossos pensamentos.

Regressamos em silêncio.

João Francisco, o bondoso amigo, compreendia a minha reclusão. Já em meu quarto, ajoelhei-me, prostrado, banhado em lágrimas diante de tanta beleza e bondade, e dirigi meus pensamentos a Ele, numa prece que mais parecia um pedido de perdão.

## Capítulo XXII

“O início de minha nova vida espiritual...”

Muito tempo havia se passado desde a minha chegada naquele hospital de Vila Marina.

A saudade de meus familiares ainda me visitava com freqüência. Não conseguia dominar esse sentimento tão profundo e ao mesmo tempo tão aterrador para minha evolução espiritual.

Irmã Marina chamava-me então a atenção, com energia.

Não poderia continuar assim naquele estado de alma. Foi então que me lembrei de pedir trabalho. Aceitaria qualquer coisa que me tirasse daquele estado de alma.

Solicitei a cooperação de João Francisco em uma das manhãs em que ele fora me visitar.

- Veremos o que se pode fazer por você, meu rapaz. Falarei com o Departamento do Trabalho sobre o seu caso. Confie em Jesus que tudo se arranjará.

Os dias pareciam infinitamente longos. A espera pela resposta me fazia ansioso.

Certa manhã o enfermeiro Nicanor apareceu sorridente em meu quarto.

- Celmo, vim buscá-lo a fim de que me acompanhes até o Departamento do Trabalho. Seu pedido foi aceito e você poderá começar as tarefas que lhe foram destinadas tão logo se apresente para o trabalho.

Eu exultava de contentamento. Vesti-me às pressas e saí em companhia de Nicanor.

Atravessamos vasta alameda durante um quarto de hora. Finalmente, cercado de robustos arvoredos, erguia-se o Departamento do Trabalho.

- É ali - disse-me. - Fica no primeiro andar.

Entramos. Várias pessoas iam e vinham em todas as direções. Em poucos minutos nos achávamos em uma ampla sala, onde outras pessoas igualmente aguardavam para ser atendidas.

- Sente-se - disse Nícanor. - Vou avisar que chegamos e logo voltarei. Com a saída de Nícanor, pus-me a observar as pessoas que ali estavam. Um senhor conversava em voz alta com uma senhora, que se achava à minha esquerda, sobre o filho.

Dizia ele que ali fora para rogar proteção para seu primogênito que se achava em zonas de sofrimento, oferecendo para isso seu próprio sacrifício.

Outro dissera que ali se encontrava para buscar trabalho para o irmão que se encontrava em sua casa em repouso há um mês.

Nesse instante, Nicanor voltava acompanhado de uma jovem.

- Esta é Lúcia - disse-me, apresentando-a. - Você ficará sob encargo dela daqui por diante.

Lúcia, sempre sorridente, explicou-me:

- Nicanor falou-me do seu caso. Após atender a estas pessoas, o Governador atendê-lo-á. Queira acompanhar-me agora.

Voltando-se para Lúcia, Nicanor falou:

Vou procurar Anita, a fim de entregar-lhe esta relação de pedidos que trago comigo, Mais tarde nos encontraremos na sala de espera. Está bem, Celmo?

Aquiesci, meneando a cabeça.

Segui a jovem até o final do corredor e entramos em uma sala, onde diversas pessoas trabalhavam. Tudo me recordava a Terra. Era incrível!

- Quer ver a ficha de Celmo para mim? - pediu a moça ao funcionário que nos atendia prestativo.

Em poucos instantes ele voltava com um grosso livro entre as mãos.

Lúcia apanhou-o e disse-me:

- Agora já podemos voltar e esperar a nossa vez.

A sala de espera se encontrava vazia.

- Espere aqui. Assim que a porta se abrir, entregue isto ao funcionário

- disse, apontando para o livro, enquanto saía da sala. - Boa sorte, irmão Celmo!

Fiquei observando o que continha nas mãos. Ela havia falado em uma ficha, mas o que eu tinha nas mãos era um volume extremamente grande. Ali estavam escritos o meu nome, data de nascimento, morte, árvore genealógica... empolgado com o que lia, não escutei quando chamaram por mim. De repente, leve toque em meu ombro fez com que tivesse um sobressalto.

- É a sua vez, irmão Celmo - disse uma jovem de singular beleza. - Queira entrar, por favor.

Passei o livro para suas mãos e entrei na sala contígua.

Sentado atrás de uma grande mesa de madeira nobre com detalhes ricamente entalhados, estava um ancião de fisionomia branda e simpática que me apontava uma cadeira à sua frente para que eu me sentasse.

Eu estava nervoso. Não sabia como me dirigir a um ser superior, mas o venerando senhor, percebendo meu acanhamento, falou:

- Bem, vamos ver o caso. Sempre é uma bênção de Jesus quando encontramos criaturas dispostas ao trabalho que regenere a alma aflita. Nicanor falou-me de seu caso, e também João Francisco.

E pousando os olhos límpidos nos meus, perguntou:

- Como se sente? Mais forte?

- Quero, com a graça do trabalho, sentir-me forte brevemente - respondi. - Ainda estou um tanto confuso com as lembranças.

O ancião sorriu:

- É necessário que trabalhemos incessantemente para o nosso progresso espiritual. Sei do seu desejo de volver aos seus entes queridos que ainda se encontram na Terra, mas, por enquanto, será preciso que você aqui permaneça para aprender. Mais tarde, terá permissão para ajudá-los. Por ora, deve procurar o seu aperfeiçoamento moral.

Por longo tempo fitou meus olhos como que perscrutando todo o meu interior. Depois, folheando um pequeno livro que se encontrava sobre a mesa, disse-me:

- Há vaga no serviço de socorro próximo à crosta terrestre. Você ficará com uma equipe na qualidade de aprendiz, mas terá o ensejo de trabalhar. Ajudando aos outros, estará ajudando a você mesmo!

Destacou uma folha de um bloco e escreveu alguma coisa. - Entregue isto à Irmã Marina. Ela saberá o que fazer com você, meu rapaz. Felicidades e muita paz...

Radiante de alegria, pois havia conseguido o meu intento, despedi-me agradecido.

Lá fora, Nicanor me aguardava na ante-sala.

- Parabéns! - disse ele ao me avistar. - Pela sua fisionomia não preciso perguntar nada. Agora voltemos. O trabalho nos espera! momenros surpreenderes

Lembro-me do meu primeiro dia de trabalho.

Irmã Marina recomendara-me ao chefe da caravana dos Samaritanos do Bem, o irmão Aparício, um senhor alto, de aspecto bastante calmo

e olhar meigo, que juntamente com seus vinte companheiros partiriam logo mais à noite, rumo à região dos necessitados.

Os Samaritanos do Bem trajavam uma túnica marrom, com uma espécie de gorro branco. Pareciam-se com frades.

Antes de saírem para os trabalhos noturnos, se reuniram e, em círculo, na relva, voltaram seus olhos para o alto e pediram a Deus em singela oração a proteção para os trabalhos que iriam realizar.

Meu trabalho consistiria em auxiliar no transporte dos doentes, que ainda se achavam vinculados à crosta terrestre, até as enfermarias do hospital de Vila Marina.

Esperei que me designassem o lugar no veículo que nos levaria até perto da crosta terrestre.

Era a primeira vez que me defrontava com tal meio de transporte e me sentia um pouco estranho com tudo aquilo.

- Você irá aqui, ao meu lado - disse-me Aparicio. - Será melhor. Assim terá oportunidade de aprender algo útil durante o nosso trajeto.

Saltei então para dentro do veículo, que logo se pôs a caminho.

Não andávamos. Voávamos mais ou menos a dois metros de altura do chão. Era uma sensação por demais gostosa para mim, que tudo desconhecia daquele mundo totalmente novo e intrigante até então.

Fixei os olhos na parte traseira do veículo onde estavam acomodados os outros companheiros da viagem e divisei um aparelho luminoso de superfície polida como metal.

Adivinhando meus pensamentos, Aparicio explicou:

- Este é um holofote. Usaremos em caso de necessidade, nos locais onde não houver luz suficiente, como nos precipícios e nas entranhas das montanhas. Ele pode gerar luz própria e é bastante útil em nossas missões.

- Não entendo - perguntei interessado. - Até nesses lugares encontraremos irmãos necessitados?

- É onde mais encontramos os irmãos que precisam de nossa ajuda.

- Incrível! - tornei assombrado. - Eu nunca havia imaginado essa possibilidade. É a primeira vez que deixo Vila Marina.

- Irá encontrar muita coisa útil para aprender nesta sua primeira noite de trabalhos. Compreendo sua surpresa... Eu também, quando aqui cheguei, ficava surpreso a cada missão. Somente com o tempo foi que me habituei com esta nova vida e as surpresas que tinha a cada instante. Isto é natural, pois trazíamos no íntimo a

convicção de que com a morte tudo se acabaria, se extinguiria.

- Mas, o que me espanta, é a maneira como vivemos em Vila Marina - retruquei. - Não ignorava de todo, enquanto vivia na Terra, que existisse outra vida depois da morte, mas nunca consegui precisar como ela seria...

Aparício sorriu.

- Pois é, meu caro Celmo. Aí é que começam as surpresas para nós. Atravessávamos, agora, uma região que deixava antever um pico lá ao longe, através da atmosfera que a cada minuto se tornava mais densa, dificultando nossa viagem.

O dia agora estava amanhecendo. Com muita dificuldade viam-se os primeiros raios do sol que cismavam em atravessar fracamente o nevoeiro ao nosso redor. Tudo parecia ir ficando cada vez mais sufocante.

- Camaradas! Estamos na região do Pântano do Mal! Liguem as baterias e controlem as luzes na estrada até atingirmos nosso objetivo. Imediatamente uma onda de descargas elétricas partiu de todo o veículo e um fecho de luz varreu o caminho por onde adentrávamos. Oh! grande Deus! O espetáculo que pude observar, gelou-me o sangue.

Imediatamente pude vislumbrar seres monstruosos que iam e vinham em todas as direções, fugindo, apavorados, ante a passagem de nosso veículo. Procuravam esconder-se ligeiros por detrás da vegetação que crescia à beira da estrada.

Aparício, compreendendo minha aflição, explicou:

-Atravessamos agora, meu bom Celmo, uma zona onde está localizada grande variedade de Espíritos agregados ao mal. Vê aquele pico lá no alto? É ali que estão os mais ferozes inimigos de Vila Marina. São criaturas tão infelizes, que não desejam outra coisa senão fazer o mal. Ficam dia e noite a observar a via cá em baixo, à cata de mais um aliado para sua congregação.

O espanto de tal revelação deixou-me mudo e só a muito custo consegui perguntar:

- E... conseguem?

- Infelizmente, sim. A maioria dos Espíritos que transita por estas zonas são grandes devedores e se submetem, por ignorância das coisas do espírito, às vontades deles.

- Meu Deus! - exclamei assombrado. - Como isso é possível?

- Os pobres infelizes não sabem distinguir o bem do mal e, quando morrem, não sabem da sobrevivência do Espírito, tornando-se presas

fáceis nas mãos desses malfeitores, para quem devemos pedir a Misericórdia Divina. Há pouco, quando ligamos os holofotes, você pôde constatar a veracidade de minhas palavras, observando verdadeiros monstros do mal, pela estrada.

- Sim - respondi. - Entretanto, fugiam apavorados, e agora já não há vestígios de nenhum deles em nosso caminho. Por quê?

A expressão de Aparício tornou-se triste.

- De medo, meu caro, de medo...

- Como assim? Ignorava que seres como aqueles pudessem sentir medo - concluí.

- Entretanto, sentem. As baterias são nossas defesas, e as descargas que você pôde presenciar, amedrontam essas criaturas infelizes. Observe agora como tudo está quieto... nada mais perturba nossa passagem, mas se desligarmos as baterias, imediatamente sentiremos a atuação desses malfeitores.

- De que maneira? - perguntei, ansioso:

- Eles nos atacariam sem piedade, a pedradas... marteladas...

- Não posso crer... é inacreditável! Não poderia nem de longe imaginar que essas coisas existissem após a morte. Eu estava assombrado e imediatamente recordei do inferno de que tantas vezes ouvira falar na Terra. Eu com certeza estava dentro dele, pensava agora, quando Aparício continuou:

- Dante, quando descreveu o inferno, deve ter estado aqui em espírito e captado toda esta impressão. Viu o sofrimento dessas criaturas voltadas ao mal e as retratou de maneira espetacular para que na Terra pudessem ter apenas uma visão ínfima do que são as zonas umbralinas.

Vendo o espanto refletido em meus olhos, continuou:

- Não, não fique assim, companheiro. Como há instituições para o mal, há também para o bem. Mesmo na Terra, temos uma amostra do que lhe digo. Há sempre bons e maus em toda parte.

- Mas aqui! - exclamei:

Aparício não me deixou terminar a frase.

- O que é o aqui senão a continuação de nossa vida terrena?

Calei-me, não precisava de mais explicações. Sentia em meu íntimo que não existem transformações mágicas após a morte do corpo físico. Continuamos a ser aquilo que éramos lá na Terra e trazemos conosco o bem e a maldade impregnadas em nosso ser. Na Terra poderemos ainda esconder nossos instintos, demonstrando ser aos

outros o que não somos, mas aqui... aqui eles afloram, tornam-se visíveis a todos. Aquelas fisionomias irradiavam o mal. Tornaram-se monstros, tinham agora seus corpos retorcidos, mutilados, feridas espalhadas por todas as partes, suas vozes eram grunhidos animalescos, misto de lamento e tortura... Era horrível aquela visão! De repente, um dos passageiros do veículo gritou:

- Irmão Aparício, veja ali entre as montanhas! Há qualquer coisa que se move em nossa direção!

Imediatamente o holofote focalizou o local indicado, e pude ver a figura de uma mulher, com os braços erguidos para o alto, gritando por socorro.

- Liguem o aparelho de registros! - ordenou nosso instrutor.

Na parte mais baixa do holofote, pude verificar que havia um pequeno aparelho, como se fosse um rádio, com diversos botões.

Um dos samaritanos moveu um dos botões e um pequeno ponteiro oscilou levemente. Após alguns instantes, Aparício falou:

- Podemos ir em socorro a essa nossa irmã. Preparem-se para deixar o carro.

Imediatamente, querendo ser útil, dispus-me a sair, quando um samaritano gritou:

- Não faça isso, Celmo. É perigoso!

Sem compreender, olhei para Aparício, procurando explicação:

- Ele tem razão, Celmo. Não devemos nos expor aos malfeitores sem proteção.

- Não entendo - retruquei. - Há ali uma irmã pedindo socorro, posso ouvir daqui os soluços... por que não podemos ir em sua busca?

- Porque nos achamos no Pântano do Mal e, se ali um irmão quer socorro, acolá estão os malfeitores que só não aparecem devido às baterias e luzes. Ir até lá sem proteção poderá nos trazer sérios aborrecimentos. Não esqueça que estamos libertando uma infeliz que está presa às garras desses mesmos malfeitores.

Enquanto esperava que os samaritanos se preparassem para descer, tornei a observar o mostrador que continuava ligado.

Aparício explicou:

- É um aparelho registrador de pensamentos, idêntico ao do hospital de Vila Marina. Aqui ele tem o objetivo de saber onde se encontra o verdadeiro arrependimento. Criaturas que desejam o remédio, mas não a cura, compreende? Nestas zonas, os perversos chegam a prostrar-se de joelhos, invocando o nome do Senhor, fingindo arrependimento que não têm, para nos atacar. Como vê, fazemos o

bem, mas nunca andamos no Pântano do Mal, sem proteção.

Olhando ao redor, disse:

- Podemos ir agora.

Só então foi que observei que uma faixa de luz branca e muito suave contornava nosso caminho até a pobre mulher.

Uma maca havia sido colocada do lado de fora, à espera da infeliz criatura saída da escuridão.

Acerquei-me da mulher juntamente com Aparício, que colocou a destra sobre sua frente.

- Por que choras ainda? Tuas preces não foram ouvidas? - disse ele com doçura.

A infeliz levantou os olhos e prorrrompeu em lágrimas.

A um sinal de Aparício, um samaritano apressou-se em conduzir a doente para a maca.

- Tirem-me daqui! - gemia ela. - Tirem-me daqui, deste inferno!... Ai! Se Deus existe, quero conhecê-Lo... Não suporto mais esta dor no peito... esses monstros horríveis me atormentam... ajudem-me bons mensageiros de Deus... ajudem-me...

E soluços sacudiam-na toda.

Godofredo, um dos samaritanos, aplicou-lhe passes restauradores, enquanto eu procurava acalmá-la.

-Ai, ai, ai! Meu Deus! Tenham piedade de mim... ajudem-me.... Ai! Lá vem eles outra vez... querem me matar... tirem-me daqui!... - gritava ela desesperada enquanto era levada para o veículo.

O espetáculo deixava-me estupefato. A Natureza ali era triste e um vento gelado soprava insistente, assobiando entre as rochas úmidas. Parecia que o sol nunca havia estado ali, tal a escuridão existente. A voz de Aparício tirou-me do estado em que me encontrava.

- Vamos, Celmo, nossa missão está cumprida.

Acompanhei Aparício até o carro e ainda uma vez mais, antes de entrar, deitei o olhar para aquela paisagem sombria. Pareceu-me divisar sombras que se esgueiravam por detrás das rochas.

Já no veículo, agradei a Jesus sua proteção e a oportunidade que me fora dada. Aparício compreendeu o que se passava comigo e ajudou-me na oração.

Dali a instantes, partíamos rumo a Vila Marina com mais urna ovelha restituída à casa do Senhor.

Nossa volta foi silenciosa para mim que tentava compreender a grandiosidade de tudo aquilo que vira em minha primeira missão com os samaritanos. Nas entrelinhas do sofrimento que presenciara, via a

mão divina reequilibrando através do sofrimento seus filhos desregrados, preparando-os para a verdadeira condição de filhos do Grande Pai. Compreendi ali, no resgate daquela infeliz mulher, que nossos males não são eternos. Que não somos nunca abandonados pelo Grande Pai... que chances nos são dadas para que purguemos nossos erros encontrando no sofrimento bendito, que lapida nossa alma qual esmerado artesão, o caminho do bem e do amor ao semelhante tantas vezes esquecido pelo homem que vive apenas de valores materiais.

Algumas horas depois, avistamos Vila Marina. O sol banhava de luz seus campos, e a visão das flores muito coloridas que salpicavam toda a estrada fez com que meus pensamentos se voltassem para esta nova realidade de paz e segurança.

Assim que chegamos à Vila Marina, recolhemos nossa irmã às câmaras de recuperação.

Aparício ministrou-lhe passes enquanto o médico não vinha.

Deitada em um estrado confortável, ainda inconsciente, a infeliz mulher foi examinada minutos depois por Sebastião, o médico daquela enfermaria.

O caso parecia ser grave e quase nada se poderia fazer de imediato a não ser deixá-la adormecida por algum tempo, sob o efeito salutar do magnetismo, até o momento em que pudesse acordar para a vida espiritual e entender realmente sua nova condição de desencarnada. A doente de quando em vez abria os olhos desmesuradamente, sem contudo parecer tomar conhecimento da nossa presença.

Notando minha curiosidade, Sebastião explicou:

- Logo ela se acalmará. Esse seu gesto é devido a ação dos passes.

Dentro de alguns minutos ela estará completamente inconsciente.

Voltei-me e pus-me a observar aquele pavilhão, que pela primeira vez eu penetrava. Filas e mais filas de camas estavam alinhadas na parte esquerda daquele compartimento, onde alguns enfermos moviam os braços e balbuciavam coisas desconexas, enquanto que, na parte em que nos achávamos, apenas alguns estrados estavam dispostos e os irmãos, que nele estavam deitados, pareciam cadáveres, imóveis.

- Venha comigo, Celmo - disse José, o assistente do médico. - Quero mostrar-lhe um caso que será bastante instrutivo para você.

Acompanhei José através daqueles leitos muito alvos. Em seguida saímos para um corredor que se comunicava com a outra ala do hospital.

Paramos junto a uma porta semi-aberta. Um mau cheiro

vinha do interior, de onde partiam gemidos alucinantes.

José abriu a porta. Penetramos em pequeno aposento onde um velhinho gemia e esbravejava contra tudo. Ao avistar-nos, exclamou:

- Com certeza hoje você vai tirar-me daqui!.. Você prometeu!...

José acercou-se dele.

- Trago uma visita. Converse um pouco e deixe as coisas desagradáveis de lado...

- Não, não, não! - cortou o doente irritado - Não quero conversar... quero sair daqui!

E notando minha presença, dirigiu-se a mim:

- Vá embora!... Não quero visitas!... Veio para ver o estado em que me encontro e... ir-se... como fazem todos? Não quero!... Não quero!... - levou a mão à cabeça começando a soluçar.

Acerquei-me dele e disse-lhe com brandura:

- Vim para ajudá-lo, meu amigo. Não desejo lhe fazer mal.

Olhando-me com os olhos esbugalhados, tentou segurar minhas mãos, exclamando:

- Então tire-me daqui... se é meu amigo. Sabe? Eles querem que eu fique aqui, porque sabem... sabem que vou matá-la, mas... ela merece... merece. Ai, meu Deus!, quando isso tudo vai terminar?

- Acalme-se, meu irmão - disse-lhe José. - Confie em Deus e deseje sua cura. Se você permanecer assim, com esses pensamentos, creio que tão cedo não possa deixar esse leito.

- Ai, ninguém vai me ajudar! E esses monstros... porque me perseguem? Eles me atormentam dia e noite... tire-me daqui.... ai... ai... ai... quero voltar, quero vê-la - disse o ancião, pondo-se a chorar convulsivamente.

José meneou a cabeça em sinal de compreensão.

Está bem. Vamos tirá-lo daqui. Coopere então conosco e ajude-nos em uma oração.

E colocando a destra na frente do ancião, prosseguiu:

- Diga comigo: Meu Deus...

E entre soluços o velhinhos repetia:

- Meu Deus...

- Fazer com que sua luz...

- Fazer... com... que...

E assim, palavra por palavra daquela prece sentida, o doente repetiu até que o sono fechou seus olhos, acalmando-o. Pude, assim, mais uma vez observar o efeito maravilhoso que a prece produz. Quando

deixamos o quarto, José explicou:

- Este nosso irmão se acha isolado dos demais devido às alucinações que tem freqüentemente. Julga-se vivo e só deseja vingar-se da esposa que lhe arruinou a existência, obrigando-o a terminar o resto de seus dias físicos a mendigar a caridade pública. Deixou o corpo físico com o firme propósito de assassiná-la e ainda conserva esses pensamentos aqui em nosso plano. Não consegue esquecer e nem perdoar...

- E as alucinações - perguntei -, como se explicam?

- Com a inferioridade de seus pensamentos, atraiu para seu lado outras entidades que com ele se afinizam, mas que o maltratavam enquanto ele permaneceu no umbral. Mesmo aqui ele ainda conserva a impressão de que o perseguem. Os pensamentos, Celmo, são portas abertas para o céu ou o inferno. E nosso pobre irmão cultivou demasiado a idéia do mal quando planejou vingar-se da esposa. Agora sofre as conseqüências do seu ódio por aquela que lhe arruinou a vida material. Quando ele aqui chegou, foi submetido a tratamento magnético para recuperar as forças e, assim que se sentiu mais forte, começou a recordar a existência terrena e... a blasfemar. Foi necessária, então, sua retirada da enfermaria, visto que sua atitude prejudicava os demais pacientes.

Assim, isolado, ele irá se sentir melhor, e esperemos que logo compreenda a inutilidade de seu propósito.

- Não seria melhor que ele soubesse da sua condição de desencarnado? - inquiri. - Talvez assim sua recuperação...

José cortou-me a frase, algo triste:

- Bem se vê que ainda é novo aqui nas câmaras de recuperação. Se procurássemos dizer a ele que já deixou o corpo físico, não seríamos acreditados e talvez perdêssemos todo o trabalho já realizado até aqui.

- Não compreendo - exclamei.

- Nosso irmão se encontra muito distanciado de Jesus e ignora que possa existir outra vida além da material, Se lhe dissermos agora, de sua condição, poderá entrar em sono profundo, dificultando ainda mais nossa atuação benéfica.

- Ah! Sim, agora entendo. Ele precisará ser primeiro preparado para depois entender o que aconteceu com ele.

- Exatamente! Primeiro terá que aceitar Jesus em seu coração e perdoar. As outras coisas serão então acrescentadas com o tempo, compreende? São como crianças, estes nossos doentes. Precisamos

ter paciência. As vezes até inventar alguma mentira piedosa para se contornar uma determinada situação que os irá beneficiar. Com o tempo aprenderá, Celmo, a lidar com eles e a conhecer-lhes as verdadeiras necessidades.

- É o que espero - concluí -, pois não desejo outra coisa que servir.

Atravessamos o pátio florido do hospital, onde diversos enfermeiros amparavam doentes e com eles caminhavam vagarosamente pelos jardins.

Lembrei-me da primeira vez que deixara meu aposento, pelo braço afetuosamente de João Francisco, e comovi-me até as lágrimas. José, percebendo o que me ia na alma, disse:

- Ora, Celmo, não pense em coisas tristes. Sorria para estes nossos que se acham a caminho da recuperação. Dê-lhes estímulo e coragem.

Então mais uma vez lembrei o grande ensinamento do Senhor: "Amai-vos uns aos outros..." e, enquanto caminhava silencioso em direção aos meus aposentos, observava, com alegria, a franca recuperação daquelas almas, que como eu começavam a entender agora o maravilhoso mundo da espiritualidade.

## Capítulo XXIII

"Buscando a compreensão e o esclarecimento de nossas dores, avançamos em nossa evolução..."

Com o passar do tempo, mais e mais eu aprendia, e, enquanto me concentrava no atendimento aos meus irmãos no sofrimento, esquecia-me totalmente de meu caso pessoal.

Quase que diariamente íamos ao "Pântano do Mal" em busca daqueles pobres infelizes, sequiosos de sua libertação.

Habituei-me com o trabalho e aprendera a conhecer melhor meus irmãos menos esclarecidos, percebendo, através de suas vibrações, suas reais intenções.

Sempre partíamos pela madrugada. Curioso, indaguei aos Samaritanos o porquê desse horário.

- Nessa hora, Celmo, a Terra encontra-se adormecida e a mente dos encarnados não emite tanta vibração inferior, o que de certa maneira nos facilita o trabalho.

- Não posso compreender por que a vibração dos seres encarnados

possa prejudicar nosso trabalho aqui na espiritualidade - respondi. -  
Nossos mundos não são separados, distanciados?

- De certa forma, poderíamos dizer que sim, mas as regiões próximas à crosta terrestre são atingidas por pensamentos da mente humana e vice-versa, pois que o pensamento do homem é como um dial de rádio. Capta todas as vibrações do espaço, as boas e as más. Consegue compreender agora por que é necessário que evitemos tais interferências?

- O ato de orar e de vigiar nossos pensamentos - continuou ele - são as únicas maneiras que possuímos, tanto encarnados como desencarnados, de nos mantermos em sintonia com as esferas mais elevadas da espiritualidade, pois, quando nos atemos apenas e tão-somente aos problemas corriqueiros do mundo material, voltados à busca frenética pelos bens da matéria e da felicidade efêmera causada pelo sentimento de posse, orgulho, ciúme e inveja, nos colocamos à mercê da influência das zonas inferiores da espiritualidade, e saiba, meu amigo, somos então quase que totalmente dirigidos por esses irmãozinhos que se comprazem em nossa derrota espiritual.

A oração, meu caro Celmo, é a única arma eficaz com que nos precavemos contra o mal que nos ronda a todo instante. Em nossas colônias espirituais, esse recurso é constante em nossas almas; no entanto, na Terra, nossos irmãos ainda não se deram conta da importância que ela tem em suas vidas e em sua evolução. Se os homens conseguissem entender a magnitude que suas almas alcançam quando em verdadeira oração, tudo seria visto de maneira diferente. Digo, amigo, em verdadeira oração, pois que os homens ainda não conseguiram entender o significado de orar. Na verdade, eles apenas solicitam coisas para seu bem-estar tornando o ato de orar um rosário de lamentações e pedidos absurdos em troca de rezas, velas, ou seja lá o que for.

Orar é entrar em sintonia com o Criador reafirmando e pedindo forças para seguir adiante com o compromisso de concluir nossa missão na Terra com dignidade. Nada devemos pedir, nada precisamos realmente pedir pois que Deus, nosso Pai, tudo sabe e a todos provê conforme a sua necessidade no momento adequado e preciso.

Devemos apenas agradecer, agradecer sempre, mesmo quando tudo nos parece obscuro e sem solução. As dificuldades que são colocadas em nosso caminho, são na verdade a escada luminosa que levará à evolução de nossas almas tão endividadas.

- Dificilmente os homens sabem orar - concluí.

Aparício bateu-me de leve no ombro:

- Vamos então ao trabalho, meu caro.

Naquela tarde, mais de uma vez fui chamado às câmaras para observar o comportamento dos doentes que, ainda adormecidos, pairavam entre a realidade do desencarne e a ilusão de ainda permanecerem no corpo material.

A cada sinal de melhora, eu acorria com alegria, anotando o ocorrido na tabuleta colocada ao lado de cada leito.

O dia transcorreu entre a calma interior que agora sentia e a alegria de poder me sentir útil aos meus irmãos.

À tardinha, após a oração sempre bem-vinda e reconfortante, recolhi-me exausto. O descanso me era necessário, pois logo mais, quando a madrugada caísse, novamente eu estaria em companhia dos Samaritanos em mais uma jornada de resgates e aprendizado.

Depois de um longo dia de trabalho.

Achava-me, naquele fim de tarde, sentado defronte à mesa de Irmã Marina, no templo, ouvindo com o coração banhado em festa o hino de louvor a Jesus, entoado pelas crianças da Vila. Bailavam no recinto flores muito pequeninas que deslizavam sobre nossas cabeças desfazendo-se no ar.

A felicidade que eu experimentava era enorme. Sem que eu pudesse reter, lágrimas de júbilo rolavam de meus olhos enquanto a maravilhosa oração em forma de canto me enchia o coração de renovadas esperanças.

" Jesus, nosso amigo Divino,

Volve teus olhos benditos

E a luz que neles existe

Reparte conosco...

Amparados por teu amor

Seguimos Avante!

Em teu glorioso nome,

Faremos do ódio, Amor...

Da desgraça, a felicidade,

Do pranto, o riso.

Jesus! Jesus!

Sob o candeeiro de luz do teu amor

Teceremos o manto da felicidade."

Ao término do cântico, Irmã Marina, levantando-se, encaminhou-se para o lugar onde me encontrava.

Senti o coração bater mais forte quando se aproximava de mim, pois sabia, quando a bondosa irmã pousou seus olhos muito límpidos nos meus, que seria hoje o dia em que finalmente seria eu o escolhido para comentar o Evangelho naquela noite.

Levantei-me e percorri com os olhos a assistência que tinha os rostos voltados para mim à espera de que minhas palavras lhes trouxessem algum alívio.

Eram faces abatidas, almas desesperadas como um dia eu fora ao adentrar pela primeira vez aquele recinto de oração.

- Não sei o que lhes dizer - comecei, alisando os cabelos -, pois, como vós, também sou um ente que busca luz e ensinamentos neste templo. Também vivi na Terra e errei demasiadamente. Quis a bondade de nosso Pai Celestial que minha alma, outrora sofredora, viesse por mãos caridosas a este abençoado local de amor e carinho criado por nossa mentora espiritual que acolhe viajores cansados, como fonte de água fresca e cristalina, à espera de nossas bocas sedentas.

Que lhes posso dizer, meus amigos?

Melhor seria que nossa irmã Marina nos esclarecesse com seus ensinamentos sublimes de amor, perdão e renúncia. Entretanto todo aquele que tem no coração o forte desejo de vencer, deve lutar pelo seu aperfeiçoamento espiritual e eu estaria sendo injusto comigo mesmo se não tentasse ensinar

lhes o pouco que já aprendi e falar do muito que juntos ainda teremos que aprender, esquecendo as ofensas sofridas e perdoando nossos inimigos para que possamos um dia atingir o objetivo que tanto desejamos que é a perfeição de nossas almas.

E é sofrendo, como sofremos todos nós na carne enquanto encarnados, que resgatamos nossos débitos com o passado de erros. E perdoando aqueles que nos fizeram sofrer que atingiremos a meta que nos conduzirá às moradas divinas. E trabalhando exaustivamente pelos nossos irmãos, na ânsia de reerguê-los da ignorância em que se encontram, que conseguiremos esclarecer nossos espíritos também embrutecidos, tornando-nos límpidos como o cristal que brilha lançando seus raios luminosos na escuridão, indicando a todos o caminho a seguir.

Vamos todos aprender com boa vontade, esquecendo, sim, nossas próprias dores para nos dedicarmos apenas a amenizar a dor alheia, pois só desta maneira haveremos de entender o significado do amor ao próximo. Arregacemos as mangas, irmãos, e trabalhem pelo bem

daqueles que ainda não tiveram a felicidade que nós tivemos quando aqui chegamos, onde amigos verdadeiros nos levantaram o ânimo abatido.

Vamos, sim, esquecer o que ficou para trás, distante nas cinzas do sepulcro.

Trabalhem enquanto nos é dada a oportunidade bendita do bem fazer e, quando Deus nos conceder nova oportunidade na carne, não nos esqueçamos dos ensinamentos aqui recebidos.

Recordo-me de quando cheguei e sinto-me feliz por neste momento poder estar aqui sendo, de alguma maneira, útil a todos vocês. Nossa Irmã Marina retirou-me das trevas densas do umbral e também por longo tempo permaneci hospitalizado, confuso, perdido entre as lembranças doloridas

do desencarne que me pareciam intermináveis. A princípio, também eu não compreendia a necessidade urgente que todos nós temos de nos afastar das lembranças da matéria e dos entes a quem amamos em vida.

As recordações iam e vinham em minha mente ainda enfraquecida, trazendo à tona mais sofrimentos e lágrimas de saudades e de arrependimentos. Não compreendia, envolto em meu desespero, que é necessário renunciar ao desejo de estar ao lado daqueles que na Terra ficaram e que muito clamam ainda por nós, perdoar e esquecer o passado, iniciando aqui uma nova vida. O desespero invadia minha alma.

Era também trazido até este Templo de Orações todas as tardes como vocês, meus irmãos, e aqui ouvia a palavra dos mentores amigos que, com boa vontade e extremo amor, aos poucos iam-me esclarecendo as dúvidas e as inquietações de meu coração.

Recebi fluidos restauradores através das vibrações magnéticas dos mentores desta casa de orações, assim como todos que aqui se encontram hoje também recebem. E minhas forças aos poucos foram se restaurando, devolvendo-me o equilíbrio necessário para continuar meu trabalho evolutivo, que não se extinguiu com a morte do corpo físico.

Algum tempo depois, senti a necessidade do trabalho e, com a permissão do Pai Maior, iniciei meus trabalhos junto aos necessitados que batiam às portas do hospital desta vila. Foi então que aprendi muito daquilo que me faltava. Conheci as dores do próximo e esqueci minhas próprias dores.

Ajudando aos meus companheiros infortunados, solucionei os meus

problemas e, principalmente, aprendi a amar meus infelizes irmãozinhos como se eles fizessem parte de minha verdadeira família terrena, a quem muito amo.

Tenho muito, muito ainda a aprender, mas o pouco que ora sei procuro transmitir com a mesma doçura nas palavras com que um dia me ensinaram.

Nesse instante, meus olhos estavam marejados, não de lágrimas de sofrimento, mas de lágrimas de agradecimento por me encontrar onde me encontrava agora.

"Senhor Deus de amor e bondade,  
deste-nos a compreensão  
e te rendemos graças por esse cadinho de luz  
que se fez em nossos corações outrora  
tão endurecidos pelas paixões,  
pelos vícios e pelos sofrimentos.  
Deste-nos o entendimento sincero  
de nossa verdadeira situação neste mundo espiritual.

Oremos, entretanto, em prol daqueles  
que ainda se encontram em aflitiva situação.

Piedade para aqueles, Senhor,  
que ainda permanecem no mal. Fazei com que uma centelha  
de arrependimento, penetre em seus corações sulcados pelo ódio...  
Vela por eles e aceita, Pai, esta humilde  
prece em sinal de reconhecimento pelo muito que recebemos de Ti.  
Oh! Deus de bondade e amor!

Ajuda-nos para que não tornemos a cair em tentação.  
Assim seja."

E tomado de imensa emoção, sentei-me, sentindo que uma alegria infinita tomava conta de meu ser.

Eu vencera mais uma etapa e tinha certeza de que aqueles que ali se encontravam tinham entendido minha palavra sincera.

Senti-me amparado por aqueles fluidos benéficos que emanavam por todo o templo, vindos do alto.

Tinha sido maravilhoso para mim poder falar aos irmãos que ali se encontravam, das belezas da vida espiritual.

## Capítulo XXIV

"...À terra novamenre..."

Muitos dias transcorreram desde aquela noite onde finalmente eu colocara o coração à prova, lembrando a vida terrena, enquanto palestrava no templo da oração.

Envolto em atividades cada vez mais abrangentes, já não sobrava tempo ocioso para que as recordações do passado me viessem à tona.

Naquela tarde, após ouvirmos o canto das crianças, recebera o convite de Irmã Marina para que a acompanhasse mais tarde até sua sala.

Despedi-me da criançada e rumei ao hospital. Estava realmente ansioso por saber de que se tratava. Seria algo referente ao meu serviço? Pensamentos perturbavam minha mente com indagações. Bati levemente à porta e entrei.

Irmã Marina achava-se recostada em uma poltrona. Tinha o olhar perdido através da ampla janela que dava para um vasto jardim florido.

- Acomode-se aqui ao meu lado - disse ela assim que me avistou. - A solidão às vezes é má companhia.

- Como assim? - Respondi.

- Perdia-me em recordações pouco proveitosas, querido amigo. Como vê, eu também tenho o coração distante daqui. Abstenho-me de falar, mas quando nos encontramos sós as lembranças por vezes nos assaltam o coração.

E voltando os olhos muito límpidos para mim, continuou:

-Também eu, Celmo, tenho a vida espiritual em sofrimento. Não chega a ser doloroso, pois no trabalho encontro o caminho para os meus e o consolo para os longos dias que ainda terei de espera até rever os entes amados que ficaram na Terra. Ah! Como gostaria de te-los aqui ao meu lado. Entretanto, a Terra é abençoada escola que todos devem cursar.

Mas já falei o bastante, agora vamos ao seu caso, meu amigo.

Amanhã partirei para nosso planeta com uma equipe de socorro. Irei em visita a familiares que necessitam de nossa cooperação urgente.

Se quiser nos acompanhar, poderá aproveitar para uma visita aos seus.

Surpreso, atônito, fitei-a. Poderia ter imaginado tudo, menos que Irmã Marina me permitisse acompanhá-la em jornada à Terra e ainda com a possibilidade de rever meus familiares.

As lágrimas brotaram de meus olhos enquanto beijava suas delicadas mãos em sinal de respeito e profundo agradecimento pela oportunidade tão esperada.

- Eu... eu... visitar os meus?.. Obrigado, Irmã Marina, obrigado!  
- Não a mim, Celmo, mas a Jesus, por ter dado forças a você para que não sucumbisse no desespero quando aqui chegou. Só a Ele deve agradecer a felicidade que sente. Vê? Você trabalhou em seu próprio benefício e obteve a recompensa desejada. Voltar ao lar terreno, não como um sofredor, mas como um vitorioso, para enfim ajudar a quem necessitar. Vá agora, meu amigo, e ore agradecendo a Jesus este instante de alegria.

Levantei-me feliz, enquanto as lágrimas inundavam minhas faces. Corri como criança para meu quarto e de joelhos agradei a Jesus toda a alegria indescritível daquele momento.

Quase não consegui repousar durante a noite, tamanha era a minha excitação pelos acontecimentos do dia seguinte.

Tão logo amanheceu, nos reunimos no pátio do hospital, enquanto Irmã Marina dava as últimas instruções aos auxiliares que ficariam em nossa Vila.

Estaria ela ausente por vários dias e deixava agora Nicanor responsável pelo bom andamento do hospital.

Finalmente, após as despedidas, partimos. Eu não conseguia esconder a emoção que sentia.

Ao cabo de algumas horas penetramos a crosta terrestre. Nuvens densas envolviam a atmosfera agora pesada. O veículo que utilizávamos corria veloz por entre as densas nuvens.

- Lá está a Terra - disse Irmã Marina, quando avistamos um pequenino ponto perdido no espaço. Estamos chegando. Deixá-lo-ei no caminho - disse, virando-se para mim. - Meu filho, não se deixe dominar pelas emoções - falou bondosa. Segurou minha mão entre as dela.

- Se precisar, chame o socorro - disse Estácio em tom de pilhéria, enquanto apontava para João Francisco, sentado logo a meu lado.

- O momento realmente não é para brincadeiras - disse Irmã Marina. - Nosso Celmo pode realmente precisar de ajuda.

Entregando-me um objeto circular espelhado, disse:

- Se necessitar de nosso socorro, basta nos chamar e estaremos ao seu lado.

- Mas... eu...

- Basta se concentrar e orar. O socorro será imediato, meu filho. Agora vá e que Deus o acompanhe.

O veículo estacionou de frente a uma velha casa. Saltei ligeiro, despedindo-me de todos. Fiquei ainda por longo tempo ali parado observando a caravana que se afastava ao longe.

Finalmente voltei o olhar e observei aquela morada. Não sabia ao certo o que iria encontrar, mas Irmã Marina avisara-me de que minha missão seria naquela residência. O resto saberia depois, ela havia dito carinhosamente.

Adentrei pela porta. A sala espaçosa continha apenas uma mesa e algumas cadeiras. Demorei-me observando aquele aposento. Tudo estava calmo. Quem encontraria ali? Que surpresas meu coração sentiria, eu não sabia, mas uma enorme emoção começou a tomar conta de todo o meu ser. Andei alguns passos e fui ao aposento contíguo.

Duas pessoas se encontravam ali em conversação. Reconheci-as de pronto.

Era Lamura, a bondosa Lamura de meus dias terrenos. Atirei-me em seu pescoço, beijei-a emocionado. Dir-se-ia que ela sentiu meu abraço, pois passou as mãos no pescoço, suspirando sentida. Percebi que as recordações lhe assaltavam a alma.

Selma, a jovem filha de Lamura, de quem eu me acercava no momento, lhe preparava a refeição e percebendo a repentina emoção da mãe disse:

- Espere um instante, mãezinha, quero terminar sua refeição.
- Não, não tenho fome. Não desejo alimentar-me agora, minha filha. Venha ajudar-me. Quero apenas repousar.

Selma colocou a refeição no prato à frente da senhora e disse com meiguice:

- Outra vez, mamãe? Fico triste quando a senhora recusa alimentar-se... vamos... só um pouquinho...
- Não, filha, não quero... as pernas doem-me muito... quero deitar-me agora... mais tarde, quem sabe - disse Lamura tentando ser agradecida.

Foi então que vi Selma erguer a nobre senhora nos braços qual fora uma criança e levá-la para o leito. Meu coração partiu-se. Lamura estava parálitica. Aquela pobre alma que tanta energia e forças possuía estava agora parálitica. O quadro era realmente comovedor. Senti que as lágrimas banhavam meu rosto enquanto observava a dedicação de Selma para com a mãe, outrora uma mulher vibrante, cheia de vida, e que transmitia toda a sua determinação a todos que a rodeavam.

Após acomodá-la, dirigiu-se para a sala. Sentou-se e em prece silenciosa e triste pedia pela saúde da mãe que, dia após dia, perdia o encanto de viver.

Acerquei-me de Selma. Ela trazia os olhos úmidos. Tentei consolá-la, no entanto, a jovem não percebia meus pensamentos de conforto e encorajamento em sua luta.

Acerquei-me então de Lamura em seus aposentos, procurando transmitir-lhe meus pensamentos. Esta pareceu compreender-me e, como que sentindo minha presença, mais confortada chamou pela filha:

- Selma, venha aqui.

- Sim, mamãe...

- Fique comigo.... vamos conversar um pouco. Perdoe sua mãe pelo trabalho que ela lhe dá, minha querida companheira...

- Mamãe, não fale assim - disse, comovida a jovem. - A senhora bem sabe que não é isso o que me aborrece... eu queria tanto vê-la feliz... apesar da doença. Por que não deixa que eu a leve para passear de quando em vez? A senhora não poderá viver sempre no leito...

- Filha - tornou a senhora com o semblante iluminado. Amanhã consentirei em sair com você.

- Bravo, mãezinha - disse a moça exultante. - Assim é que se fala. Oh! Mamãe estou feliz, muito feliz. Escute, por que não vamos à aldeia ver os pescadores voltando em seus barcos como fazíamos noutros tempos?

A moça falava tão feliz e emocionada que não percebeu que os olhos da mãe se encheram de lágrimas.

- Eu não poderia... não poderia... - gemeu a senhora em seu leito.

- Oh! Querida, entristeci-a? Por que não procura habituar-se à idéia de que tudo está acabado? Vamos colocar um final nesse sofrimento todo. Não podemos viver de recordações que só nos trazem amarguras, lágrimas...

- Você sabe que não posso esquecer minha filha - tornou a senhora, amargamente. - Como pode pensar em novamente voltar à aldeia, se lá...

- Continue, mamãe - pediu a moça. - A senhora nunca pronunciou o nome, por quê?

- Sofro com a recordação de tudo...

Selma, entretanto, prosseguiu enérgica:

- Sofre com a recordação de Celmo, das crianças, de Sarah, de papai? É isso, mamãe? Mas os mortos estão em paz, mamãe. Tenha ânimo e procure dominar esta tristeza. Um dia estaremos todos juntos, um dia quando soubermos sofrer com paciência, como Sarah sofre sua desdita.

Lamura escutava a filha, tentando reagir. Eu me sentia emocionado ante o sofrimento de uma e a bondade e firmeza da outra.

- É isso, mamãe... ela está sendo punida por suas próprias mãos. Nada há de errado nos caminhos de nossas vidas. Somos nós que traçamos nossos caminhos, minha mãe. Nós buscamos as dores e as alegrias que nos acompanharão pela vida afora...

- Mas é minha filha, como você... e sofro sabendo que ela está em total abandono e sofrimento - interrompeu a senhora.

- Sarah sabe o que está fazendo. Ela tem razão, mamãe. Não concordou em voltar porque no fundo de sua alma não deseja fazê-la sofrer ainda mais.

- Mas, sofro muito mais assim, sem saber o que será de seu futuro... Meus dias e pensamentos são todos voltados a ela, aos seus atos impensados e às conseqüências amargas que eles acarretaram...

- Mamãe - interrompeu a jovem balançando levemente a cabeça. - Não se canse... se Sarah voltasse, a senhora estaria mais triste ainda vendo-a padecer o remorso de seus erros passados. Ela escolheu seu destino e acredita que desta forma pagará por seus erros. E é bem verdade, Alá a perdoará se souber realmente sofrer com resignação. A pobre senhora prorrompeu em soluços. Selma acariciou-lhe a fronte.

- Não se prejudique com essas lembranças. Se sua Sarah quisesse, teria voltado para junto de nós.

- Talvez não pudesse... não pudesse... - soluçou Lamura. Resolvi então intervir, mas meus esforços foram em vão, pois não consegui acalmá-la, e a dispnéia aumentava-lhe causando dores no peito.

Lembrei-me de orar segurando o objeto de metal nas mãos, concentrando-me na figura de Irmã Marina.

Imediatamente e para meu assombro, apareceu na superfície polida do objeto a fisionomia de irmã Marina. Pedi então o seu concurso, explicando-lhe o ocorrido. Avisou-me ela de que pediria ajuda em um posto ali nas proximidades e que logo teria socorro para minha doente. Alguns segundos após, adentraram o recinto dois enfermeiros que a mim se apresentaram.

Um deles, após examinar Lamura, saiu a procura de ervas medicinais. Logo a seguir voltou trazendo nas mãos um maço de ervas as quais colocou em um recipiente de metal onde após ferver por alguns minutos fez compressas no peito da senhora. Lamura já começava a dar sinais de melhora. Sua respiração tornara-se calma, e a senhora pôde finalmente repousar.

Sensibilizado, orei agradecido a Deus por tudo após a partida dos emissários abnegados.

Mal acabara a prece e ouvi a voz de Irmã Marina, atrás de mim.

- Então, meu filho, tudo está mais calmo agora?

- Oh! Irmã Marina, que felicidade a minha ver aliviado o sofrimento de Lamura.

Ela olhou a doente que trazia agora a fisionomia tranqüila e acariciou sua frente, com ternura.

- Vamos indo então - disse. - Agora que tudo está bem. Não há necessidade de nos demorarmos por aqui.

Acerquei-me de Lamura e depositei-lhe um ósculo na frente. Ela estremeceu e sorriu feliz, meio adormecida. Irmã Marina observou:

- Sim, finalmente tudo está bem.

Abracei Selma com ternura de um irmão agradecido e acompanhei Irmã Marina até o veículo que se achava em frente à velha casa.

- Meu filho - voltou ela a falar -, ainda deseja prosseguir em sua visita? Ainda deseja ver Sarah?

Fiz um sinal afirmativo com a cabeça. Era o que mais queria.

- Muito bem. Nós o acompanharemos até lá.

## Capítulo XXV

“O desencarne de Sarah...”

O veículo transpôs as portas de uma cidade árabe que eu bem conhecia.

Velhas recordações assaltaram-me à mente.

Fora ali, naquela velha Mahaba, que eu me unira a Sarah há tantos anos atrás, por isso, quando o irmão Estácio disseme que Sarah se encontrava em um hospital, as recordações avivaram-me a mente, deixando-me aniquilado.

- Irmã Marina, quer me fazer um favor? - Pedi com tristeza na voz agora embargada. - Ajude-me. As lembranças me dominam a mente. Creio não ter forças para continuar, embora seja o que mais desejo no momento.

- Ore, meu filho, não há melhor remédio do que a oração quando se tem a alma corroída por lembranças amargas.

Constrito, pedi ao Pai Maior forças suficientes para aquele reencontro. Alguns instantes mais tarde, sob o efeito benéfico da oração e dos

passes que Irmã Marina aplicara em minha fronte, estava novamente pronto para ouvir o que ela tinha para me relatar.

- Sua querida Sarah - começou ela - terá apenas uma semana de vida terrena. Seus sofrimentos físicos findarão nesse prazo, meu amigo. Nossa amiga, contraiu grave enfermidade durante uma epidemia que houve nesta cidade há algum tempo atrás. Seu organismo se encontrava debilitado e a enfermidade tomou conta dele provocando-lhe enorme sofrimento. Encontra-se neste estado há muito tempo. Recebe cuidados de mãos caridosas, mas o conforto de que realmente necessita é o espiritual.

Suas forças estão se exaurindo dia após dia e em breve estará do lado de cá, carregando na alma as cicatrizes que acarretou durante sua existência terrena. É necessário agora, caro amigo, que suas forças e seus pensamentos se concentrem apenas em ajudá-la nesse momento que é de crucial importância para o equilíbrio de nossa irmã que agoniza seus últimos instantes de reflexão e lapidação de seu Espírito através da dor física e moral. Jesus está conosco e ao lado de todos que sofrem. Tenha, pois, forças suficientes para ajudá-la.

Emocionado com as palavras sábias de Irmã Marina, adentramos o aposento onde se encontrava Sarah.

Um forte odor de medicamentos exalava daquele pequeno compartimento.

Estendida sobre uma cama estava aquela a quem eu muito amara. Meu primeiro pensamento foi correr até ela e abraçá-la, mas Irmã Marina, como que lendo meus pensamentos, segurou-me as mãos pedindo-me calma.

Contendo minha ansiedade, apenas olhei de longe aquele corpo tão frágil envolto em uma atmosfera de dor e sofrimento. De sua radiante beleza, pouco restara. As mãos outrora autoritárias e firmes se encontravam agora mirradas, estendidas ao longo do corpo em uma expressão de abandono. Suas faces estavam encovadas, não mais tinham o frescor da juventude. Seus longos cabelos negros já não possuíam mais o viço de outrora. Somente seus olhos conservavam aquela antiga expressão que em nada haviam mudado.

Sentindo no peito uma imensa dor, uma dor que só os que muito amaram poderiam sentir, acerquei-me do leito vagarosamente e com ambas as mãos segurei a cabeça de minha amada e depus em sua fronte um longo e emocionado beijo que traduziu toda a minha ternura por

aquela que não soubera entender meu amor.

Parecendo perceber nossa presença, Sarah debatia-se no leito respirando com dificuldade. Embora seu coração não entendesse o porquê estava agitado. Lembranças de nossos tempos vieram-lhe à mente em turbilhão. Nossos filhos, nós, nosso passado, sua fuga, suas desditas, seu remorso, o abandono, tudo vinha à tona em sua mente como um vulcão adormecido que sente necessidade de explodir, jorrando suas lavas quentes na tentativa de aliviar seu conteúdo fervente.

- Não... deixe-me... tenho medo... - falava Sarah arquejante. Ele voltou... ele voltou... não... não... não me deixem só... tenho medo. A enfermeira aproximou-se ministrando-lhe compressas frias sobre sua fronte febril.

Irmã Marina ao mesmo tempo aplicava-lhe passes que, em poucos minutos, fizeram-na adormecer.

- Em breves dias você a terá novamente a seu lado - disse-me enquanto acariciava as mãos de Sarah, como quem acaricia as mãos de uma filha querida. - Por hora não devemos molestar nossa irmãzinha com lembranças que no momento não serão benéficas. Dentro em breve voltaremos aqui para iniciarmos seu desligamento do corpo físico. Tenha paciência, Celmo. Você permanecerá ao lado dela durante estes momentos para que a ampare até a nossa volta. Que Deus o

proteja, meu filho!

Dizendo assim, Irmã Marina e sua caravana deixaram o aposento partindo para outra missão.

Voltei-me então e mais uma vez fitei longamente aquele frágil corpo sobre a cama.

Meu Deus! Por que nossos caminhos haviam se distanciado tanto? Nossos sonhos, nossos filhos, nossas vidas, o que acontecera? Em que momento de nossas vidas dissemos adeus à felicidade que tanto havíamos buscado e lutado? Havíamos enfrentado em nome do amor que sentíamos o preconceito de Lamura, o abandono dos que se diziam nossos amigos e tantas outras coisas, para depois... para depois não resistirmos aos nossos próprios sentimentos.

Ah! Se eu soubesse naqueles dias o que sei hoje... Ah!, se eu tivesse sabido ser paciente com os caprichos de Sarah, se eu tivesse tido a sabedoria de entender suas necessidades pessoais e ajudá-la a superar as angústias naturais de quem ainda não havia se encontrado... Mas, o passado estava agora muito distante de nós. Nossos erros, nossas verdades pessoais haviam se perdido na

distância deixando apenas o gosto amargo da derrota em nossos corações.

Por que caminhos aqueles pés delicados e apressados haviam caminhado, nem eu mesmo saberia dizer.

Por quanto tempo foi feliz ao lado de meu irmão? Quantas noites lamentou o abandono de nossos filhos? E depois... onde buscou a felicidade tão efêmera que sonhava?

Também eu me sentia culpado por suas desditas. Sentia a alma angustiada, pois não soubera partilhar com minha companheira suas angústias, julgando-as infantis e sem propósito. Não soubera ajudá-la a crescer para a vida. Não soubera lhe indicar o caminho para a felicidade a meu lado e ao lado dos filhos que tanto necessitavam de sua presença.

Uma nuvem de tristeza invadiu minha alma. Percebendo que meus pensamentos faziam com que Sarah se agitasse no leito, busquei imediatamente desviar minhas lembranças para acontecimentos menos amargos.

Estava disposto a ajudá-la na sua partida. Seria para ela um irmão, um verdadeiro amigo. Agora entendia o significado do amor e meu coração embora guardasse ainda as lembranças do sofrimento por que passara quando encarnado, aprendera a perdoar, perdoar e amar muito.

Sentei-me ao lado da cabeceira de sua cama e afaguei seus cabelos enquanto seu Espírito agitado se preparava para a grande partida.

A noite caiu lentamente, e as estrelas brilharam no firmamento embelezando aquele momento tão esperado por mim.

Quando amanheceu, Simão adentrou a porta do quarto

para iniciar o processo do desligamento do espírito de Sarah.

Imediatamente iniciou seu trabalho com extremo carinho e precisão. A medida que Simão desligava os fios que prendiam-na ao corpo físico, sua respiração ia-se tornando mais ofegante.

Entrara agora numa espécie de semicoma.

O médico terreno fora chamado pela enfermeira, mas já não se poderia fazer mais nada.

Sarah articulava algumas palavras desconexas e seus gestos eram agora inconscientes.

De repente seus olhos se abriram desmesuradamente e fixaram-se em mim que estava aos pés de sua cama observando o trabalho de Simão.

- Ela o está reconhecendo - disse Simão. - Será dificultoso se ela

sentir medo. Espere-me ali, mais afastado, pois do contrário demorarei muito para desligar o cordão principal que a liga à vida terrena. Afastei-me de pronto.

Em alguns segundos Sarah estremeceu seu pequeno corpo num último suspiro. A enfermeira ajoelhou-se ao lado da cama e fez uma pequena prece que muito favoreceu o trabalho de Simão.

Em seguida, já liberta do corpo físico, mas sem que se apercebesse do fato, abriu os olhos e avistou a figura de Simão à sua frente.

- Quem és, generoso senhor, que aqui estás? Ajude-me... sei que vou morrer em breve e não quero sofrer mais. Tenho medo... temo a morte. Errei muito e sei que serei punida quando morrer... ajude-me... ajude-me... livre-me da punição que me aguarda... - dizia, enquanto grossas lágrimas desciam de seus olhos.

- Vem, vamos levá-la para um local onde receberá a cura completa para seus males. Não tenha medo, minha querida filha.

E tomando-a pelas mãos, qual criança indefesa, saíram do quarto vagarosamente.

No amplo corredor do hospital terrestre fora colocada uma maca onde Sarah deitou-se, amparada por Aristides, um dos ajudantes de Simão. Em seguida ela adormeceu profundamente.

- Por enquanto você não poderá vê-la - disse Simão. - Nossa irmã está muito fraca, sofreu muito e o remorso lhe corrói a alma. Sua presença junto a ela atrapalhará a cura, tornando nosso trabalho demorado e penoso para ela. Poderá vê-la enquanto estiver adormecida.

Percebendo meu desapontamento, prosseguiu:

- Não se desespere, meu caro. Já é uma enorme felicidade o fato de te-la no mesmo hospital em que reside. Seria mais doloroso se a deixássemos entregue à própria sorte, não acha? Se você se apresentasse a ela agora, só lhe causaria pavor. Espere até que se sinta em condições de conhecer sua nova situação e desejar vê-lo então. A nossa felicidade, Celmo, reside em amarmos a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos. Trabalhe e busque este amor.

Senti-me envergonhado pela minha posição tão egoísta. Havia realmente tanto para se fazer, tantos para auxiliar na mesma situação em que Sarah se encontrava e eu havia me entregue apenas a um objetivo. A minha satisfação própria.

- E mesmo - arrematou Simão - será necessário que ela sinta realmente a solidão em sua alma para que consiga se conduzir melhor

no futuro. Por hora devemos esperar. Ela voltará logo ao estado de vigília e muito ainda irá sofrer até que tenha consciência total de seus atos. É uma dor necessária. Já é uma bênção e um consolo para seu coração, meu amigo, podermos levá-la para Vila Marina. Saiba que essa bênção foi concedida a esta pobre irmã por méritos seus, meu amigo. Foi através de sua dedicação a outros irmãos necessitados que o Pai permitiu que a retirássemos do corpo tão logo desencarnasse e a conduzíssemos a um local de recuperação, pois do contrário ela estaria entregue à própria sorte. Apesar de muito ter sofrido já na Terra, não conseguiria por si só encontrar ajuda aqui no plano espiritual.

Nossa irmã carece de entendimento espiritual. Tão logo a acomodemos em Vila Marina, começaremos nosso trabalho junto a ela.

Assim que voltamos a Vila Marina, despedi-me de Simão e de seus ajudantes abnegados, agradecendo do mais fundo do meu coração por toda a ajuda que haviam dispensado a minha querida Sarah. Já no quarto, deitado em meu leito, sentia o coração um tanto infeliz, mas agradecido ao Pai pela oportunidade que dera a Sarah. Da janela via a pracinha rodeada de árvores e flores. Demorei-me bastante apreciando o céu que aos poucos se tornava rubro. As estrelas salpicavam o firmamento como que dizendo o quanto Deus era grande e o quanto eu ainda tinha por aprender.

Também eu me sentia só, naquele momento tão importante de minha vida. Irmã Marina tinha razão, a solidão às vezes faz bem à alma. Permite que coloquemos nossos pensamentos em ordem, que procuremos dentro de nós as respostas que tanto desejamos. E eu as tinha achado naquele momento: "Entregaria minha vida ao trabalho, entregaria meu trabalho à minha evolução e deixaria tudo nas mãos sábias de Deus".

Fechei a janela vagorosamente e, com um sorriso nos lábios, adormeci em paz.

## Capítulo XXVI

“O desvaneio de Sarah...”

Decorridos alguns meses de tratamento nas câmaras de recuperação, Sarah agora estava pronta para receber a revelação de sua nova condição na espiritualidade.

Como todos os demais internos daquela ala, ainda acreditava estar vivendo na face terrena. Encontrava-se agora com outro aspecto, recuperara a saúde e o vigor do corpo espiritual.

Fora Nicanor o encarregado de lhe esclarecer a situação.

- Não, não posso crer no que me dizes! - repetia entre lágrimas num misto de espanto e incredulidade. - Fui trazida para este hospital e recolhida por mãos caridosas quando deveria estar ainda sofrendo? Oh!, não, não posso crer que isto seja a morte... Não, não pode ser assim!

- Acalme-se - pedia Nicanor - , do contrário todo o seu tratamento ficará prejudicado. Agora que sabes toda a verdade, convém que descanses um pouco e reflitas em tudo que te foi dito. Procure meditar e se possível adormecer. Verás como irás sentir-se melhor depois que acalmar-se.

Tão logo Nicanor se retirou do aposento, Sarah procurou lembrar minuciosamente todas as palavras do instrutor e raciocinar com mais clareza o ocorrido. Tudo agora parecia novo. Todos aqueles dias passados ali, aquelas palestras, que muitas vezes lhe haviam parecido tão estranhas, começavam a fazer sentido em seu coração.

Meu Deus! Então era verdade. Ela não mais fazia parte do mundo dos vivos. Uma forte emoção tomou conta de seu coração. Sentia-se agradecida e amedrontada com a nova revelação.

Temerosa ante a nova situação, procurou acalmar-se e dar livre curso às recordações.

Aceitava o fato de estar desencarnada e questionava-se onde estariam os seus?

Onde estariam Lamura e Farid Camur que tanta dor haviam causado em sua existência? E seus filhos como estariam agora?

Na manhã seguinte seu primeiro pensamento seria conversar com a bondosa Irmã Marina e indagar de tudo quanto ignorava.

Relembrou os filhos distantes, crendo que ainda vivessem na Terra, e pensou em seu pai que desencarnara há tanto tempo. Onde estaria ele agora? Se a morte do corpo reúne um dia todos os familiares, como havia aprendido com Sêunio, então certamente haveria de reencontrá-lo. Como estaria Farid Camur? Teria ele se modificado após a morte? Poderiam finalmente se entender? Haveria perdão desta feita nos lábios de seu pai? E a mãe? Onde estaria? Quando em vida, tivera notícias de que ela se encontrava com a saúde bastante debilitada e muito embora, na ocasião, tivesse sentido imensa vontade de voltar para o seu aconchego, achara prudente continuar seu

destino ao lado de Sêunio.

Aprendera com ele o valor do trabalho, como maravilhoso medicamento para seus males, ajudara seus semelhantes, sem esperar nenhuma recompensa. Já não possuía nada de bens materiais desde que deixara Centromel em companhia de Lucas. Dentro de um padrão quase de miséria absoluta, vivera ultimamente ao lado de Sêunio até seus últimos dias. Eram duas almas comungando os mesmos ideais até o dia em que contraiu a estranha moléstia que a levou à morte.

Sêunio estivera em sua companhia até o final de seus dias terrenos. Lembrou-se dos momentos em que agonizava febril, parecendo-lhe antever a figura do esposo a seu lado e depois a terrível escuridão em que se encontrou por momentos ou dias, não saberia definir ao certo. Atordoada pelas emoções e vencida finalmente pelo cansaço adormeceu.

A porta se abriu na manhã seguinte e Irmã Marina apareceu sorridente.

Seu coração aquietou-se então.

A bondosa senhora sentou-se a seu lado, adivinhandolhe os pensamentos. Tomou suas mãos entre as dela dizendo:

- Acalme esse coraçãozinho. Teus filhinhos encontram-se desencarnados. Foi há bastante tempo, necessitavam dessa prova para seu amadurecimento espiritual. Noto que não tinhas conhecimento desse fato, minha filha, mas isto não deverá preocupar-te agora. Eles encontram-se muito bem, estão em companhia de Lamura, que juntou-se a nós, há algum tempo!

A preocupação maior de Sarah naquele momento era livrar-se daquele pesado remorso que a consumia.

Quis saber mais. Mesmo sabendo antecipadamente a resposta a sua pergunta, ela insistiu:

- E Celmo? Também está entre nós? Também deixou a Terra como eu? Poderei vê-lo e redimir-me de toda esta lama que atirei sobre os meus? Ah! Irmã Marina... não calculas o quanto o arrependimento martiriza-me a alma! Não imaginas quantas lágrimas derramei escondida de todos quando dei

me conta do que fizera a meus filhos privando-os de minha companhia. Fui por demais cruel buscando apenas a minha felicidade... não pensei no quanto meus filhos haveriam de chorar a minha ausência, no quanto eu poderia ser amada por eles, encontrando ali mesmo, em meu lar, o que tanto busquei

mundo afora ... Voltar, como? Não poderia mais recuperar em vida o afeto dos meus filhos. Restava-me apenas seguir o meu destino para não ser morta por meu marido, que, traído, certamente sofrera muita humilhação.

Se houvesse um modo de recomeçar tudo novamente, certamente eu o faria. Daria a meus filhos todo o amor que lhes neguei. E Lamura? Perdoou-me com certeza, pois meus filhos estão em sua companhia...

- Acalme-se Sarah. Acalme-se. Não se torture assim, não há necessidade de falarmos disso agora! Com toda a certeza, haverá a oportunidade de que um dia retorne à Terra e recupere através da reencarnação, todas as oportunidades que hoje deixou fugir de suas mãos. Deus, nosso Pai Maior, nos oferece incessantemente oportunidades para que resgatemos nosso passado de culpas e nos encaminhemos à evolução espiritual. É ainda muito cedo, minha filha. Espere e confie na bondade de Deus.

Percebendo que ela continuava ainda muito aflita, Irmã Marina achou melhor inteirá-la dos últimos acontecimentos.

- Muito próximo daqui, há um pequeno mosteiro, onde estagiam algumas almas que ainda carecem de muito estudo e compreensão. Lembra-se de seu primo Nail? Pois bem, ele e Farid, seu pai, ali vivem. São encarregados, juntamente com outros trabalhadores da Colônia, do cultivo de plantações de árvores, da família dos eucaliptos, que fornecem oxigênio para a nossa pequena comunidade.

Possui ainda essa Colônia Espiritual dependências semelhantes às prisões terrenas, que albergam desencarnados procedentes das zonas umbralinas, cuja única intenção é prejudicar a ordem e o bom andamento da vida comunitária das diversas colônias espirituais espalhadas pelo espaço, próximas à Terra, como a nossa. Acreditam esses pobres irmãos que ainda possuem o corpo material e suas necessidades são também muito materializadas. Não desejam a evolução de seus Espíritos pois seu desenvolvimento espiritual ainda é muito inferior. Segregados do nosso convívio, cerceados em sua liberdade, vivem temporariamente aprisionados para que seus atos maldosos não atinjam aqueles que realmente desejam ascender a esferas mais altas.

Farid Camur solicitou este trabalho, juntamente com Nail.

O pedido de ambos foi encaminhado aos nossos postos de atendimento, e nosso Governador, depois de muita reflexão, resolveu atendê-los, acreditando que esta experiência concorreria para um melhor entendimento de ambos a respeito das coisas do espírito.

Estes irmãos enclausurados à força são mantidos sob rígida vigilância. São Espíritos por demais endurecidos e viviam a procura de suas vítimas na crosta terrestre.

Farid Camur e Nail estão encarregados de organizar palestras e estudos através dos quais procuram conscientizá-los da necessidade do amor aos semelhantes. Tem sido uma tarefa por demais árdua e de longa duração pois nem sempre são ouvidos. A virtude da paciência, o perdão e o amor, também estão desta forma sendo lapidadas no espírito de Farid Camur e Nail.

- Farid, meu pai, conscientizando-se da necessidade do amor entre as criaturas? Ah! É uma bênção ouvir essas palavras de seus lábios, Irmã Marina. Conta-me mais!

- Seu pai desencarnou há muito, como você sabe, e sofreu a ignorância de sua nova situação espiritual.

Acreditando-se ainda com vida, permaneceu por muito tempo singrando os mares como era de seu costume, até que um dia, por intuição ou misericórdia divina, percebeu que algo estranho estava acontecendo. Imediatamente, reviu-se tombado, com um punhal cravado em suas costas, na estreita ruela de Centromel. Naquele instante, toda a cena de sua morte se passou à sua frente. Fora ele assaltado após realizar a venda de um de seus barcos pesqueiros, quando voltava ao lar.

Reconhecendo o assaltante, foi por ele assassinado friamente. Como então continuava vivo?

Implorou em preces a Alá para que aquele pesadelo findasse. Não conseguia ele entender como então permanecia com todos os sentidos registrando as mesmas necessidades materiais, fome, frio... tudo era muito complicado.

Farid estava confuso e desorientado. Andava então sem rumo pela praia. Podia sentir o vento forte batendo em seu peito moreno que a camisa deixava à mostra. Sentia o sol a lhe queimar a face. Seus pés podiam perceber a areia quente e macia. Perambulou assim minha filha, entre a oração e o desespero, por muitos dias, até que certa tarde avistou uma embarcação ancorada na praia.

Era de uma luminosidade surpreendente! Farid aproximou-se, examinou-a. Não havia ninguém nas proximidades. A praia estava deserta, somente o ruído das ondas de encontro às rochas e o vento soprando forte quebravam o silêncio. Num ímpeto, pulou para dentro dela e, tomando dos remos, sentiu como se uma estranha força o impelisse a remar.

Remou, remou até suas forças se esgotarem e aportou aqui entre nós, trazido pelo rio que banha nossa colônia. Era madrugada e nossos caravaneiros o esperavam.

- Fantástico, tudo isto! - exclama Sarah. - É surpreendente o que acabo de ouvir. Meu pai, meu pai... - e prorrompeu em prantos. Irmã Marina compreendeu que havia tocado seu coração. Mesmo entre lágrimas ela pediu:

- Conte-me mais e mais...

- Não, minha querida, por hora chega. Já é o suficiente. Não precisamos remexer demais no passado. Dia chegará em que todos encontrar-se-ão. Agora, minha filha, prepare seu coraçãozinho, pois vais receber a visita de alguém que há muito está ansioso por revê-la. Antes porém, acalme-se e respire profundamente, deixando que as emanções que vêm do alto reequilibrem seu organismo.

Dizendo isto, colocou a destra na frente de Sarah por alguns segundos, transmitindo-lhe energias revigorantes.

Saiu, fechando a porta atrás de si e deixando a jovem entregue em profunda meditação.

Abri a porta mansamente e emocionado. Não sabia que atitude tomar diante daquela que fora minha amada companheira na Terra.

Sarah se encontrava recostada no leito. Tinha os cabelos presos no alto da cabeça, como antigamente. Os olhos muito grandes e negros estavam fixos em mim.

Adentrei o aposento e petrificado pela emoção permaneci parado por alguns instantes apenas a olhá-la.

Repentinamente corri até ela e estreitei-a nos braços. Sentia o coração bater fortemente dentro de meu peito como se quisesse saltar gritando toda a alegria que continha dentro dele.

Sarah soluçava e ria ao mesmo tempo em que acariciava meu rosto, enxugava as lágrimas que eu não conseguia mais conter.

Aquele momento me pareceu uma eternidade de felicidade. Tinha novamente entre meus braços a esposa amada que repetia e repetia entre lágrimas - perdoa-me, Celmo, perdoa-me, amado meu...

Com a voz embargada pela emoção eu apenas conseguia dizer:

- Querida, querida minha, estamos aqui, juntos, é o que importa...

- Oh! Celmo, Celmo, tenho amargurado a vida inteira pelo remorso de haver causado tanto sofrimento a vocês... Só Alá sabe o quanto sofri e...

- Não, não quero saber o que passou. Quando aqui cheguei senti também a necessidade de relembrar e falar daquilo tudo que havia

sofrido na Terra, mas aprendi que nosso melhor companheiro é o silêncio. Silencie teus lábios para a dor. Não devemos lembrar sofrimentos passados pois que eles nos fazem sofrer novamente e mais intensamente. Temos agora oportunidade de uma nova vida, uma vida espiritual, a nossa verdadeira vida onde o trabalho e o aprimoramento de nossa moral são os verdadeiros valores a considerar e buscar. Sintas, apenas sintas essa vibração maravilhosa que emana de nossos Espíritos e que nos impulsiona ao verdadeiro amor que engrandece a alma.

Sarah aconchegou-se ao meu peito docemente. Todas as dores ficaram agora no passado distante.

Permanecemos assim por longo tempo. Um perfume de flores parecia invadir todo o ambiente, vindo de fora, como se a brisa soprasse mansamente em nossa direção.

Meu coração queria gritar toda a alegria daquele momento tão esperado por mim. Queria dizer tantas coisas, falar de tudo aquilo que aprendera em Vila Marina e que estavam também à espera dela, mas não conseguia achar as palavras certas para aquele momento.

Aos poucos ela foi se tornando mais serena e por fim falou:

- Celmo, querido meu, procurarei fazer de agora em diante tudo aquilo que deixei esquecido em minha alma. Farei tudo para apagar a dor que semeei no destino daqueles que me foram confiados. Reconheço finalmente meus erros e sei que conseguirei...

- Não falemos do passado agora - disse-lhe eu. - Teremos muito tempo para pacientemente repensarmos tudo e programarmos nosso futuro. Agora apenas agradeçamos ao Pai a beleza deste reencontro. Façamos apenas uma promessa. A promessa de nos amarmos muito, deste instante em diante.

Sarah tinha os olhos marejados e senti que também ela assim o desejava.

Novo sepcaração...

Muito tempo se passou desde aquele dia em que finalmente nos reencontramos. O trabalho prosseguia regularmente e ao final de todas as tardes nos encontrávamos nos bosques e jardins de Vila Marina.

Ao pôr-do-sol, quando os trabalhos haviam se encerrado, Sarah e eu íamos ao templo das orações agradecer por mais um dia de bênção e trabalho gratificante. Minha alegria era visível. A passos largos ela progredia em seu desenvolvimento pessoal.

Incentivada por mim e por nossos instrutores, agora sentia-se quase

que liberta de seus temores quanto ao passado de erros.

Certa manhã, no entanto, Irmã Marina chamou-a a seu gabinete.

- Tenho algo a comunicar-lhe, minha filha - disse-lhe assim que ela sentou-se. - Quis nosso Pai que você recebesse aqui em Vila Marina seus primeiros ensinamentos para as lutas do amanhã; no entanto é mister que continue seus ensinamentos mais e mais, a fim de que, no futuro, quando aprouver receber um novo corpo na Terra, teu Espírito já esteja elucidado o bastante para que não fracasses novamente.

- É o que temo, Irmã Marina - disse a jovem.

- Não haverá motivo para temores se aproveitares as

## Capítulo XXVII

“Comunicado...”

Oportunidades suficientes bastante no mundo espiritual. Assim sendo, teu esforço próprio garantirá teus passos corretos no mundo terreno.

E, estendendo uma pequena folha de papel em sua direção, continuou:

- É um comunicado do Departamento de Ensino da Mansão do Amor. Será necessário que tu partas para lá a fim de receber o que ainda te falta.

Sarah pousou os olhos agora úmidos na interlocutora.

- Eu estava tão acostumada com todos aqui... preciso mesmo partir? - disse a jovem na expectativa de que não fosse realmente necessário afastar-se daqueles a quem aprendera finalmente a amar.

- Em Mansão do Amor - disse Irmã Marina - terás oportunidade de conviver com pessoas que como tu falharam no doce mister da maternidade. Lá encontrarás Lamura e teus dois filhos a esperá-la. Juntos freqüentarão as escolas da comunidade, onde terão ensejo de orientar-se e também abrir a mente para uma encarnação próxima. Terão o ensejo de escolher as provas e adaptar-se a elas. Irão passar por vários departamentos prestando colaboração a crianças deficientes e recém-desencarnadas, onde poderão exercitar o amor em toda a sua plenitude.

- Sim, filha. E necessário que te lembres de que, apesar de teu propósito firme de regenerar-te, ainda és muito devedora.

- Sim, não esqueço jamais - disse a jovem baixando os olhos.

- Então, que esperas? Vamos à luta, pois que ela aí está para a nossa alegria futura - falou sorrindo e encorajando-a.

Sarah enxugou as lágrimas que teimavam em cair. Seu coração compreendia que sua estada ali era apenas temporária e que necessitava muito mais para sua evolução.

- Vamos - tornou Irmã Marina -, afinal o que é mais belo? Dar ou receber? Lembre-se que dando amor e dedicação aos que mais necessitam e são também infelizes, é que receberemos em dobro futuramente. Depois, não ignoras que esta separação de Celmo é também proveitosa para ambos.

- Sim, sim. Eu sei que, pelo muito que tenho recebido de todos aqui, devo esforçar-me, porém... não me desampares... ajude-me a caminhar para o progresso de meu Espírito. Olhe or mim, rogue por mim a Jesus, para que eu não sucumba no caminho traçado por Ele. Irmã Marina pousou os olhos mansos em Sarah e elevou uma singela prece ao Pai, pedindo toda a proteção de que a jovem necessitaria para sua nova empreitada no mundo espiritual, rumo à sua evolução. Tão logo Celmo soube da eminente partida de Sarah de Vila Marina, correu ao seu encontro.

Entre lágrimas e abraços consolaram seus Espíritos certos de que a justiça divina haveria de lhes dar novo encontro. Foram dias de muita amargura para ambos, aqueles que antecederam a partida de Sarah de Vila Marina.

Naquela tarde, quando encaminhavam-se para o bosque com o coração sangrando pela saudade já presente, pois na manhã seguinte ela deixaria Vila Marina, Estácio, percebendo o sofrimento de ambos, disse:

- Ora, ora, endireite essa carranca menina, até parece que vai morrer! Num repente Sarah desandou a rir:

- É mesmo - disse eu -, não devemos deixar que a tristeza estrague nossa despedida. Cantemos, cantemos todos para afastar a tristeza. Logo a velha canção de minha terra me veio aos lábios e todos, João Francisco, Estácio e Mateus acompanharam animados. Sarah também cantava e aos poucos nossa tristeza deu lugar a uma paz crescente que invadiu nossas almas dando-nos a certeza de que nenhuma separação é definitiva.

Quando finalmente chegou o momento de nossa despedida, ajoelhamo-nos todos na relva macia daquele aconchegante bosque e pedimos em oração ao Pai pela partida de minha querida Sarah: "Agora que estamos reunidos neste singelo bosque despedimonos de nossa amiga e companheira. Pedimos, Senhor, a tua proteção para ela que vai habitar outra região em labor construtivo. Que a fraqueza

nunca visite sua alma, mas, se tal suceder, ampara-a, Senhor, para que ela possa realizar sua tarefa com amor e abnegação. Para onde vai, nossa irmã terá ensejo de aprimorar-se no trabalho edificante. Terá igualmente amigos devotados que tornarão sua estada mais feliz. Ampara-a, contudo, Senhor, para que a lembrança, daqueles que ficam, não a prejudique e sim seja estímulo para o seu progresso. Pai nosso que estais no céu, santificado seja o Vosso Nome. Venha a nós o Vosso Reino, Seja feita a Vossa vontade e não a nossa Senhor. Amparai-nos e protegei-nos. Dai-nos a diretriz segura em nosso caminho. Assim seja."

Ao final da prece, todos nós vibrávamos de amor e compreensão. Olhos úmidos pela saudade já crescente mas o coração em festa.

## Capítulo XXVIII

"A justiça..."

Após a partida de minha esposa para a outra colônia espiritual, fui transferido de local.

Fiquei trabalhando juntamente com João Francisco, no laboratório da Vila Marina.

Mesmo assim, após os trabalhos diários costumeiros, ainda me encontrava com os velhos companheiros e partíamos no mister de socorro com nossa antiga equipe.

Nas ocasiões em que tinha permissão, dirigia-me à Mansão do Amor a fim de encontrar-me com Sarah.

Trocávamos impressões sobre nossos trabalhos, relatando novos aprendizados e passeávamos como dois namorados pelos arredores encantadores da Mansão do Amor.

Sarah, além do trabalho que lhe fora destinado, freqüentava a escola de Aprendizagem Espiritual.

Possuía em seus cômodos uma brilhante biblioteca.

Partilhava seus aposentos com uma jovem de nome Alda, que ocupava o cargo de enfermeira dedicada na Mansão do Amor, e sempre que saíamos a passear tínhamos a companhia encantadora da jovem ao nosso lado. Uma forte amizade formou-se entre nós.

Trinta anos se passaram de aprendizado, trabalho e preparação para nosso futuro regresso à Terra.

Achávamo-nos agora todos reunidos em um amplo salão

em que um instrutor iria explicar sobre nossos destinos. Até aquele momento, nada nos fora dito sobre nossa próxima reencarnação. Sabíamos todos nós que um dia teríamos que retornar à Terra para o ajuste de nossas dívidas, mas não havíamos pensado realmente sobre isso até aquela convocação.

Após um longo silêncio, Salústio fez a chamada nominal de todos os presentes. Constatando que todos, ou quase todos ali estavam, com exceção de Tulí, Farid Camur, Zaira e Sêunio que se encontravam em outra Colônia Espiritual.

O restante esperava para ouvir a palavra do magistrado das reencarnações.

- Já é grande bênção o fato de todos - começou ele - estarem em condições de voltar à Terra a fim de lutar no esquecimento temporário para o aperfeiçoamento de vossos Espíritos.

Digo bênção, porque, nem todas as criaturas que para lá regressam o fazem conscientes. Mas todos que aqui se encontram muito esforçaram-se por merecer esta dádiva.

Terão uma nova oportunidade na carne onde aprenderão a lutar pelo que é justo, pelo que é nobre.

Não esqueçam que, amando-vos muito uns aos outros é que poderão vencer.

Todos voltarão para resgatarem o passado, mas regressarão com uma grande bagagem de conhecimentos espirituais.

Pelo que tenho observado, fizeram um bom progresso e diante desse esforço constituirão corpos saudáveis.

Exceto algumas doenças sem muita importância. Notem bem que isto é uma bênção do Senhor, não terão quaisquer outras mais graves.

Voltarão com o corpo sadio para que, através dele, elaborem sua elevação em direção a uma maior evolução.

E, voltando os olhos para todos nós que nos achávamos emocionados, prosseguiu com atitude paternal:

- Terão ainda algum tempo de convívio conosco antes de que os primeiros comecem a partir.

Convívio esse que deverão aproveitar bastante para aperfeiçoarem-se naquilo que ainda vos falta.

O laboratório deixou aqui as explicações necessárias para que eu vos transmita.

Folheando um livro, Salústio leu em voz alta:

- Farid Camur foi pai de nossa irmã Sarah e terá agora a oportunidade de ser seu filho.

Aprenderá a amá-la e ela receberá a incumbência de protege-lo como mãe extremosa. Não falarei sobre o que está transcrito nas entrelinhas de vossos caminhos, pois creio ser necessário apenas lembrar a todos que o amor regenera a alma enferma.

Nossa irmã Sarah terá chances suficientes de colocar em prática tudo aquilo que aprendeu em nossas câmaras. Conduzirá almas errantes ao porto seguro com sua palavra de carinho e conforto a todos que cruzarem o seu caminho.

E pousando os olhos serenos na face úmida de minha esposa prosseguiu:

- Aquela que lhe foi mãe dedicada e que agora entre todos se encontra, ser-lhe-á igualmente filha boníssima. Lamura deverá amar a mãe e assim apagará o resto do passado que ficou para trás. Isto é muito importante, Sarah. A ti caberá a maior parcela de trabalho, visto que estás disposta à regeneração. Receberás em teu regaço aqueles que lhes foram pais.

Encontrarás em Tulí não a inimiga de outros tempos mas a mãe dedicada que a ajudará a galgar a estrada que a conduzirá à perfeição e Ornara será o pai que juntamente com Tulí conduzirão Nail Camur ao caminho do bem, uma vez que ele será filho amado.

Ornara terá por mãe o espírito bondoso de Cara que nascerá em meio material de poucos recursos e estará colhendo então no trabalho a redenção para seu Espírito.

Como filho de Cara - disse Salústio para Ornara - terás igualmente muitas dificuldades materiais, mas vencerás através do esforço e de muitas renúncias pessoais.

Estará também, entre vós, formando esta nova família terrena, Família e Abraão Salus, que receberão como filhos bem amados Lucas e Selma.

Esta última estará nos ajudando muitíssimo tomando, em seu regaço, Espíritos que não fizeram parte de sua família terrena no passado, mas que igualmente necessitam de um corpo físico para completar sua evolução.

Receberá para companheiro, nesta jornada, o pai de Família em pretérita encarnação e estará assim aproximando-os nas lides do planeta.

E virando-se para Sarah, concluiu:

- A ti caberá minha filha a melhor parte do sacrifício. Já que o amor esteve muito tempo distanciado do teu coração até então endurecido, voltará com a divina obrigação de muito amar aqueles que ao seu lado

irão trilhar esses novos caminhos que os levarão à redenção. Foste motivo de discórdia e infelicidade quando viveste na Terra, agora no entanto voltarás para uni-los de novo sob o laço da compreensão e do amor. Conduzirás Lamura e Farid pelo caminho do bem e dedicarás a eles o amor que outrora lhes negaste.

Fáuzia, tu amarás como vovó extremosa, e Lucas será teu companheiro na experiência terrena.

Deverás quere-lo bem e esquecer o passado.

O amor, só o amor será tua redenção.

E a ti, - pousou o olhar em Núbia - te será também

dada a oportunidade de reparar o mal causado a Tuli. A justiça divina, meus filhos, não falha.

Eu que esperava igualmente meu quinhão nesta nova família, não o tive. Percebendo meu desapontamento Salústio observou:

- Terás a tua parte nesta luta para a felicidade futura, espere e confie em Jesus. A hora de trabalhar pelos seus chegará.

Dirigindo-se àquela que fora escrava no palácio do sultão,

pousou seu olhar amável em seu semblante perturbado e continuou:

- Núbia, a ti será dada a chance inclusive de saber fazer-se perdoar pelos inimigos através da submissão. Todos nós ternos aquilo que merecemos, não esqueçam portanto que só amando e perdoadando estaremos quites com a justiça do Alto.

Meu pensamento, por instantes, retornou ao passado, atraído por estranha força, pousando suavemente na distante Bagdá.

Revivi, com infinita tristeza, o episódio que dera início a toda essa complicada trama de emoções, ódios e traições, encontros e desencontros.

Meu Espírito, como que transportado momentaneamente até o passado, sentiu novamente a brisa quente das manhãs ensolaradas de Bagdá bater suavemente em meu rosto trazendo um agradável aroma de flores.

A escadaria do palácio de Emir Ornar surgiu à minha frente. Subi vacilante os degraus que me conduziram ao interior do palácio e adentrei a residência daquele que tanto mal causara a todos nós.

O som delicado de harmoniosa melodia vinha do aposento das odaliscas, invadindo meu Espírito de uma estranha paz.

Como que por magia, a figura de Zaira desenhou-se à minha frente, surgindo do nada.

Seu sorriso sedutor, seu olhar penetrante e convidativo aos enlevos do amor, seus cabelos negros e ondulados, caídos

ao longo dos ombros, seu andar macio, sua voz... tudo parecia muito, muito real.

Repentinamente aquela bela figura de mulher desfez-se diante de meus olhos dando lugar a uma Zaira desesperada, alucinada.

A cena de sua morte se passa então à minha frente.

Suas mãos apavoradas buscam freneticamente pelo aposento o punhal com o qual cortará os pulsos, julgando desta forma livrar-se do castigo que Emir Ornar lhe impingira.

Uma lágrima corre de seus olhos no momento em que o sangue começa a escorrer de seus pulsos.

Seu último pensamento volta-se para junto do homem que ama - Farid Camur.

Enquanto suas forças se esvaem lentamente, Zaira revê com indescritível alegria todos os momentos de idílio amoroso ao lado dele. Um último sentimento de imenso ódio e ciúme é dirigido a Lamura, a esposa de Farid.

Recosta-se no coxim e adormece o sono eterno.

Instantes após, reabre os olhos desmesuradamente sentindo a agonia da morte a lhe asfixiar os pulmões, mas... mas continua viva...

Pobre Zaira, percorre os corredores do palácio do sultão, vagando sem destino, por muito tempo sem compreender seu verdadeiro estado.

Avistava vultos que por ela passavam andando pelos corredores, alheios ao que acontecia com ela.

Sentia fome, frio, dor... Clamava por ajuda, mendigava o socorro, mas... ninguém a ouvia. Seu sofrimento era imenso, o pavor... sua companhia constante.

Certa noite, atraída pelo pensamento de Farid Camur, foi como que arrastada, sugada até o cárcere onde ele se encontrava preso, a mando de Emir Ornar há já algum tempo.

Sem entender o que ocorrera, como conseguira chegar até ali, procurou desesperadamente falar com ele.

No entanto, sua voz rouca e chorosa perdia-se no espaço que separa os vivos dos mortos. Zaira experimentava agonia cada vez mais crescente. Agarrada ao corpo do homem amado, lamentava sua desdita sem nada compreender.

Foram muitas as noites e dias em que Zaira debateu-se em desespero clamando pela palavra daquele que amava. Mas, Farid permanecia imóvel e alheio a tudo que se passava do outro lado, na vida espiritual.

E nesse estado de lamentação e agonia, Zaira não suportando mais tanto sofrimento quedou-se, escondendo-se num canto daquela cela úmida. Banhada pelas lágrimas e a dor que a torturava, adormeceu.

Ao acordar horas mais tarde, não mais encontrou Farid Camur na cela. Levantou trôpega. Cabelos emaranhados, olhos esbugalhados pelo terror de se encontrar sozinha, chamou por seu nome em vão. Bradou desesperadamente pelo ser amado. Pediu socorro, a clemência de Emir Ornar, mas sua voz perdiase no espaço entre a vida e a morte.

Chorou então por muito tempo, ali jogada ao chão daquela masmorra. Seu corpo soluçante já não tinha forças para clamar por ajuda. Presa ao cárcere, viveu Zaira por muito e muito tempo, amargando seu ato incoseqüente, completamente alheia ao que lhe havia acontecido.

Nunca mais tornara a ver Farid Camur, mas em seu coração nutria a esperança de encontrá-lo ainda uma vez mais.

Sua alma, contudo, continuava a alimentar um estranho e crescente ódio pela esposa de Farid, sem que, no entanto, pudesse compreender o quanto ela e Farid haviam mudado o destino de Lamura Camur.

Aos poucos o cheiro forte do cárcere foi desaparecendo. Comecei a sentir meu Espírito flutuar. Uma sensação de leveza tomou conta de todo o meu ser e aquela cena, que tanto me tocara, foi se dissipando como uma pequena nuvem no espaço.

Abro os olhos e percebo estar novamente no salão do ministério. Zaira não se encontrava ali entre nós, mas estaria ao lado de todos no futuro, reencarnada.

Seu Espírito estava sendo preparado para a volta.

Aguardávamos em atitude silenciosa. Tínhamos os olhos rasos d'água, pois sabíamos-nos devedores e o quanto deveríamos nos esforçar por não fracassar novamente.

Finalmente, depois de algumas horas de esclarecimentos, Salústio encerrou, entregando ao seu assistente a planta daqueles futuros corpos para serem enviados ao laboratório reencarnatório. Acerquei-me, então, juntamente com Sarah, de sua figura simpática e emocionado perguntei:

-Voltarei igualmente para a Terra? Desejo tanto regressar em companhia dos meus.

- Tua tarefa é aqui mesmo, Celmo - respondeu.

Se todos cumprirem o programa a contento poderás rejubilar-te por isso.

- Como assim? - Inquiri sem compreender.

- Ficarás encarregado de no futuro guiar os passos de nossa Sarah e de seus dois filhos, meu caro Celmo, pois que também aquelas duas alminhas necessitarão voltar para finalmente receberem de Sarah o amor que tanto buscaram. Voltarão como entes queridos quando então nossa irmã, liberta dos compromissos assumidos com os filhos, recomeçará sua jornada, auxiliando, amando e perdoando incessantemente até o último de seus dias terrenos.

Eu estava extasiado e abracei-me ao bondoso Salústio, agradecido.

- Oh! Celmo! - disse Sarah emocionada. - Estaremos outra vez separados. Não me deixes fracassar. Ajuda-me quando na Terra eu tiver o véu do esquecimento sobre minha cabeça, tenho muito receio de falhar.

- Salústio encarregará mais alguém para acompanhá-la na jornada terrena - falou Alda, aproximando-se e que durante toda a reunião havia permanecido calada.

- Quem? - Tornou Sarah, abraçando-se à amiga.

- Voltarei novamente para a Terra. Não farei parte de tua família terrena, mas Jesus guiará meus passos para junto de ti.

Abraçamo-nos sensibilizados.

- Oh! Alda, que bom estarmos juntas no caminho terreno - tornou minha esposa em lágrimas.

- Não esqueceremos a nossa amizade - aduziu Alda. - Porque é sincera e nasceu de uma noite de sofrimentos. Há muitos anos atrás, caminhamos lado a lado rumo à perfeição.

E juntos, os três, saímos daquela sala de reuniões, caminhando abraçados enquanto em nossos corações nascia uma nova esperança.

- Demoraremos mais alguns anos até a nossa partida.

Até lá ainda teremos muitas oportunidades pela frente.

Chegávamos agora à praça principal da cidade. Podia-se avistar as primeiras estrelas reluzirem no firmamento.

Sentamo-nos os três, contemplando aquela paisagem encantadora.

Foi então que recordei Tulí. Ela vivia em outra esfera, completando o seu aprendizado juntamente com outros Espíritos afins.

Do seu desencarne pouco sei, as cenas vividas no passado muitas vezes chocam nossas lembranças.

Quanto a Emir Ornar, o sultão, encontrava-se no mosteiro, ainda

recluso.

Seu Espírito, muito inferiorizado, clamava por vingança, razão pela qual fora ali mantido, após o seu desencarne, para que não exercesse sua ira sobre Tulí que ainda ensaiava seus primeiros passos na espiritualidade.

Pesaroso, afugentei aquelas lembranças.

- Quando tivermos partido daqui a alguns anos, volta a este local, Celmo, e recorda os momentos de agora - pedime Sarah. - Seja para nós este recanto uma fortaleza de amor e compreensão entre nós. E juntos, abraçados, os três permanecemos mudos ante a contemplação das luzes que acendiam uma a uma no firmamento envolvendo nossa colônia em maravilhoso crepúsculo.

## Epílogo

Poucos anos mais tarde, começaram a partir em direção à Terra os primeiros Espíritos que fundariam a família terrena que hoje existe em uma cidade do Brasil.

E foi assim que mais uma vez aquelas almas sofredoras, que viveram em século passado em terras árabes, voltaram a reunir-se desta vez em situações diferentes, mas todos com a bênção da luz renovadora do Espiritismo em seus lares.

Aquela que outrora vivera em Bagdá, sob o nome de Tulí, e que era dotada de uma beleza loura e graciosa e que vivera adornada de jóias, é hoje uma senhora de simplicidade tocante, completamente diversa da outra.

O maestro Camur, de porte elegante e alto, é hoje um jovem inteligente e sensato, que com pouco mais de três anos de idade já executava músicas no piano de sua casa, demonstrando o forte pendor musical que trouxera em seu Espírito.

Ornara, que na época vivera em companhia do sultão, renasceu em meio humilde para que assim fizesse por seu próprio esforço sua elevação espiritual.

Hoje depois de muitas tentativas frustradas, vê finalmente seu ideal concretizado. Fázia, Cara, Abraão, Família, Lamura, Selma, Sarah, Jamil e Farid, que tiveram seus destinos no passado entrelaçados e que descendiam de alta linhagem, reencarnaram em lares simples onde lutam para conquistar a felicidade à custa de trabalho edificante, bem como Lucas, hoje novamente companheiro de Sarah.

Núbia - a escrava de Tulí será criada por esta na atual encarnação,

dando ensejo assim para que ambas se reconciliem. Sêunio, o fiel amigo de Sarah, regressou também. E em momento oportuno, ela o reconhecerá no Planeta, voltando à tona as emoções vividas no pretérito. Será então, mais uma vez, Sarah Camur, colocada à prova. E Alda, a bondosa Alda que retornou à Terra em outra família, desde pequena é dedicada amiga de Sarah. Amizade imorredoura une estas duas almas que, na escola terrena, lutarão para aprender a lição maravilhosa do amor ao próximo. O tempo passou rapidamente desde aquele dia, no Ministério. Muitos já se foram, buscando na reencarnação e no esquecimento de tudo a abençoada redenção de seus débitos. Daqui de onde me encontro, busco, muitas vezes solitário e saudoso, aquele recanto maravilhoso, silencioso e, recordando a divina lição do Mestre:

"Ele sofreu e amou para que nós aprendêssemos. Ele renunciou para que seus irmãos fossem felizes. Seu exemplo de humildade nos deixa um grande legado."

Hoje dirijo daqui o meu pensamento afetoso a todos vocês que ainda se encontram na Terra, façam ou não parte da minha família espiritual, para que não cultivem o desentendimento, o rancor, a inveja, o ódio, o ciúme e a calúnia em seus corações.

Se minhas palavras puderem de alguma forma ajudá-los, considerarme-ei feliz e agradecido a Jesus por ter-me dado a oportunidade bendita de ter-lhes mostrado parte do longo caminho.

Há no mundo tantas criaturas à espera de uma palavra de carinho e um gesto de amparo. Quantas e quantas vezes poderíamos ter aliviado o sofrimento de um nosso irmão tão somente com um sorriso bondoso?

Que Jesus ilumine a senda de todos e que a luz do entendimento se faça em vossos corações, amenizando assim todas as dores e sofrimentos que a jornada terrena porventura venha lhes proporcionar.

A todos que lerem esta história, história de um homem que viveu e sofreu como vocês na Terra, meu agradecimento e que Deus esteja sempre dentro de seus corações, amparandoos nas horas difíceis da existência terrena. À minha família sempre amada e ansiosamente esperada, o meu abraço espiritual.

Celmo Robel

Fim.